

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

HELOISA AYUMI NISHIMARU DE LIMA

**Da Colmeia à Corte: o simbolismo das abelhas no Mobiliário Napoleônico**

Uberlândia

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

HELOISA AYUMI NISHIMARU DE LIMA

**Da Colmeia à Corte: o simbolismo das abelhas no Mobiliário Napoleônico**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Instituto de História da Universidade  
Federal de Uberlândia como requisito parcial  
para obtenção do título de licenciatura em  
História.

Orientadora: Semíramis Corsi Silva.

Uberlândia

2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

|              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|--------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| L732<br>2025 | <p>Lima, Heloisa Ayumi Nishimaru de, 2003-<br/>Da Colmeia à Corte [recurso eletrônico] : o simbolismo da<br/>abelha no Mobiliário Napoleônico / Heloisa Ayumi Nishimaru de<br/>Lima. - 2025.</p> <p>Orientadora: Semíramis Corsi Silva.<br/>Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade<br/>Federal de Uberlândia, Graduação em História.<br/>Modo de acesso: Internet.<br/>Inclui bibliografia.<br/>Inclui ilustrações.</p> <p>1. História. I. Silva, Semíramis Corsi, 1982-, (Orient.). II.<br/>Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em História. III.<br/>Título.</p> <p>CDU: 930</p> |
|--------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091

Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



## UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Curso de Graduação em História - Uberlândia  
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1H - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP  
38400-902

Telefone: (34) 3239-4199 - www.inhis.ufu.br - cochi@ufu.br



### ATA DE DEFESA - GRADUAÇÃO

|                                                        |                                                                        |                   |       |                       |       |
|--------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------|-------------------|-------|-----------------------|-------|
| Curso de Graduação em:                                 | História - Licenciatura                                                |                   |       |                       |       |
| Defesa de:                                             | INHIS31801 - Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II)                |                   |       |                       |       |
| Data:                                                  | 19/09/2025                                                             | Hora de início:   | 09:00 | Hora de encerramento: | 10:30 |
| Matrícula do Discente:                                 | 12111HIS206                                                            |                   |       |                       |       |
| Nome do Discente:                                      | Heloisa Ayumi Nishimaru de Lima                                        |                   |       |                       |       |
| Título do Trabalho:                                    | Da Colmeia à Corte: O simbolismo das abelhas no Mobiliário Napoleônico |                   |       |                       |       |
| A carga horária curricular foi cumprida integralmente? |                                                                        | ( X ) Sim ( ) Não |       |                       |       |

Reuniu-se presencialmente no bloco 1H, sala 1H55, do Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, assim composta: Prof. Dr. André Fabiano Voigt (INHIS/UFU); Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Marta Emísia Jacinto Barbosa (INHIS/UFU); Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Semíramis Corsi Silva (INHIS/UFU), orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos, a presidente da mesa, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Semíramis Corsi Silva, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu a discente a palavra, para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do curso.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

( X ) Aprovada Nota [100]

OU

( ) Reprovado (a)

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida foi assinada pela Banca Examinadora.

Ata de Defesa - Graduação 26 (6653427) SEI 23117.061778/2025-40 / pg. 1



Documento assinado eletronicamente por **Semíramis Corsi Silva, Professor(a) do Magistério Superior**, em 19/09/2025, às 14:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Andre Fabiano Voigt, Professor(a) do Magistério Superior**, em 19/09/2025, às 14:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marta Emisia Jacinto Barbosa, Professor(a) do Magistério Superior**, em 19/09/2025, às 20:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **6653427** e o código CRC **52D0301F**.



Dedico este trabalho à minha gatinha Mel, pela  
companhia e cuidado incondicionais, onde  
estiver agora.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente aos guias que me acompanham, por me manterem no caminho mesmo nos momentos mais turbulentos, ensinando a manter o foco e renovar-me nas dificuldades.

Agradeço também minha professora orientadora Semíramis Corsi Silva, pelo incentivo nesta caminhada acadêmica e por ter aceitado ser a bússola que me direcionou durante toda a pesquisa. Aos meus pais que sempre se mantiveram ao meu lado com todo o amor, cuidado e esforço possíveis e impossíveis para que eu realizasse meus sonhos durante minha vida inteira. Aos meus grandes amigos, que formaram minha segunda família, Clarissa Helena Basso, que me aguentou em todos os piores momentos e compartilhou os melhores durante toda a graduação, e Thiago Augusto Cavalcante Toledo, que tornava tudo mais leve com as risadas mais bobas possíveis. Ao professor e amigo André Fabiano Voigt, por todos os conselhos, acolhimento e por embarcar em todos os projetos possíveis durante o curso.

E, finalmente, à Universidade Federal de Uberlândia, ao corpo docente e funcionários da instituição por me darem a oportunidade de ter realizado minha primeira graduação.

“O crocodilo, como todos que viram  
escravos de uma ideia fixa, não passava de um  
burro.”

(BARRIE, 2013, p. 206)

## RESUMO

Ao pensar em Napoleão Bonaparte, a primeira imagem que surge é a de uma autoridade política edificada por meio das vitórias militares e da administração estatal, contudo, seu governo foi construído também na esfera simbólica e estética. O presente trabalho de conclusão de curso compreende o mobiliário não apenas como artefato utilitário ou decorativo, mas como mediador de significados culturais e políticos que atuam na formação de identidades e na naturalização de hierarquias sociais. Este trabalho analisa como a iconografia das abelhas, incorporada ao mobiliário napoleônico, contribuiu para a legitimação do poder de Napoleão Bonaparte, transpondo o discurso simbólico imperial para os espaços privados da elite francesa. Considerando que o mobiliário do período carregava mensagens políticas e funcionava como linguagem visual do Estado, foi selecionada a presença das abelhas para ser analisada como instrumento de propaganda ideológica. As principais fontes visuais utilizadas foram móveis e objetos decorativos produzidos entre 1800 e 1815, período correspondente ao estilo de mobiliário Império, analisados a partir do método iconológico panofskiano para compreender o conteúdo simbólico profundo da imagem da abelha como linguagem visual do poder. Para fundamentar a análise, recorre-se a catálogos como o *Guia de História do Mobiliário*, de Riccardo Montenegro (1995), e *De l'Antiquité à nos jours – Arts, Styles & Mobilier*, de Jean Bernard et al. (1991), que oferecem descrições técnicas e visuais de objetos decorativos franceses, relacionando estética, poder e gosto. Nesta pesquisa, articula-se história cultural, análise iconográfica e estudo da cultura material, resultando em uma reflexão sobre a dimensão política dos objetos no contexto do Império Napoleônico. Ao final, também é proposta uma discussão sobre o uso dessas fontes históricas em sala de aula, com um material didático pronto para o uso docente.

**Palavras-chave:** História Cultural; Império Napoleônico; Cultura Material; Mobiliário; Iconografia das abelhas; Legitimação do poder; Fontes históricas; Educação.

## ABSTRACT

When thinking of Napoleon Bonaparte, the first image that emerges is that of a political authority built through military victories and state administration. However, his government was also constructed in the symbolic and aesthetic spheres. This final project understands furniture not only as a utilitarian or decorative artifact, but also as a mediator of cultural and political meanings that influence the formation of identities and the naturalization of social hierarchies. This work analyzes how the iconography of bees, incorporated into Napoleonic furniture, contributed to the legitimization of Napoleon Bonaparte's power, transposing the symbolic imperial discourse into the private spaces of the French elite. Considering that the furniture of the period carried political messages and functioned as a visual language of the state, the presence of bees was selected for analysis as an instrument of ideological propaganda. The main visual sources used were furniture and decorative objects produced between 1800 and 1815, a period corresponding to the Empire style of furniture, analyzed using the Panofskian iconological method to understand the deep symbolic content of the image of the bee as a visual language of power. To support the analysis, catalogs such as Riccardo Montenegro's "Guide to the History of Furniture" (1995) and Jean Bernard et al.'s "De l'Antiquité à nos jours – Arts, Styles & Mobilier" (1991) are used. These catalogs offer technical and visual descriptions of French decorative objects, linking aesthetics, power, and taste. This research combines cultural history, iconographic analysis, and the study of material culture, resulting in a reflection on the political dimension of objects in the context of the Napoleonic Empire. Finally, a discussion on the use of these historical sources in the classroom is also proposed, with ready-to-use teaching materials.

**Keywords:** Cultural History; Napoleonic Empire; Material Culture; Furniture; Iconography of Bees; Legitimation of Power; Historical Sources; Education.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1: Trono de Napoleão Bonaparte, no Palácio de Fontainebleau, 1805. ....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | 30 |
| Figura 2: Abelhas em moedas antigas. (a) Uma moeda de bronze cunhada em Éfeso, datada entre 202 e 133 a.C., com uma abelha. (b) Um antigo óbolo da Macedônia, datado entre 412 e 350 a.C., mostra uma abelha.....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | 39 |
| Figura 3: Moeda de Tonga representando vinte abelhas voando ao redor de uma colmeia central produzida como parte do programa internacional de moedas da FAO (1975–1979) para promover a agricultura sustentável.....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | 39 |
| Figura 4: Primeiras representações de abelha na arte. (a) Reprodução de arte rupestre representando um coletor de mel cercado por abelhas pintada em uma parede na Caverna da Aranha (perto de Valência, Espanha). (b) Logograma do rei do Alto e Baixo Egito, incluindo o hieróglifo da abelha. (c) Escultura do mesmo logograma (centro) seguido de um cartucho em uma parede de um templo em Karnak (Luxor, Egito). ....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | 41 |
| Figura 5: Brasão imperial do Primeiro Império Francês representando as abelhas douradas escolhidas por Napoleão como símbolos de seu Império.....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | 45 |
| Figura 6: Abelha Imperial das decorações da Coroação na Catedral de Notre-Dame (Abeille impériale de bronze doré ayant servi à la décoration de Notre-Dame lors du Sacre) 1804, bronze dourado; 9,0x8,0cm. ....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | 46 |
| Figura 7: (a) Carta de proveniência datada de dezembro de 1814, escrita por David a Talleyrad, pedindo emprestado os mantos imperiais de Notre-Dame para usar como referência em sua pintura da coroação. (b) Transcrição da carta da imagem (a), onde lê-se 1 Um ornamento do Manto Real Imperial de 2 Napoleão Bonaparte [ilegível]. Ele foi coroado Imperador da 3 [da Guarda?] pelo Papa Pio VII na Igreja de Notre-Dame 4 e [ilegível] pelos superiores daquela Igreja. Também o 5 Manto Real da Imperatriz Maria Luísa. 6 Por Mister Joseph Fournier, dezembro de 1814 7 Dado a mim por Mister Joseph Fournier como testemunho dos Cumprimentos 8 John Wilson 9 Numéro 7 Boulevard des Italiens 10 Em Paris 11 16 de dezembro de 1814. (Tradução nossa). .... | 47 |
| Figura 8: (a) Abelha bordada em ouro do Grande Manto de Napoleão, usado em sua coroação em 1804. (b) Detalhe das vestes do retrato de Napoleão feito por François Gérard em 1806. ....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | 48 |
| Figura 9: Trono de Napoleão, projetado para o castelo de Saint-Cloud.....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | 52 |
| Figura 10: Lareira de mármore de Siena, de 1820. ....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | 54 |
| Figura 11: Trono do Senado de Napoleão Bonaparte.....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | 55 |
| Figura 12: Caixa de correio pessoal de mogno de Paulina Bonaparte (Princesa Borghese). ...                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | 56 |

## LISTA DE QUADROS

|                                                                                                                                                                   |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Quadro 1: resumo gráfico geral dos estilos de mobiliário em países selecionados, cronologicamente.....                                                            | 30 |
| Quadro 2: Usos históricos do símbolo da abelha anteriores a Napoleão Bonaparte. ....                                                                              | 40 |
| Quadro 3: Demonstrativo das habilidades e competências presentes na BNCC que se encaixam na análise iconográfica de fontes históricas nas aulas de História. .... | 64 |
| Quadro 4: proposta de mediação para leitura crítica de objetos antigos direcionada ao Ensino Fundamental. ....                                                    | 66 |
| Quadro 5: proposta de mediação para leitura crítica de objetos antigos direcionada ao Ensino Médio.....                                                           | 67 |
| Quadro 6: Plano de aula modelo para aplicação do material didático proposto no presente trabalho.....                                                             | 69 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|      |                                |
|------|--------------------------------|
| a.C. | Antes de Cristo                |
| BNCC | Base Nacional Comum Curricular |
| d.C. | Depois de Cristo               |
| E.F. | Ensino Fundamental             |
| RPG  | <i>Role-Playing Game</i>       |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                      |           |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                                              | <b>17</b> |
| <b>Capítulo 1 – A Política dos objetos: Estética, Poder e Cultura Material do Império Napoleônico .....</b>                          | <b>21</b> |
| 1.1. Mobiliário como vetor político: cultura material e poder .....                                                                  | 21        |
| 1.2. Ascensão e consolidação de Napoleão .....                                                                                       | 25        |
| 1.3. Estética do poder: o estilo Império .....                                                                                       | 28        |
| 1.4. O mobiliário como propaganda política: a <i>Kunstwollen</i> entre as elites .....                                               | 33        |
| <b>Capítulo 2 – O simbolismo da abelha: tradição, poder e legitimação imperial .....</b>                                             | <b>38</b> |
| 2.1. Os usos históricos do símbolo da abelha anteriores ao governo napoleônico .....                                                 | 38        |
| 2.2. A iconografia do Regime napoleônico: as abelhas como simbolismo, heráldica e construção do poder napoleônico .....              | 43        |
| 2.3. A presença das abelhas no estilo Império: a repetição simbólica como instrumento de reforço ideológico .....                    | 49        |
| 2.4. Estudo de casos: análise da presença da abelha no mobiliário napoleônico .....                                                  | 51        |
| 2.4.1. Trono de Napoleão Bonaparte, projetado para o castelo de Saint-Cloud .....                                                    | 52        |
| 2.4.2. Lareira de mármore de Siena .....                                                                                             | 53        |
| 2.4.3. Trono do Senado de Napoleão Bonaparte .....                                                                                   | 55        |
| 2.4.4. Caixa de correio pessoal de mogno de Paulina Bonaparte (Princesa Borghese) .....                                              | 56        |
| <b>Capítulo 3 – Fontes históricas e pensamento crítico: o uso da iconografia dos móveis napoleônicos no ensino de História .....</b> | <b>54</b> |
| 3.1. O ensino de história e o trabalho com fontes: fundamentos teóricos e possibilidades pedagógicas .....                           | 54        |
| 3.2. O professor como mediador entre fonte e estudante: reflexões sobre a prática docente ...                                        | 57        |
| 3.3. Mobiliário e análise iconográfica dentro da sala de aula: abordagens com a Base Nacional Comum Curricular .....                 | 62        |
| 3.4. Plano de aula – O Mistério dos Símbolos do Palácio: investigando cultura material e poder no Império Napoleônico .....          | 69        |

|                                  |           |
|----------------------------------|-----------|
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b> | <b>76</b> |
| <b>APÊNDICE .....</b>            | <b>84</b> |

## INTRODUÇÃO

Ao pensar em Napoleão Bonaparte, a primeira imagem que remos é da autoridade política edificada através dos campos de batalha ou da administração estatal, porém, seu governo foi construído por muito mais do que isso, contando também com elementos da esfera simbólica e estética. Além das pinturas, e dos monumentos como o Arco do Triunfo, há também a presença do mobiliário e dos objetos decorativos do *design* de interiores, que desempenharam um papel crucial na disseminação do discurso imperial, refletindo e reforçando a identidade do regime, cuidadosamente planejada para consolidar sua autoridade. Dentre os diversos elementos utilizados na iconografia oficial, as abelhas destacam-se como um dos símbolos mais representativos do poder napoleônico, sendo amplamente incorporados ao estilo Império, presente em móveis, tecidos, tapeçarias e arquitetura decorativa. Como nada é por acaso quando se trata dos trâmites do poder, é possível perceber que a escolha de se utilizar dessa simbologia remonta à cultura clássica, sendo associada à ideia de uma monarquia legítima e próspera. Dessa maneira, Napoleão apropriou-se desse símbolo como forma de distanciar-se dos símbolos da monarquia antecessora a ele, a bourbonista, ‘criando’ uma nova identidade visual para seu império (STOANI; GARRAFONI, 2006). De maneira adicional, as abelhas também representavam organização, trabalho, prosperidade e coletividade, valores que o imperador em questão desejava projetar em seu governo (PRENDERGAST, 2022).

Diante disso, o presente trabalho de conclusão de curso busca analisar como a iconografia das abelhas no mobiliário napoleônico operou como um meio de transposição do discurso público para o privado, legitimando o poder imperial nos espaços domésticos das elites francesas. Concentrando-se entre 1800 e 1815, período que corresponde ao auge do Império Napoleônico, e à consolidação do estilo mobiliário Império<sup>1</sup>, como expressão estética do regime. A investigação se insere no campo da História Cultural, dialogando com estudos sobre cultura material, propaganda política, símbolos e construção de identidade imperial, articulando as reflexões a partir de teóricos como Roger Chartier (1988) e Peter Burke (2008).

Sendo assim, exploraremos a apropriação da simbologia da abelha no contexto napoleônico, considerando suas raízes históricas e sua ressignificação como emblema imperial. Analisaremos, ainda, a forma como essa iconografia foi integrada ao mobiliário do período (durante os estilos Diretório e Império), articulando-se com os princípios estéticos do neoclassicismo e refletindo o ideal político do regime. Sem deixar, também, de examinar o

---

<sup>1</sup> Império é o nome designado ao estilo mobiliário vigente durante o governo de Napoleão Bonaparte.

papel das abelhas na construção dessa identidade visual do Império Napoleônico, em contraste com os símbolos tradicionalmente vinculados à monarquia bourbonista. Para tanto, a metodologia adota fontes primárias como a análise iconográfica e histórica, utilizando fontes primárias como fotografias dos exemplares desse mobiliário, acessadas através da visita virtual do *Château de Fontainebleau*<sup>2</sup>. Utiliza, concomitantemente, de fontes bibliográficas como os estudos de Raquel Stoiani (2002) – doutora e História Social pela Universidade de São Paulo (USP) – e livros voltados ao *design* de interiores, além de *A Invenção das Tradições* de Eric Hobsbawm (1984) sobre a criação de símbolos e tradições para legitimação do poder, e uma reflexão acerca de Pierre Bourdieu (2008) abordando a cultura material e o gosto que são usados para marcar distinções sociais e reforçar hierarquias.

A historiografia sobre Napoleão e sua política cultural já demonstrou o papel central da arte e da estética na construção de sua imagem imperial. Contudo, a análise específica da presença das abelhas no mobiliário como instrumento de propaganda e legitimação ainda é um campo pouco explorado, já que a maioria das pesquisas mantém o olhar em símbolos tidos como mais militares, como a águia e o leão. Ao investigar esse tema, esse trabalho contribui para a compreensão de como a cultura material e política, se relacionando com o *design* de interiores, foram mobilizadas como ferramentas políticas no processo de consolidação do poder napoleônico. Portanto, nos ateremos aqui ao campo da História das Linguagens, Identidades e Subjetividade, ao investigar como elementos visuais e simbólicos, especificamente a iconografia das abelhas no mobiliário napoleônico, participaram da construção de sentidos sobre o poder, a identidade imperial e a subjetividade dos indivíduos inseridos nesse universo. Também, ao analisar móveis e objetos decorativos como suportes de linguagem, o trabalho propõe uma leitura que considera as materialidades como enunciadores de discursos históricos, capazes de expressar e consolidar valores e visões de mundo.

Nesse sentido, compreendemos o mobiliário não apenas como artefato utilitário ou decorativo, mas como mediador de significados culturais e políticos que operam na formação de identidades e na naturalização de hierarquias sociais. A presença da abelha como símbolo recorrente nos interiores domésticos da elite francesa revela uma gramática visual que promove a internalização da ordem imperial, articulando linguagem estética e subjetivação política. Além disso, a investigação contribui para os debates historiográficos sobre os modos como os sujeitos se relacionam com os símbolos do poder em sua vida cotidiana, assumindo posições e

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://frenchamericancultural.org/2020/05/07/virtual-tour-chateau-de-fontainebleau/>. Acesso em: 05 mar. 2025.

construindo pertencimentos por meio das práticas sensíveis e da experiência com os objetos. Ao iluminarmos a dimensão privada da propaganda napoleônica, oferecemos uma perspectiva sobre as estratégias de legitimação de regimes autocráticos, valorizando as formas pelas quais o simbólico opera na constituição das subjetividades históricas.

Desse modo, colocamos aqui como principal objetivo analisar como a iconografia das abelhas, incorporada ao mobiliário napoleônico, atuou na legitimação do poder de Napoleão Bonaparte, através da transposição do discurso simbólico imperial para os espaços privados das elites francesas, que também dispunham de móveis pensados, em sua maioria, para os palácios. Desta maneira, dialogamos com autores que problematizam a produção, circulação e apropriação de símbolos na construção do poder político, em especial durante o período napoleônico. Nesse contexto, a iconografia das abelhas contribui para uma compreensão mais ampla das dinâmicas entre linguagem, poder e identidade no início do século XIX. Apoiados nisso, nos debruçamos sobre o simbolismo das abelhas no mobiliário do período napoleônico, buscando compreender de que forma a apropriação desse símbolo contribuiu para a construção e legitimação do discurso de poder no contexto imperial francês. O problema de pesquisa que orienta esta investigação pode ser sintetizado na seguinte questão: de que maneira a simbologia das abelhas, incorporada ao mobiliário napoleônico, contribuiu para a construção e legitimação do discurso de poder imperial no âmbito privado?

Ao abordar essa questão, partimos da compreensão de que os objetos materiais não são neutros, mas carregam significados culturais e políticos. O mobiliário, enquanto artefato funcional e estético presente nos espaços de convivência doméstica, oferece pistas relevantes para a análise dos mecanismos de difusão ideológica, principalmente em contextos autoritários que recorrem a uma linguagem visual codificada para afirmar autoridade (CHARTIER, 1988). O estilo Império, com suas linhas inspiradas no Neoclassicismo e seus motivos simbólicos recorrentes — como a águia, o louro, as colunas e, especialmente, a abelha —, configura um universo estético deliberadamente pensado para comunicar valores imperiais de poder, ordem, continuidade e civilização (BERNARD, 1991).

A escolha da abelha como emblema não se deu de forma aleatória. Sua utilização remonta a interpretações que vinculam o inseto a ideias de trabalho coletivo, hierarquia, fecundidade e perseverança, qualidades que o regime napoleônico procurava projetar sobre si mesmo. Além disso, a abelha possui uma carga simbólica herdada do imaginário da realeza merovíngia, o que reforça a ideia de legitimidade histórica e ancestralidade imperial (PRENDERGAST, 2022). A apropriação dessa iconografia por Napoleão foi um ato político,

voltado à diferenciação simbólica frente ao Antigo Regime e à construção de uma nova narrativa de poder (STOANI, 2002).

Portanto, ao investigarmos a presença da abelha no mobiliário napoleônico, buscamos compreender como os objetos do cotidiano foram mobilizados na construção simbólica de uma autoridade política que se pretendia duradoura, legítima e grandiosa. A iconografia aplicada a móveis e elementos decorativos revela-se, assim, não apenas como adorno, mas como linguagem visual estruturada para promover a internalização dos valores imperiais e reafirmar, nos espaços privados, a presença do Estado e de seu líder.

É nesse cruzamento entre arte, ideologia e cultura material que se insere o primeiro capítulo deste trabalho, dedicado a explorar como o regime napoleônico utilizou os objetos – especialmente o mobiliário – como veículos estratégicos de poder simbólico. Em sequência, o segundo capítulo será voltado ao estudo do simbolismo da abelha, aprofundando-se nas raízes históricas e no uso político desse emblema no processo de construção da identidade napoleônica. Já o terceiro capítulo, propõe uma reflexão sobre o potencial pedagógico dessa fonte histórica, culminando na apresentação de um produto didático aplicável em sala de aula, voltado à formação crítica dos estudantes e à articulação entre cultura material, currículo e ensino investigativo.

## **Capítulo 1 – A Política dos objetos: Estética, Poder e Cultura Material do Império Napoleônico**

### **1.1. Mobiliário como vetor político: cultura material e poder**

O mobiliário vigente durante o governo de Napoleão Bonaparte, alinhado ao estilo Império, constitui uma expressiva manifestação da cultura material como vetor político, não se limitando apenas a objetos de uso cotidiano ou de valor estético, essas peças revelam as estratégias simbólicas mobilizadas pelo imperador para consolidar sua autoridade. Assim, através da escolha consciente de formas, materiais e símbolos, o mobiliário converte-se em testemunho de uma linguagem imperial.

Dessa forma, o mobiliário e os outros elementos da cultura material foram elementos centrais no projeto político de Bonaparte, atuando como veículos de legitimação do poder imperial e de formação de uma identidade visual e simbólica do Estado napoleônico. Ele utilizou-se disso para legitimar seu poder e projetar uma autoridade e grandeza, envolvendo a apropriação de referências da Antiguidade Clássica, para associar seu governo a um glorioso passado imperial. Tal estratégia incorporava elementos decorativos como motivos gregos, romanos e egípcios, presentes na arquitetura, nos móveis, nos tecidos e nas joias, sendo assim, no cotidiano das elites francesas. Ou seja, não só embelezava o ambiente ao seu redor, mas também construía uma narrativa visual que ligava seu governo ao passado clássico, conhecido por ser símbolo de poder, civismo, moral e universalismo.

Segundo Raquel Stoani (2002), essa apropriação do passado clássico funcionava como uma ponte simbólica entre o antigo e o presente, legitimando o governo napoleônico como sucessor de uma tradição imperial histórica e, assim, reforçando a autoridade e a grandeza que ele projetava para si e para a França. O estilo Império (1800-1815), reflete esse projeto simbólico, seus móveis são marcados por linhas retas, formas monumentais, uso de madeiras nobres, como o mogno, e ornamentos em bronze dourado (BERNARD, 1991, p. 65-73). Porém, ele não era apenas funcional ou decorativo, carregava uma mensagem política clara, funcionando como uma linguagem visual do Estado. A iconografia atuava como dispositivo de propaganda ideológica, naturalizando hierarquias sociais e reforçando a legitimidade do governo. Além disso, Napoleão também promoveu o mecenato das artes e das ciências,

incentivando academias e artistas, o que reforçou a produção cultural alinhada ao seu projeto político, ajudando a construir uma “topografia simbólica”<sup>1</sup> do poder.

Mediante a intenção de Napoleão de recuperar esses tesouros da Antiguidade e interpretá-los de acordo com sua política expansionista, os artistas que trabalharam sob sua proteção foram os principais responsáveis por transportar tais valores para o cotidiano da França napoleônica do início do século XIX (STOANI; GARRAFONI, 2006, p. 71).

Posto isso, o mobiliário exerce uma relevância fundamental como vetor do discurso de poder ao funcionar como um meio simbólico que comunica, legitima e naturaliza relações de autoridade e hierarquia social, atuando na construção e manutenção das estruturas de dominação. Segundo a teoria do poder simbólico de Pierre Bourdieu (GIRARDI, 2017), o poder simbólico é a capacidade de fazer ver, fazer crer e fazer agir por meio de signos reconhecidos socialmente como legítimos. Nesse sentido, o mobiliário, ao incorporar símbolos, ornamentos e estilos associados a uma autoridade política, torna-se um dispositivo que transmite e reforça a ideologia dominante.

Ainda segundo o sociólogo francês supracitado, o poder simbólico se expressa na capacidade de produzir crença naquilo que é visto, legitimando discursos e agentes sociais em determinadas posições, nesse contexto, o mobiliário é parte dos “rituais de instituição” que criam condições para o reconhecimento dos locutores legítimos, pois configura o espaço e a atmosfera onde o poder se manifesta simbolicamente, contribuindo para a construção da autoridade do governante e o reconhecimento social do seu discurso.

Os agentes sociais são capazes de mobilizar de diversas formas seu capital econômico, cultural, social e simbólico (nome de família, títulos, experiência profissional, experiência de vida, rede de relacionamentos etc.) na produção de uma percepção da ordem social. O poder simbólico é o poder de fazer coisas com palavras ou imagens, o poder de fazer ver, de fazer crer e de fazer agir; de confirmar ou transformar uma visão de mundo (GIRARDI, 2017, p. 10).

Enquanto o discurso de poder, conforme abordado por Michel Foucault (FERREIRINHA, 2010), está intrinsecamente ligado à produção e circulação de saberes e valores que moldam comportamentos e percepções sociais, o mobiliário é um elemento dessa

---

<sup>1</sup> A topografia simbólica é um conceito utilizado por Pierre Bourdieu para fazer referência à maneira como diferentes posições e espaços sociais são reconhecidos, valorizados ou marginalizados dentro do campo social. Essa noção refere-se à configuração e à organização dos bens, de status, de poder e de valores que existem nas diferentes estruturas sociais, criando uma espécie de “mapa” invisível das distinções e hierarquias que orientam as relações sociais. Ele usa esse termo para ilustrar como o poder simbólico se manifesta na distribuição desigual de posições sociais, que são percebidas e reproduzidas por meio de práticas, discursos e instituições. Assim, ela contribui para a compreensão de como os indivíduos ocupam certos lugares ou espaços de acordo com seus capitais cultural, social e econômico, e como esses espaços reforçam as estruturas de poder existentes. Sendo assim, é uma representação das posições sociais que, através do reconhecimento e dos valores atribuídos aos diferentes lugares, sustentam as hierarquias e as diferenças de poder na sociedade. (ROSA, 2017, p. 08).

rede discursiva, pois seu *design* e presença nos espaços privados e públicos contribuem para a produção de um "discurso de verdade"<sup>2</sup> que reforça o poder do Estado e suas instituições. Nesse sentido, o estilo não é neutro, ele se torna um dispositivo que articula a disciplina e o exercício do poder sobre os indivíduos. Assim, o mobiliário atua como um vetor do discurso de poder ao materializar e operacionalizar as técnicas disciplinares que Foucault descreve, tornando visível a ação do poder na organização do espaço e dos sujeitos.

Posto isso, estudar o mobiliário do estilo Império como fonte histórica vai além da função utilitária, funcionando como um documento material que revela aspectos culturais e políticos do período do Império de Napoleão Bonaparte. Do ponto de vista histórico e cultural, o estudo dele permite acessar a materialidade das práticas sociais, gostos estéticos, valores e relações de poder. Ele é um suporte das ações humanas e da ideologia dominante, cuja análise iconológica pode revelar significados profundos que não estão explicitados em documentos escritos. Desse modo, o mobiliário napoleônico é um patrimônio cultural que ajuda a resgatar e preservar a memória histórica, contribuindo para a compreensão da formação da cultura material da França e do mundo ocidental no início do século XIX.

Essa relação entre cultura material e poder político não é apenas um reflexo passivo das condições sociais e econômicas, mas desempenha um papel ativo na naturalização das hierarquias e na promoção ou resistência a mudanças sociais. Ela carrega significados simbólicos e ideológicos que influenciam a percepção e a aceitação das relações de poder (LIMA, 2011). Enquanto no âmbito político, o poder se manifesta e consolida também por meio da produção e controle da cultura, sendo o Estado frequentemente um agente produtor e censor enquanto a cultura política molda as orientações e comportamentos dos indivíduos em relação ao sistema político, contribuindo para a manutenção ou transformação das estruturas de poder. Desse modo, é um componente essencial do discurso e da prática do poder político, funcionando como uma linguagem visual e simbólica que comunica autoridade, estabelece identidades políticas e sociais, e sustenta mecanismos de controle social e dominação. Por meio dela, o poder político se torna tangível e perceptível, influenciando a experiência cotidiana e a memória coletiva das sociedades. Essa relação é complexa e dialética, já que os móveis são portadores de significados sociais e políticos. Em suma, a cultura material é a dimensão concreta onde as

---

<sup>2</sup> Para Foucault, o "discurso da verdade" não se refere a uma busca pela verdade objetiva e universal, mas sim a um conjunto de práticas discursivas que, em um determinado contexto, são consideradas legítimas e verdadeiras, moldadas por relações de poder.

relações de poder político se manifestam, reproduzem-se e eventualmente se transformam, destacando seu papel ativo nas dinâmicas sociais e políticas.

Roger Chartier (1988) propõe que essas materialidades sejam analisadas como documentos históricos legítimos, capazes de revelar o jogo entre as representações e os usos sociais, o que implica que objetos também carregam esses significados e funções sociais, sendo entendidos como construções culturais carregadas de significado. Os objetos materiais se inserem em redes de práticas, representações e relações de poder que lhes conferem sentidos específicos em contextos históricos determinados, uma vez que a interpretação de objetos depende de uma rede de relações sociais, culturais e institucionais. Ou seja, móveis funcionam como representações sociais que refletem o modo como os grupos se organizam, se identificam e exercem poder.

Reflete-se, então, que Napoleão Bonaparte utilizou isso tudo em uma estratégia complexa que ia além da força militar, nessa mesma direção, Peter Burke (2008) destaca o papel da cultura material enquanto forma de comunicação simbólica do poder, reiterando sua relevância para o estudo das estruturas de pensamento e das linguagens políticas. O historiador citado aqui aponta que a História Cultural não se limita apenas às ideias ou à alta cultura, mas também engloba práticas culturais cotidianas. Essa análise reflete o “*espírito da época*”<sup>3</sup> e ajuda a compreender processos históricos em sua diversidade cultural, conforme salienta Burke, através do interesse em símbolos, formas e experiências.

Dessa forma, torna-se evidente que o mobiliário e os demais elementos da cultura material napoleônica não apenas refletiam o poder imperial, mas também o constituíam, operando como dispositivos que traduziam a autoridade em linguagem estética. Ao assumir conscientemente esse vocabulário visual, Napoleão arquitetou uma narrativa simbólica que transcende a decoração, alcançando os domínios do político, do social e do ideológico. Contudo, para compreendermos plenamente como esse projeto estético ocorreu, é preciso retomar os caminhos que levaram Bonaparte à centralidade do poder.

---

<sup>3</sup> O conceito de “*espírito da época*” refere-se ao conjunto de valores, ideias, atitudes, símbolos, sentimentos e formas culturais que caracterizam uma determinada época histórica. Segundo Peter Burke, na abordagem da História Cultural, esse conceito busca compreender o ambiente cultural, mentalidade e as representações coletivas que predominam em um período específico, influenciando comportamentos, crenças e práticas sociais. No contexto do presente trabalho, é para analisar como esses elementos simbólicos e culturais moldam e refletem as mudanças sociais, econômicas e políticas do governo napoleônico. Essa noção permite entendermos suas características particulares, levando em consideração seus aspectos imateriais e materiais, incluindo objetos, práticas, símbolos e valores dominantes. Em resumo, “*espírito da época*” é uma expressão que encapsula o clima cultural e mentalidade de um período, sendo fundamental para a compreensão das dinâmicas históricas sob a perspectiva da história cultural (BURKE, 2008).

A seguir, investigaremos o contexto político e social da França entre o final do século XVIII e o início do XIX, destacando como a instabilidade pós-revolucionária, os anseios por ordem e a manipulação de referências históricas contribuíram para a ascensão de Napoleão Bonaparte ao governo. É nesse cenário que se desenha a consolidação de um novo regime, cuja autoridade se enraizava não apenas na força militar ou na administração, mas também na construção de um imaginário imperial legitimado por símbolos, tradições e objetos.

## 1.2. Ascensão e consolidação de Napoleão

Antes de analisarmos o mobiliário, é preciso voltar o olhar para o momento de instabilidade do país no pós-Revolução Francesa. Assim, como sabemos, a ascensão de Napoleão Bonaparte marcou uma tentativa de reorganizar a ordem política através de um novo regime: o Império. A Revolução Francesa (1789-1799) foi um período de transformações radicais que, apesar de derrubar a monarquia absolutista e promover ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, trouxe uma profunda instabilidade. Após a fase mais violenta, o *Período do Terror* (1793-1794), liderado por Maximilien Robespierre (1758-1794)<sup>4</sup>, houve um rastro de execuções em massa e repressão política, culminando na sua própria queda. Em seguida, o Diretório (1795-1799) foi uma tentativa de estabilizar o país com um governo mais moderado, mas se mostrou ineficaz e corrupto. A França enfrentava uma grave crise econômica, com inflação alta e escassez de alimentos, a sociedade estava profundamente dividida entre monarquistas e jacobinos, além disso, as potências europeias, temerosas da expansão dos ideais revolucionários, formavam coalizões contra a França, gerando constantes guerras externas. A incerteza política e social era gritante, e a busca por um líder forte que pudesse restaurar a ordem e a prosperidade era crescente<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Foi um jurista e político francês, líder dos jacobinos e uma das figuras centrais da Revolução Francesa. Ele presidiu a França durante o *Período do Terror* (1793-1794), uma fase de intensa repressão em que milhares foram presos e executados, acusados de serem contra-revolucionários. Robespierre era conhecido como "o Incorrutível" devido à sua confiança de integridade pessoal e dedicação aos ideais iluministas, como liberdade, igualdade e fraternidade. Como deputado do Terceiro Estado, defendeu a abolição da pena de morte, da escravidão e transferência pelos direitos civis de minorias como judeus e protestantes. Ao assumir o comando do Comitê de Segurança Pública, centralizou o poder para proteger a revolução, o que levou à implementação do Terror e à execução de muitas figuras políticas e adversárias, incluindo a rainha Maria Antonieta. Além do rigor político, Robespierre promoveu reformas sociais, como a constituição de 1793 e o culto ao Ser Supremo, uma tentativa de criar uma religião cívica para substituir o catolicismo. Sua queda ocorreu em 1794, quando perdeu apoio e foi guilhotinado sem julgamento, encerrando o domínio jacobino. Ele é uma figura histórica controversa, vista simultaneamente como defensor dos direitos humanos e causa de repressão brutal durante uma revolução. (ELIAS, 2022).

<sup>5</sup> As informações gerais sobre a Revolução Francesa discutidas aqui foram retiradas de: CARVALHO, Daniel Gomes de. **Revolução Francesa**. São Paulo: Editora Contexto, 2022.

Diante disso, Napoleão Bonaparte, ao tomar o poder com o golpe de 18 Brumário (1799)<sup>6</sup>, viu-se em um país desestabilizado política e economicamente, querendo unificar o país sob uma única liderança, consolidar o poder e eliminar a ameaça de golpes internos. Havia a necessidade de reformar o sistema legal, administrativo, educacional e financeiro para criar um governo eficiente e centralizado. Por isso, criou o Código Napoleônico<sup>7</sup>, uma das maiores realizações de seu governo para padronizar as leis e garantir a estabilidade jurídica. Assim que assumiu o poder, Napoleão instaurou um novo sistema<sup>8</sup>, governado por três cônsules, assumindo a posição de primeiro cônsul, (concentrando a maior parte do poder executivo e estabelecendo um governo autoritário).

Sua ascensão foi facilitada pelo prestígio conquistado nas campanhas militares anteriores, sobretudo na Itália e na expedição ao Egito, que o projetaram como herói nacional e líder capaz de restaurar a ordem e a estabilidade. Em 1804, após um plebiscito que confirmou seu apoio popular, Napoleão proclamou-se imperador dos Franceses, coroando a si mesmo em uma cerimônia na Catedral de Notre-Dame, simbolizando a autonomia do seu poder em relação à Igreja e às antigas monarquias. A partir daí, iniciou-se a fase do Império (1804-1815), marcada por uma política expansionista e as Guerras Napoleônicas (CARVALHO, 2022).

Diante do colapso da monarquia Bourbon e da experiência revolucionária radical, o governo napoleônico buscou legitimar-se por meio da força, mas também através da simbologia e da construção de uma identidade imperial, conforme analisa Raquel Stoiani (2002), a propaganda visual desempenhou papel fundamental nesse processo, levando em consideração que Eric Hobsbawm (1984) destaca que muitos dos símbolos adotados pelos regimes modernos

---

<sup>6</sup> O 18 Brumário foi um golpe de Estado realizado por Napoleão Bonaparte em 9 de novembro de 1799 (18 de Brumário no calendário revolucionário francês). Esse golpe marcou o fim do Diretório, órgão executivo da França naquela época, e pôs fim a uma fase da Revolução Francesa. Napoleão, com apoio da burguesia, do exército e dos políticos, fechou o Diretório e instalou o Consulado, tornando-se o Primeiro Cônsul com poderes quase absolutos. Esse evento consolidou a ascensão de Napoleão ao poder, permitindo que ele centralizasse a autoridade e estabelecesse um governo autoritário. O golpe também simbolizou a consolidação do poder da burguesia na França e lançou as bases para o futuro Império Napoleônico, oficializado em 1804, quando Napoleão se tornou imperador.

<sup>7</sup> O Código Napoleônico, do francês *Code civil des Français*, foi o código promulgado por Napoleão Bonaparte, entrou em vigor em 21 mar. 1804. Foi uma grande reforma do sistema jurídico francês, estabeleceu um conjunto único e sistematizado de leis civis aplicáveis a todos os cidadãos franceses, supostamente eliminando privilégios de nascimento e costumes regionais diversos. (SOUZA, 2004).

<sup>8</sup> O sistema de três cônsules foi a forma de governo estabelecida na França após o Golpe de 18 Brumário, em 1799, marcando o início do período conhecido como Consulado. Esse sistema previa a centralização do poder executivo em três cônsules: Napoleão Bonaparte como Primeiro Cônsul, Jean-Jacques-Régis de Cambacérès como Segundo Cônsul, e Charles-François Lebrun como Terceiro Cônsul. Apesar da existência formal de três governantes, o poder real estava concentrado nas mãos do Primeiro Cônsul, Napoleão, que detinha amplos poderes administrativos, legislativos e militares. Ou seja, o sistema visava dar uma aparência de colegialidade e continuidade republicana, mas na prática consolidava um governo autoritário e centralizado sob o comando de Napoleão, que buscava estabilizar a França após a instabilidade revolucionária.

são, na verdade, “tradições inventadas”<sup>9</sup>, criadas para reforçar a continuidade histórica onde ela não existia de fato. A estratégia napoleônica de apropriar-se da herança clássica e rejeitar os signos bourbonistas se insere nessa dinâmica, é um exemplo de como uma tradição pode ser construída artificialmente para servir a objetivos políticos e sociais, criando uma série de cerimônias, festas, vestimentas e símbolos. Essa construção ritualística visava legitimar seu poder pessoal e a nova ordem política que representava, isso tudo conferia uma aura de tradição e grandeza histórica a um regime que, na sua essência, era fruto da revolução e ruptura com a monarquia tradicional.

As tradições simbólicas servem para fortalecer o Estado e criar coesão social através da participação ritualizada do povo, com sua tradição simbólica, ele não apenas fomentou a unidade nacional francesa, dado que o uso de referências à Antiguidade Clássica, como demonstram Stoiani e Garraffoni (2002), insere-se nessa tentativa de reconstruir uma tradição imperial que rompia com os símbolos do Antigo Regime sem parecer totalmente desvinculada da história francesa. Além disso, obras e monumentos também evocavam as conquistas militares e a centralização do poder, estabelecendo uma narrativa visual que celebrava o imperador como herdeiro dos grandes líderes clássicos. A propaganda visual e simbólica foi ferramenta crucial para a afirmação e perpetuação do poder de Napoleão, facilitando a legitimação do imperador perante diversos públicos e períodos históricos, mesmo após sua morte.

Nesse cenário de instabilidade e busca por legitimidade, a consolidação do poder de Napoleão exigiu mais do que vitórias militares e reformas institucionais: demandou também a edificação de uma identidade imperial sólida, reconhecível e respeitável aos olhos da população e da elite europeia. Essa construção não se restringiu ao campo das leis ou da política, mas alcançou a esfera simbólica, por meio de imagens, cerimônias e objetos que projetavam o imperador como herdeiro legítimo de uma tradição gloriosa e ordenadora. Entre os elementos

---

<sup>9</sup> Conforme apresentado por Eric Hobsbawm (1984), refere-se a práticas, rituais, símbolos ou histórias que são criados ou reforçados deliberadamente para estabelecer ou consolidar uma identidade, autoridade ou memória coletiva. Essas tradições não possuem necessariamente uma base histórica antiga verdadeira, mas são apresentadas como se fossem antigas, criando uma sensação de continuidade e legitimidade de uma instituição, grupo ou regime. Elas servem a diversos propósitos, como fortalecer a coesão social, legitimar o poder político, criar um sentimento de pertencimento ou justificar certas ações ou estruturas institucionais. Essas tradições muitas vezes são reinventadas ou adaptadas no contexto de necessidades contemporâneas, produzindo uma aparência de naturalidade e antiguidade que, na verdade, é artificial. Por exemplo, a invenção de datas comemorativas, símbolos nacionais ou rituais políticos, muitas vezes, se enquadra nesse conceito, pois são criados ou moldados com o objetivo de reforçar uma narrativa social ou política específica — mesmo que suas origens sejam recentes ou manipuladas.

mais significativos desse esforço de representação do poder estava a formulação de uma estética imperial própria, cuja materialização se deu no estilo Império.

É nesse ponto que o mobiliário, a arquitetura e os objetos decorativos assumem papel central na articulação entre cultura material e poder político. Por diante, exploraremos como o estilo Império não apenas traduzia os ideais de ordem, força e universalidade do regime napoleônico, mas também operava como instrumento de distinção, propaganda e naturalização de uma nova ordem imperial.

### **1.3. Estética do poder: o estilo Império**

O estilo Império consolidou-se como a expressão estética do novo regime. Hugh Honour (1968) o define como uma linguagem visual destinada a exprimir a grandiosidade e a ordem que o Império desejava projetar, o estilo foi amplamente aplicado pelas elites em móveis, interiores palacianos, arquitetura e artes decorativas. Cada mobiliário surge como uma consequência natural do estilo que o precedeu, influenciado pelos acontecimentos históricos da época. Essa conexão está na forma como as mudanças técnicas, culturais e sociais moldam as características e as funções dos móveis, o estilo referido, por exemplo, tem forte presença do estilo neoclássico, que se desenvolve a partir de pesquisas arqueológicas e descobertas históricas daquele momento, afastando as linhas curvas do rococó e se inspirando na arte clássica da antiguidade (Estilos de Mobiliário, 1976), especialmente a partir das descobertas fruto das escavações em Pompéia.<sup>10</sup>

O estilo Império é marcado por suas formas geométricas, simetria e ornamentação inspirada na Antiguidade Clássica e no poder imperial, há forte influência da cultura greco-romana, aliada à egípcia, e uso de elementos decorativos que remetem ao militarismo e à nobreza, como troféus e águias, apesar de também incorporar motivos de folhas de acanto,

---

<sup>10</sup> Segundo Marina Regis Cavicchioli, (2005) a redescoberta de Pompeia ocorreu no contexto de escavações que se intensificaram durante o período em que o controle de Nápoles passou para as mãos francesas. As primeiras escavações em Pompeia haviam começado em 1748, mas foi somente no final do século XVIII e início do XIX que os trabalhos ganharam maior impulso. Durante o domínio francês entre 1798 e 1815, especialmente sob o reinado de Joaquim Murat (cunhado de Napoleão e rei de Nápoles entre 1808 e 1815), as escavações foram retomadas com mais recursos e organização. Caroline Bonaparte, irmã de Napoleão e esposa de Murat, foi uma entusiasta das escavações, financiando pessoalmente as pesquisas. Eles implementaram medidas para expropriar terrenos particulares, passando toda a área dentro dos muros da cidade antiga para o controle do Estado, com o objetivo de realizar escavações mais extensas e sistemáticas. Nesse período, destacam-se as escavações na Casa de Salústio, descobertas importantes como partes da muralha próxima à rua consular, o anfiteatro e a basílica. O interesse político e simbólico era evidente, já que Bonaparte via na Antiguidade Clássica uma forma de legitimar seu império, usando as ruínas de Pompeia para reforçar laços ideológicos com o prestígio romano. Assim, a redescoberta de Pompeia na época napoleônica é marcada por um impulso significativo nas pesquisas arqueológicas, com apoio direto da família Bonaparte e usos simbólicos claros na construção da identidade imperial francesa.

coroas de louro, abelhas, camafeus, entre outros. Já na estrutura dos móveis, predominam linhas retas, cantos vivos e formas simétricas, embora também seja comum o uso de curvas suaves, especialmente nas camas e móveis de assento, como as camas de gôndola e os sofás de formato curvado. Os móveis de assento são rígidos, com funções mais formais, enquanto peças como o *toilette*<sup>11</sup> e os espelhos possuem detalhes como o *psicé*<sup>12</sup>, com molduras grandes e ornamentadas, reforçando o caráter monumental e decorativo do estilo. Além disso, o mobiliário neste estilo apresenta um grande uso de bronze para ornamentação principal, enquanto a *marchetaria* cai em desuso, sendo substituída por incrustações. As formas geralmente mantêm linhas retas e superfícies planas, buscando um aspecto de perfeição técnica e elegância formal, formando um “cenário psicológico e estético em que se envolve o culto napoleônico” (MONTENEGRO, 1995, p. 108).

Entre 1800 e 1815, o estilo “IMPÉRIO” marca a vontade de um único homem de impor seu poder. Dessa ditadura nasceu um estilo de grande unidade, com formas imponentes e austeras, uma rigidez não desprovida de elegância, uma grandiosidade imperial que deslumbraria o mundo inteiro (BERNARD, 1991, p. 69).<sup>13</sup>

Tais características são visíveis, por exemplo, no trono de Napoleão Bonaparte presente no Palácio de Fontainebleau (1805), uma vez que possui um espaldar oval com insígnia de sua inicial adornada por uma decoração romana, pernas com figura antropozoomórfica que ao chegarem aos pés imitam patas de leão, oriunda do estilo egípcio, estilo também presente na frente do assento, com uma figura alada bordada no tecido vermelho.

---

<sup>11</sup> Toilette é um conjunto de móveis e acessórios utilizados para higiene pessoal e cuidados com a aparência, compostos por cômodas, espelhos, pentes, escovas, caixas para joias, e outros objetos relacionados à beleza.

<sup>12</sup> A *psicé* é um elemento introduzido pelo estilo Império, sendo uma moldura ao redor de um espelho. Possui grandes dimensões, formato redondo ou retangular, rodeado por uma moldura ornamentada, e é encaixada em um suporte conhecido como “*psyché*”. Além de sua função prática de refletir, a *psicé* é uma peça decorativa que evidencia a estética e a técnica refinada do mobiliário do período do Império, destacando-se por sua presença marcante e pelo uso de elementos ornamentais no seu entorno.

<sup>13</sup> Traduzido do francês: “Compris entre 1800 et 1815, le style ‘EMPIRE’ marque la volonté d’un seul homme, d’imposer sa puissance. De cette dictature naît un style d’une très grande unité, aux formes imposantes et austères, d’une rigidité non dépourvue d’élégance impériale qui éblouira le monde entier” (Tradução nossa).

Figura 1: Trono de Napoleão Bonaparte, no Palácio de Fontainebleau, 1805.



Fonte: BERNARD, Jean; BAUMANN, Claude; DAUDE, Bernard; LAFARGE, Marc; MARTINA, Hervé. **De L'Antiquité a nos Jours – Arts Styles & Mobilier**. Editora Massin Editeur, Paris, p. 72, 1991.

Porém, como mencionado antes, as escolhas presentes no estilo do mobiliário napoleônico não são inéditas, tendo conexão direta com o estilo antecessor, mesmo com a ideia governamental de se desvincular dos símbolos anteriores. Sendo assim, ainda há forte presença das características do estilo Diretório, que estabeleceu uma ponte de transição entre o estilo Luís XVI e o estilo Império, incorporando elementos que refletem mudanças sociais e políticas do período. Para entendermos melhor essas relações entre os estilos, segue um quadro informativo com a os estilos de mobiliário, em ordem cronológica, de alguns países selecionados de acordo com a temática do presente trabalho.

Quadro 1: resumo gráfico geral dos estilos de mobiliário em países selecionados, cronologicamente.

| ÉPOCA | ESTILO       | FRANÇA                   | ALEMANHA     | ESPANHA      | INGLATERRA            |
|-------|--------------|--------------------------|--------------|--------------|-----------------------|
| 1600  | Renascimento | Henrique IV<br>Luís XIII | Renascimento | Renascimento | Isabelino<br>Jacobino |

|      |               |                                            |                                        |                                        |                                                |
|------|---------------|--------------------------------------------|----------------------------------------|----------------------------------------|------------------------------------------------|
| 1650 | Barroco       | Luís XIV                                   | Barroco                                | Barroco                                | Restauração<br>Guilherme e Maria<br>Rainha Ana |
| 1700 | Rococó        | Luís XV                                    | Rococó                                 | Rococó                                 | Georgino<br>Chippendale                        |
| 1750 | Neoclássico   | Luís XVI                                   | Neoclássico                            | Carlos IV                              | Adam<br>Hepplewhite                            |
| 1800 | Império       | Diretório<br>Império                       | Império                                | Fernandino                             | Sheraton<br>Regência                           |
| 1850 | Romantismo    | Restauração<br>Luís Felipe<br>Napoleão III | Romantismo                             | Isabelino                              | Vitoriano                                      |
| 1900 | Moderno       | Art Nouveau<br>Cubismo                     | Jugendstil<br>Bauhaus                  | Modernismo<br>Cubismo                  | Arts and Crafts<br>Modern Style<br>Cubismo     |
| 1950 | Contemporâneo | Funcionalismo<br>Organicismo<br>Design     | Funcionalismo<br>Organicismo<br>Design | Funcionalismo<br>Organicismo<br>Design | Funcionalismo<br>Organicismo<br>Design         |

Fonte: Quadro autoral com base nas informações de ESTILOS de Mobiliário. **O Grande livro da decoração.** Lisboa: Selecções do Reader's Digest, 1976.

Agora que temos uma visão melhor dos períodos citados, podemos analisar que o estilo Diretório, marcado pela vitória da Revolução Francesa sobre o Antigo Regime, adota as linhas clássicas da Roma antiga, que também são predominantes no Império, mas começa a abandonar os detalhes mais exuberantes do estilo Luís XVI, como as incrustações elaboradas e bronzes entalhados. Assim, há uma continuidade na inspiração clássica, mas uma simplificação nos detalhes decorativos, preferindo usar mogno maciço, muitas vezes incrustado com madeiras mais claras ou marfim, porém com uma estética mais “limpa” e menos ornamentada com símbolos presentes na Revolução, como feixes de varas dos lictores, barretes frígios e lanças que simbolizam os novos tempos. Essa mudança é uma preparação para o maior uso de motivos

simbólicos e decorativos que caracterizarão o Império (MONTENEGRO, 1995). Ou seja, o Diretório reflete uma ruptura com o passado aristocrático, ao mesmo tempo que mantém a estética clássica, criando uma ponte para o estilo Império. Os objetos do Diretório ainda apresentam linhas retas e formas simétricas, características também presentes no Império, porém com menos exuberância, as formas vão se tornando mais refinadas, pesadas e monumentais, ao final, anunciando o estilo Império.

O estilo ‘Diretório’ é um estilo de transição correspondente ao período mais conturbado da história da França, entre 1793 e 1800. No entanto, ele perpetuará a tradição neoclássica que continuará na Europa. As formas e memórias são plagiadas a ponto de não terem charme e nem originalidade. Tanto isso é verdade, que nascidos da revolução, os novos-ricos de gosto duvidoso oferecem, em seus interiores pomposos e com abusos mitológicos, recepções onde mulheres vestidas de cariátides são servidas por lacaios disfarçados de escravos romanos. (BERNARD, 1991, p. 65).<sup>14</sup>

Montenegro (1995), Bernard (1991) e Baxter (2004) oferecem descrições detalhadas dos principais elementos decorativos do período, como águias, esfinges, colunas clássicas e coroas de louro. Expondo como esses ornamentos, embora visualmente impressionantes, também funcionavam como símbolos políticos. Cada detalhe visava construir uma narrativa de continuidade com a tradição imperial da Antiguidade, afastando-se da estética associada à aristocracia do Antigo Regime e reforçando a identidade visual do novo poder.

No estilo Império, as referências clássicas são amplamente empregadas na decoração e nos motivos ornamentais dos móveis, uma estética que remete à Antiguidade greco-romana. Os motivos clássicos utilizados incluem colunas dóricas e coríntias, folhas de acanto, grinaldas, coroas de louro, abelhas e elementos relacionados à mitologia e à guerra, como guerreiros, torsos, camafeus, estrelas, liras e emblemas militares. Essas referências aparecem tanto na estrutura quanto na ornamentação dos móveis, com elementos decorativos do estilo clássico, tanto de caráter arquitetônico quanto simbólico. Os motivos decorativos distribuem-se de maneira simétrica e até geométrica, reforçando a harmonia e o rigor formal do estilo. Além disso, alguns móveis apresentam elementos elaborados como frisos, molduras e detalhes em bronze ou incrustações que representam esses temas clássicos.

---

<sup>14</sup> Traduzido do francês: “Le style ‘Directoire’ est un style de transition correspondant à l’époque la plus troublée de l’histoire de France entre 1793 et 1800. Néanmoins, il va perpétuer la tradition néo-classique qui se poursuit en Europe. Les formes et l’ornementation antique sont plagiées jusqu’à manquer de charme et d’originalité. Cela est si vrai, qu’issus de la révolution, les nouveaux riches aux goûts douteux, donnent, dans leurs intérieurs pompeux aux abus mythologiques, des réceptions où les femmes vêtues comme des cariátides se font servir par des laquais déguisés en esclave romain” (Tradução nossa).

Por conseguinte, diante do fim do período rococó e em meio às transformações sociais, o neoclassicismo adquire um papel de legitimação do novo ordenamento político, especialmente na Revolução Francesa e na ascensão de Napoleão. A estética clássica fortalece a ideia de uma autoridade fundamentada na razão e na moralidade, afastando-se do excesso de ostentação e “frivolidade” do estilo anterior, transmitindo uma mensagem de poder duradouro e racional. Edificações públicas, palácios e mobiliário reforçam a ideia de uma ordem estável e de uma autoridade sustentada por princípios sólidos e universais, como por exemplo o Arco do Triunfo, considerado um plágio dos greco-romanos (BERNARD, 1991).

Ainda segundo Jean Bernard (1991), o movimento promove uma visão de progresso e esclarecimento, associando o poder a valores de racionalidade e moralidade, servindo como instrumento de legitimação tanto na política quanto na cultura. Essa estética reforça a autoridade do Estado e dos líderes políticos, como Napoleão, que adotou essa linguagem visual para consolidar sua imagem, é uma expressão estética que também funciona como veículo de ideais de poder. Assim, esses elementos clássicos presentes no estilo Império têm o papel de comunicar simbolicamente a superioridade do império, promover uma identidade visual de autoridade e perpetuar a ideia de uma autoridade legítima ligada às grandes civilizações antigas.

Sabendo de todos esses elementos, compreendemos que o estilo Império não apenas expressava uma preferência estética, mas constituía uma linguagem visual estrategicamente arquitetada para sustentar o imaginário de um governo forte, ordenado e enraizado nas “glórias” da Antiguidade Clássica e Merovíngia. As formas geométricas, os símbolos militares e os motivos não eram neutros: foram cuidadosamente selecionados para comunicar grandeza, estabilidade e legitimidade. Contudo, para que essa estética adquirisse efetividade política, era necessário que ultrapassasse os palácios imperiais e alcançasse os espaços privados e cotidianos das elites. É nesse ponto que o mobiliário assume um papel decisivo como ferramenta de propaganda e distinção.

A seguir, analisaremos como a difusão do estilo Império no interior doméstico se converteu em mecanismo de reforço ideológico e social, articulando gosto, poder e identidade através daquilo que Alois Riegl denominou *Kunstwollen* — a “vontade artística” de uma época.

#### **1.4. O mobiliário como propaganda política: a *Kunstwollen* entre as elites**

Como acreditamos ter conseguido mostrar até agora, o mobiliário napoleônico deve ser compreendido não apenas como elemento decorativo, mas como ferramenta simbólica de

propaganda. A sua presença nos espaços privados das elites funcionava como extensão do discurso público do Estado, estabelecendo uma conexão direta entre gosto, distinção e autoridade.

Segundo Lynn Hunt (2009), durante a Revolução Francesa, o novo Estado atacou diretamente os poderes tradicionais das comunidades do Antigo Regime, como a Igreja e a nobreza. Nessa redefinição do espaço privado, o mobiliário foi um elemento que carregou símbolos do poder estatal, incluiu, também, retratos de Napoleão e representações de suas vitórias, criando um papel importante na criação de uma lenda napoleônica, a nova ordem política, agora, refletia-se no ambiente doméstico. Os móveis e objetos íntimos inseridos nos recintos privados das elites eram extensões simbólicas do poder do Estado, manifestando a política revolucionária e promovendo uma conexão entre o espaço público e privado, politizando todas as coisas, “o simbolismo revolucionário não era unilateral. Os símbolos revolucionários invadiam o âmbito da vida privada, mas as marcas da vida privada, por seu lado, também invadiam o espaço público.” (HUNT, 2009, p. 25).

Mas, por outro lado, é certo que a invasão dos novos símbolos públicos nos espaços privados foi determinante para a criação de uma tradição revolucionária. Da mesma forma, todos os retratos de Napoleão e as numerosas representações de suas vitórias ajudaram a criar a lenda napoleônica. A nova decoração do espaço privado teve consequências a longo prazo, graças à vontade dos dirigentes revolucionários e seus amigos de politizar todas as coisas. (PERROT, 2009, p. 24-25).

Nessa esfera, Erwin Panofsky (2012) destaca que a História da Arte não se limita à apreciação estética, mas envolve a análise e interpretação histórica de objetos criados pelo homem, assim, o mobiliário atua como uma extensão do poder nos espaços privados ao incorporar a linguagem simbólica e ideológica do regime imperial dentro do ambiente doméstico e das residências da elite, tornando-se um veículo de comunicação visual do poder. Dessa maneira, o mobiliário integra um projeto mais amplo de personalização e teatralização do poder napoleônico, formando parte da política que molda o imaginário coletivo, funcionando como referência visual que identifica territórios, reforça o conforto e a conveniência, e influencia a percepção e o comportamento das pessoas nesses espaços.

No âmbito do estilo mobiliário Império, essa vontade artística se manifesta na extensão do poder do Estado para os espaços privados por meio do mobiliário. A *kunstwollende* de Aloïs Riegl<sup>15</sup>, reflete a intenção de projetar valores políticos e ideológicos nos objetos do cotidiano.

---

<sup>15</sup> O conceito de *Kunstwollen*, desenvolvido por Aloïs Riegl, refere-se à vontade ou impulso artístico fundamental que orienta a produção de uma determinada época ou cultura, moldando as formas de expressão artísticas.

Dessa forma, a vontade artística por trás do mobiliário Império não é apenas uma busca estética, mas uma manifestação ativa da política cultural e simbólica de Napoleão, que procura consolidar o Estado e sua hegemonia através da integração do espaço doméstico à esfera pública do poder. Uma vez que restritas às elites políticas, sociais e econômicas, principalmente à burguesia enriquecida, à aristocracia imperial e aos altos funcionários do governo, o acesso a essas peças também pode fornecer a clara mensagem de distinção social e autoridade política.

Ou seja, esses móveis eram destinados a espaços privados e públicos da elite francesa, incluindo palácios, residências oficiais e salões de recepção, demonstrando que o gosto decorativo se relaciona diretamente com a distinção social e a autoridade. Segundo Pierre Bourdieu (2008), o gosto não é um simples apreço estético, mas um mecanismo social que hierarquiza os indivíduos e grupos, distinguindo as classes dominantes por meio das preferências culturais e dos estilos de vida. O consumo de objetos decorativos, móveis e estilos específicos exige não apenas recursos econômicos, mas também um capital cultural, ou seja, um conhecimento e uma disposição estética adquiridos histórica e socialmente.

Tudo isso atua como um instrumento de legitimação da autoridade, pois a capacidade de impor um estilo considerado “refinado” ou “nobre” estabelece normas sociais e culturais que excluem grupos considerados inferiores ou “vulgares”. Essa imposição simbólica ajuda a manter as hierarquias sociais, já que o “bom gosto” torna-se um critério de inclusão ou exclusão social, reforçando a posição dominante daqueles que detêm o controle sobre os símbolos culturais e materiais. Portanto, voltando à análise de Loïc Wacquant (2013) sobre Bourdieu, os móveis, similares ao consumo cultural em geral, operam como uma ferramenta de distinção social e poder simbólico, indo além do utilitarismo para constituir um elemento do “*habitus*” — conjunto de disposições duráveis e incorporadas que condicionam gostos e práticas conforme a posição social.

A ascensão empírica na escada da classe é acompanhada por uma importante ruptura conceitual, com a elaboração da noção de “campo de poder” (esboçado

---

Diferentemente de uma simples representação de um conteúdo ou de uma intenção consciente, o *Kunstwollen* é uma força dinâmica e predominantemente inconsciente que impulsiona a evolução do estilo e do modo de fazer arte de um grupo ou período. Para Riegl, o *Kunstwollen* não é uma vontade individual de um artista, mas uma vontade coletiva, uma pulsão que se manifesta na produção artística ao longo do tempo, influenciando as formas, os estilos e as expressões visuais de uma sociedade. Ele atua na formação de estilos, reunindo objetos de diferentes épocas sob um mesmo estilo comum, mesmo que eles tenham diferenças materiais ou formalmente distintas. Assim, o *Kunstwollen* pode ser entendido como uma força estética e cultural que orienta as manifestações artísticas de uma comunidade, contribuindo para a continuidade ou transformação do estilo de acordo com as necessidades e aspirações do seu tempo, podendo ser analisado tanto do ponto de vista diacrônico (ao longo do tempo) quanto do ponto de vista sincrônico (no momento presente de sua manifestação). Portanto, “é a expressão de uma vontade que não existe independentemente de sua exteriorização específica na vida cultural de uma comunidade”. (OLIVEIRA, 2013, p. 16).

inicialmente em 1971 e desenvolvido mais vigorosamente entre 1988 e 1995, quando Bourdieu decide lidar de frente com a questão do Estado, em torno da qual circulou cautelosamente por décadas), bem como da noção de corpus (corpos coletivos, tais como as ocupações ou a família, que garantem “a afinidade de disposições e a orquestração de *habitus*”), distintos tanto de classe quanto de campo, com os quais Bourdieu procura explicar a consolidação inicial do Estado e a continuada “solidariedade orgânica” do dominante, a despeito de suas divisões objetivas (WACQUANT, 2013, p. 98).

Desse modo, para Bourdieu (2008), o gosto não é uma preferência individual ou puramente estética, mas uma expressão socialmente condicionada das disposições incorporadas pelo *habitus*, que refletem a posição social do indivíduo no espaço social. Ou seja, o grupo que detém o capital simbólico suficiente controla a imposição e a naturalização dos critérios de gosto e valor, assim, a autoridade no campo cultural está baseada no controle dos princípios classificatórios que definem o que é legítimo ou superior, funcionando como um modo de dominação.

O gosto ou as preferências manifestadas através das práticas de consumo é, então, o produto dos condicionamentos associados a uma classe ou fração de classe. Tais preferências têm o poder de unir todos aqueles que são o produto de condições objetivas parecidas, distinguindo-os todavia de todos aqueles que, estando fora do campo socialmente instituído das semelhanças, propagam diferenças inevitáveis. O gosto, dirá Bourdieu, é a aversão, é a intolerância às preferências dos outros. (ALVES, 2008, p. 03).

Diante do que foi apresentado, podemos perceber que o mobiliário napoleônico demonstra como o gosto pode reproduzir e expressar a hegemonia do poder político, servindo tanto para marcar distinção social quanto para consolidar a presença do Estado nos espaços privados, transmitindo uma legitimidade simbólica que vai além do econômico e do funcional.

Diante de tudo que foi analisado, evidencia-se que o mobiliário napoleônico operava como uma poderosa engrenagem simbólica no projeto de legitimação do Império. Mais do que ornamentar os ambientes, ele materializava as disposições do gosto dominante, transformando os espaços privados em palcos do poder e em instrumentos de distinção simbólica e política. Nessa configuração, o estilo é uma expressão concreta de uma ordem social, de um *habitus* de classe e da produção de um imaginário imperial cuidadosamente construído.

Contudo, para compreender em profundidade essa articulação entre arte, poder e cultura política no período napoleônico, é necessário observar também os símbolos específicos que estruturam visualmente essa linguagem de dominação. Entre esses elementos, escolhemos um emblema singular, presente nos tronos, tecidos, tapeçarias, selos e decorações da corte imperial: a abelha. No capítulo seguinte, voltaremos nosso olhar para esse símbolo escolhido

por Napoleão como herança da dinastia merovíngia e ferramenta de invenção de uma nova tradição.

## Capítulo 2 – O simbolismo da abelha: tradição, poder e legitimação imperial

### 2.1. Os usos históricos do símbolo da abelha anteriores ao governo napoleônico<sup>1</sup>

Antes de iniciarmos a análise acerca do papel simbólico da abelha diretamente relacionado ao governo napoleônico, é necessário entender a que contextos ela foi inserida antes de chegar no momento e nos materiais de nossa análise. Esses insetos foram frequentemente escolhidos por divergirem de emblemas tradicionais, como lanças, escudos ou animais representados ferozmente, por serem um modelo de organização social colaborativa, inteligência coletiva e harmonia, ao invés de força bruta ou de símbolo de conquista militar. Isso reflete uma preferência por símbolos que remetem a valores de trabalho em equipe, disciplina e ordem social, diferenciando-se de sinais mais agressivos ou individualistas comuns na iconografia política.

Seu papel como símbolo político, heráldico e propagandístico é multifacetado e profundamente enraizado em diferentes contextos culturais e históricos. Como símbolo político, representam valores de disciplina, eficiência e cooperação social. Sua estrutura social altamente organizada serve como uma metáfora para sistemas políticos onde a hierarquia e a colaboração são essenciais para o funcionamento eficaz do Estado ou do regime. Essa simbologia promove, assim a ideia de uma autoridade que funciona harmoniosamente através do esforço conjunto, reforçando o poder por meio de mensagens de unidade e harmonia social.

Já na esfera heráldica, ela foi adotada como um símbolo de nobres qualidades como trabalho árduo, perseverança e dedicação. As abelhas aparecem em brasões, escudos e selos de famílias ou instituições que desejam enfatizar seus valores de liderança moral. Sua presença na heráldica reforça a ligação entre esforço individual e benefício coletivo, além de conferir um caráter de ordem e pureza moral às instituições que a utilizam.

E, por último, como símbolo propagandístico, a abelha foi empregada na construção de narrativas de poder, estabilidade e prosperidade. Seu uso em moedas, sinais, cartazes e

---

<sup>11</sup> Todas as informações sobre os usos históricos da abelha como símbolo político, heráldico e propagandístico foram retiradas de: PRENDERGAST, Kit S. GARCIA, Jair E. HOWARD, Scarlett R. REN, Zong-Xin. MCFARLANE, Stuart J. DYER, Adrian G (Eds.). *Bee Representations in Human Art and Culture through the Ages*. *Jornal Art & Perception*, v. 10, p. 01-62, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1163/22134913-bja10031>. Acesso em: 05 jan. 2025.

emblemas ajuda a consolidar uma imagem de competência, harmonia e continuidade. Como é possível observarmos na imagem a seguir.

Figura 2: Abelhas em moedas antigas. (a) Uma moeda de bronze cunhada em Éfeso, datada entre 202 e 133 a.C., com uma abelha. (b) Um antigo óbolo da Macedônia, datado entre 412 e 350 a.C., mostra uma abelha.



Fonte: Phys Org. Disponível em: <https://phys.org/news/2023-07-bees-coins-millennia-hinting-age-old.html>. Acesso em: 31 jul. 2025.

Como exemplo, é possível citar o uso ajudou a promover a agricultura sustentável através da moeda de 20 centi (série 1975-1979) na nação insular de Tonga. Enquanto as moedas passíveis de coleção, geralmente, não mantêm nenhum propósito prático além do estético, essas, com abelhas presentes, possuem um uso mais funcional no caso de representações consideradas importantes à manutenção da vida humana. A moeda está demonstrada na imagem a seguir.

Figura 3: Moeda de Tonga representando vinte abelhas voando ao redor de uma colmeia central produzida como parte do programa internacional de moedas da FAO (1975–1979) para promover a agricultura sustentável.



Fonte: Colnect. Disponível em: [https://colnect.com/fy/coins/coin/11846-20\\_Seniti\\_FAO\\_-\\_Honey\\_Bees-1975~1979\\_-\\_Third\\_circulation\\_series\\_FAO-Tonga](https://colnect.com/fy/coins/coin/11846-20_Seniti_FAO_-_Honey_Bees-1975~1979_-_Third_circulation_series_FAO-Tonga). Acesso em: 31 jul. 2025.

Anteriormente a Napoleão Bonaparte, as abelhas já eram muito utilizadas em diversas culturas, ainda se destacando com os significados citados, como nos hieróglifos de abelha do

Egito Antigo, ou nos Mistérios Órficos, nos quais a abelha representava a alma, assim como nas tradições Indo-Ariana e Muçulmana. Ainda, na Índia, sugere-se que o sopro da vida (Prāna), ao se personificar como um deus, utilizava um manto de abelhas. Na Grécia Antiga, as Musas eram seres que tomavam a forma desses insetos, e, como enfermeiras, essas abelhas alimentavam a criança Zeus com mel. Aristóteles, e mesmo outros filósofos gregos, pensava que as abelhas eram orientadas pelos reis e que os enxames de abelhas iam para a guerra (SILVA, 2011).

De forma a demonstrar isso mais resumidamente, segue um quadro informativo com alguns usos simbólicos.

Quadro 2: Usos históricos do símbolo da abelha anteriores a Napoleão Bonaparte.

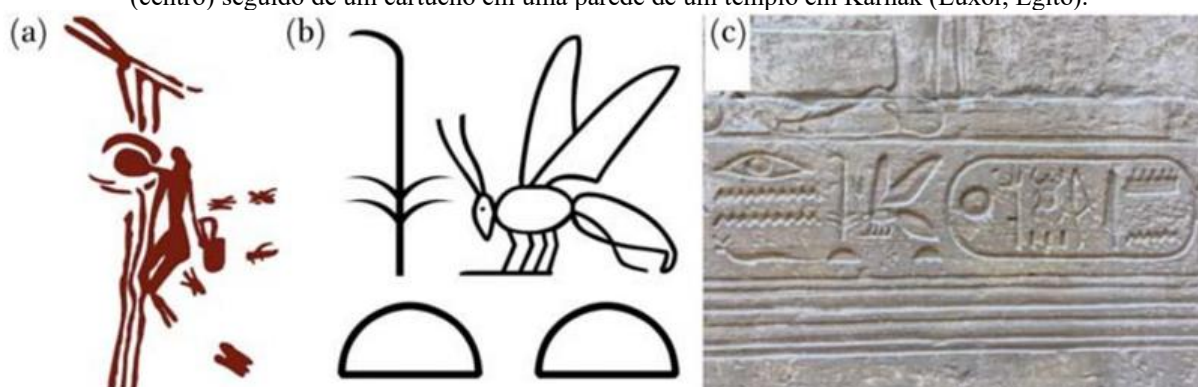
|                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|---------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Civilizações Antigas (Egito, Grécia e Roma) | A abelha foi símbolo de fertilidade, regeneração e de diligência em culturas como a egípcia, a grega e a romana. No Egito, por exemplo, a abelha estava associada ao faraó e à prosperidade, simbolizando a harmonia no reino e a união do povo (podemos ter uma ideia mais palpável de um exemplo de representação na figura 4). Na Roma antiga, as abelhas apareciam em escudos e moedas como símbolos de esforço comunitário e prosperidade. Elas também eram relacionadas à fertilidade e à maternidade, reforçando valores de produtividade e harmonia social. |
| Civilizações Mesopotâmicas                  | Evidências arqueológicas sugerem que as abelhas e a produção de mel tinham um papel importante em práticas religiosas e na simbologia de coesão social em certas culturas mesopotâmicas, representando a ideia de cooperação nas comunidades agrícolas.                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| Heráldica Medieval                          | O uso de abelhas em brasões e escudos remonta à Idade Média, especialmente na carruagem dos reis e nobres que queriam enfatizar virtudes de trabalho árduo e disciplina. Por exemplo, na heráldica francesa, a abelha foi adotada como símbolo de soberania e autoridade, bem antes do reinado de Napoleão, refletindo um ideal de força coletiva e ordem.                                                                                                                                                                                                          |
| Cultura Europeia Pré-Napoleônica            | A abelha apareceu em elementos de arte, cerâmica e arquitetura em várias regiões europeias como símbolo de labor e coesão social, especialmente associada às famílias                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |

|  |                                                                                                                                                                   |
|--|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | nobres e às instituições reais, reforçando a ideia de que a ordem social baseada no trabalho coletivamente organizado era essencial para a estabilidade política. |
|--|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Fonte: Quadro autoral com base nas informações de PRENDERGAST, Kit S. GARCIA, Jair E. HOWARD, Scarlett R. REN, Zong-Xin. MCFARLANE, Stuart J. DYER, Adrian G (Eds.). Bee Representations in Human Art and Culture through the Ages. **Jornal Art & Perception**, v. 10, p. 01-62, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1163/22134913-bja10031>. Acesso em: 05 jan. 2025.

Além das culturas demonstradas acima, há o uso pelo cristianismo, refletindo valores espirituais. Neste sentido, as abelhas foram utilizadas como símbolos de moralidade, diligência e ordem divina. A analogia da abelha foi relacionada à ideia de uma comunidade cristã harmoniosa e organizada sob a liderança divina, também simbolizando a Virgem Maria por ter gerado Cristo – o mel (SILVA, 2011). A sua estrutura social foi interpretada como uma metáfora para a Igreja, destacando a cooperação entre seus membros e a obediência às leis divinas. Entretanto, algumas interpretações associaram a abelha à alma humana que trabalha na busca pela perfeição espiritual, simbolizando o esforço humano para alcançar a união com Deus através da cooperação e disciplina internas. Não deixando de ressaltar que havia registros antes mesmo dos analisados até agora, como em artes rupestres, como a reprodução nas imagens abaixo.

Figura 4: Primeiras representações de abelha na arte. (a) Reprodução de arte rupestre representando um coletor de mel cercado por abelhas pintada em uma parede na Caverna da Aranha (perto de Valência, Espanha). (b) Logograma do rei do Alto e Baixo Egito, incluindo o hieróglifo da abelha. (c) Escultura do mesmo logograma (centro) seguido de um cartucho em uma parede de um templo em Karnak (Luxor, Egito).



Fonte: (a) Ilustração de software livre por Achillea, reproduzida sob a Licença Pública Geral (GNU) 2.0. (b) Representação padrão Unicode do hieróglifo L002A. (c) Imagem de Jair E. Garcia. Retiradas de PRENDERGAST, Kit S. GARCIA, Jair E. HOWARD, Scarlett R. REN, Zong-Xin. MCFARLANE, Stuart J. DYER, Adrian G. Bee Representations in Human Art and Culture through the Ages. **Jornal Art & Perception**, v. 10, p. 01-62, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1163/22134913-bja10031>. Acesso em: 05 jan. 2025.

Adicionalmente, a título de última citação como cultura específica, na era pré-capetíngia<sup>2</sup> e até durante os reinados dos reis merovíngios, o inseto foi frequentemente adotado

<sup>2</sup> A era pré-capetíngia refere-se ao período histórico anterior à ascensão da dinastia capetíngiana na França, que começou em 987 com a coroação de Hugo Capeto. Esse período inclui principalmente os reinados das dinastias anteriores, como a merovíngia e a carolíngia, e é marcado por um reino francês politicamente fragmentado e

como símbolo que reforçava legitimidade e autoridade. A abelha foi usada em selos, escudos e objetos de adorno reais, simbolizando a autoridade régia como um esforço coletivo e como símbolo de estabilidade do reino. Essa utilização reforçava a ideia de que a realeza merovíngia tinha uma missão de organizar e liderar sua comunidade de forma ordeira e produtiva, refletindo os valores associados à abelha, como a cooperação e o esforço conjunto para o bem comum.

Os significados simbólicos associados às abelhas são frequentemente contraditórios. As abelhas são ocupadas, mas também vigilantes (uma vez que se acreditava que elas nunca dormiam); elas representam pureza, mas também fertilidade; loucura, mas também sabedoria; morte, mas também imortalidade. Uma fonte francesa dá às abelhas de uma colmeia o significado de uma “primeira matéria” alquímica. A colmeia é um importante símbolo Maçônico. (SILVA, 2011, p. 03).

Como visto até agora, ao longo da história, a abelha consolidou-se como um símbolo versátil e carregado de significados que extrapolam fronteiras culturais, religiosas e políticas. Sua presença recorrente demonstra como esse pequeno inseto foi investido de valores simbólicos que ressoam com ideias de ordem, trabalho, pureza e legitimidade — qualidades fundamentais para qualquer projeto de poder que deseje se apresentar como justo, eficiente e duradouro.

Esse percurso histórico-cultural revela que Napoleão Bonaparte não fez uso da abelha de maneira arbitrária. Ao contrário, sua apropriação foi estratégica, consciente e profundamente inserida em uma tradição simbólica que lhe conferia autoridade e ancestralidade. A partir deste ponto, voltamos nosso olhar para como o regime napoleônico se valeu desse símbolo tão antigo para construir uma nova linguagem do poder. Sem delonga, analisaremos como as abelhas foram incorporadas à iconografia de seu império e de que forma contribuíram para legitimar o novo regime, como herdeiro de uma tradição imperial e sagrada.

---

enfraquecido. Antes da dinastia capetíngia, a França era dividida em várias regiões controladas por senhores feudais, duques e condes que gozavam de autonomia significativa, limitando o poder central do rei. A dinastia carolíngia, que precedeu os capetíngios, não conseguiu conter invasões, nem manteve o controle sobre todo o território francês, que estava bastante fragmentado. Assim, o poder real naquela época estava restrito a uma pequena região ao redor de Paris. Esse era o contexto político e social em que Hugo Capeto foi eleito rei, numa França instável, com grande autonomia dos nobres locais e pouca centralização do poder real. A ascensão dos capetianos marcou o início gradual da consolidação e centralização do Estado francês, processo que levaria vários séculos até que o rei aumentasse efetivamente seu controle sobre todo o território. (FAWTIER, 1969)

## **2.2. A iconografia do Regime napoleônico: as abelhas como simbolismo, heráldica e construção do poder napoleônico**

Como vimos no capítulo anterior, Bonaparte buscava, através de símbolos, desvincular-se das heranças deixadas pelos Bourbon e construir uma nova identidade nacional para seu governo, tendo como uma das medidas – no âmbito de criação de tradições – a substituição da flor-de-lis<sup>3</sup> pela abelha. Essa escolha recomendava uma imagem que poderia ser mais universalmente aceitável e promover uma ideia de poder natural e duradouro. A razão por trás dessa escolha simbólica reside na intenção de comunicar aspectos que Napoleão desejava cultivar para consolidar sua autoridade e legitimar sua visão de um império baseado na ordem natural e na meritocracia. As abelhas também carregam um significado que oferecia suporte a narrativa de uma autoridade que é, ao mesmo tempo, moderna e ligada a tradições antigas — uma estratégia que diferencia sua simbologia de outras, mais agressivas ou assertivas. Além disso, esse uso refletia uma estratégia de representação cultural que poderia apelar a uma ampla gama de pessoas, ao invés de um símbolo de poder exclusivo de classes militares ou aristocráticas (PRENDERGAST, 2022).

O papel central dos símbolos na iconografia napoleônica é a construção e a comunicação visual do poder do imperador, além de criar uma narrativa política que reforçava sua imagem e influência, esses símbolos atuaram como elementos consolidando sua presença e sua trajetória histórica por meio da representação pública e monumental. Milhares de elementos simbólicos foram empregados para expressar diferentes aspectos do governo e da figura de Napoleão, eles funcionaram para associar o imperador a valores como centralização, ordem, glória militar, proteção da nação, criação de instituições e reformas internas.

A partir da leitura do mobiliário como expressão simbólica do poder napoleônico, torna-se possível perceber a centralidade da iconografia no regime. Entre todos os emblemas utilizados na arte e na decoração oficial, como esfinges, grifos, leões alados, águias, golfinhos, centauros, ânforas, vestais dançando, vitória alada, deusa Fortuna, estrelas, espadas, canhões,

---

<sup>3</sup> O simbolismo da flor-de-lis para os Bourbon estava profundamente ligado à sua legitimidade, ancestralidade e continuidade dinástica. Ela é um símbolo tradicional da monarquia francesa, representando a linhagem real, a pureza, e a divindade do poder régio. Para eles, ela funcionava como um emblema de legitimidade histórica, conectando-se às antigas monarquias de França e à tradição régia que reivindicavam manter e reforçar. Sua utilização pelos Bourbon valorizava a sua origem divina e a legitimidade absoluta de seu império, além de servir como um símbolo de união e soberania centralizada em torno do trono. Portanto, ela encarnava a continuidade da tradição monárquica francesa, ao mesmo tempo em que se diferenciava de outros símbolos de poder utilizados por outros regimes ou dinastias. Durante o período de restauração monárquica, a flor-de-lis retornou como um símbolo de resistência às tentativas de questionar ou substituir a legitimidade monárquica tradicional em favor de ideais republicanos ou revolucionários. (STOANI, 2002).

troféus de guerra, a letra N na coroa de louros e cisnes<sup>4</sup>, destacamos aqui a abelha como um dos mais recorrentes. Sua presença em tronos, tapeçarias, tecidos e ornamentos diversos não é apenas decorativa: trata-se de uma escolha heráldica e ideológica.

Assim, os elementos decorativos da tumba guardam consigo uma série de simbolismos que refletem de algum modo a construção simbólica do poder napoleônico. A câmara subterrânea, onde se encontram seus despojos, é circular, lembrando a questão cósmica, de centralização, de onde tudo emana e para onde todo o universo se volta. Esta parte circular se apoia sobre doze figuras femininas aladas, em mármore branco, cujo aspecto majestoso foi dado por Duret, que envolvem com seu olhar e com sua disposição circular o túmulo do imperador. Para os mais desavisados não passariam de figuras angelicais, mas são na realidade figuras de Vitórias que evocam seus feitos gloriosos. Os dez baixos relevos, executados por Simart entre 1846 e 1852, terminam o conjunto, registrando para a posteridade os mais relevantes eventos da política interna do Império Napoleônico, no qual o imperador ainda parece presidir os trabalhos dos homens que o cercam: la Pacification des troubles civils; le Concordat; la Promulgation du Code Civil; la Creation de l'ordre de la Légion d'honneur; du Conseil d'État; de la Cour des Comptes; L'Organisation de l'Université; des grands Travaux Publics; la protection accordée au Commerce et à l'Industrie; la Centralisation Administrative (STOANI, 2002, p. 201)

Além disso, esses símbolos eram palco de disputas políticas intensas ao longo do século XIX, manifestando-se em ações como a destruição ou restauração de estátuas e monumentos — que representavam a legitimidade do regime de Napoleão. Em sua dissertação de mestrado, Raquel Stoani (2002) debate que, historicamente, a abelha foi adotada por Napoleão como símbolo por representar trabalho árduo, ordem, cooperação e indústria, além de remeter a uma Antiguidade imperial<sup>5</sup> anterior à monarquia dos Bourbon. Essa escolha, que decorava seus ornamentos e objetos pessoais, tinha também o propósito de associar seu poder à linhagem dos antigos reis, reforçando sua autoridade como soberano legítimo e fundador de uma nova dinastia. Essa simbologia servia para construir uma imagem imperial distinta, que, apesar de romper com a monarquia tradicional, buscava a aprovação histórica e simbólica da realeza ancestral, colocando Napoleão dentro de uma genealogia de poder duradoura e respeitável.

<sup>4</sup> Segundo Riccardo Montenegro (1995), os cisnes foram adicionados ao estilo Império como forma de agradar a imperatriz Josefina.

<sup>5</sup> A Antiguidade citada refere-se à Antiguidade Merovíngia, ou seja, ao período dos reis merovíngios da França (séculos V a VIII). Segundo Jeffrey Merrick (1989), a escolha da abelha por Napoleão como símbolo imperial buscava legitimar seu poder ao associá-lo à dinastia merovíngia, considerada uma linhagem real anterior à monarquia dos Bourbon. Essa associação se baseia na descoberta, em 1653, do túmulo do rei merovíngio Childerico I (século V), pai de Clóvis, que foi considerado o primeiro rei dos francos unificados da França, onde foram encontradas cerca de trezentas abelhas de ouro, interpretadas por antiquários como emblemas da dinastia merovíngia, e alguns estudiosos da época chegaram a sugerir que a flor-de-lis dos Capetíngios teria derivado dessas abelhas. Napoleão utilizou-se desse símbolo para criar uma conexão visual e simbólica com uma “antiguidade imperial” francesa, distinta da tradição dos Bourbon, reforçando sua imagem como fundador de uma nova dinastia legítima e enraizada na história nacional.

Desse modo, a abelha figurava como um elemento central na construção simbólica do poder napoleônico, expressando valores de ordem, trabalho comunitário e continuidade histórica. Ela foi escolhida por Napoleão como um símbolo que remetia a uma Antiguidade legítima e a uma ordem natural, substituindo os símbolos reais tradicionais, como a flor-de-lis, ligada à monarquia anterior.

Segundo Eric Hobsbawm (1984), a abelha simbolizava a ideia de uma sociedade trabalhadora, ordeira e próspera, projetando a imagem de um império sólido, organizado e eficiente. Essa adoção de símbolos e ritos que aparentavam ter raízes antigas conferia a Napoleão uma legitimação simbólica, essencial para regimes que surgem por meio de rupturas como a Revolução Francesa. A abelha, embora não estivesse associada diretamente à monarquia, foi “inventada tradicionalmente” para substituir símbolos dinásticos e criar um novo sistema de referências, reforçando a soberania imperial. Ou seja, as abelhas serviam para criar um sentido de unidade e identidade compartilhada entre diferentes setores da sociedade, tornando o poder do imperador mais atraente e fácil de ser aceito pela população (PRENDERGAST, 2022).

Diante de tantos significados, em um momento de rompimento com o Antigo Regime, Napoleão Bonaparte investe nesse símbolo em diversos objetos e até mesmo em seu brasão, como pode ser visto a seguir.

Figura 5: Brasão imperial do Primeiro Império Francês representando as abelhas douradas escolhidas por Napoleão como símbolos de seu Império.



Fonte: Imagem de Katepanomegas reproduzida sob a licença Creative Commons Attribution ShareAlike 3.0 e General Public License (GNU)

O brasão acima revela uma forte associação simbólica entre a coroa imperial, o poder régio e a realeza, além de um profundo simbolismo ligado à natureza e à organização social das abelhas. Esses insetos, presente por todo lado branco do tecido representado atrás da águia, são frequentemente inseridos em contextos heráldicos e em símbolos reais na Europa. De uma perspectiva mais ampla, sua presença no brasão pode refletir também uma conexão com a ideia de regeneração e renovação, tamanha a importância simbólica que receberam na iconografia europeia, especialmente após a Revolução Francesa, onde símbolos de esforço coletivo ganharam destaque. Além disso, as abelhas foram muito utilizadas como adornos na Catedral de Notre-Dame durante a coroação de Napoleão Bonaparte, como na imagem a seguir:

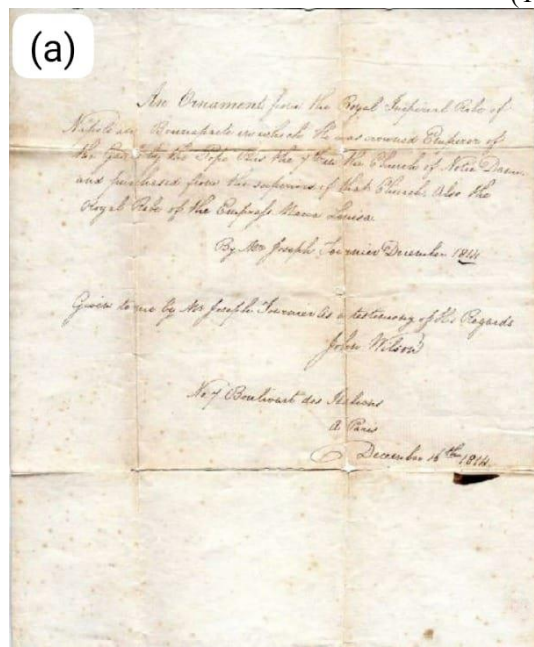
Figura 6: Abelha Imperial das decorações da Coroação na Catedral de Notre-Dame (Abeille impériale de bronze doré ayant servi à la décoration de Notre-Dame lors du Sacre) 1804, bronze dourado; 9,0x8,0cm.



Fonte: Museu de l'Armée, Paris (inv. 05297; Ce 22), Paris - Museu de l'Armée, Dist. RMN – Pascal Segrette.

Essa figura da abelha imperial nas decorações da coroação de Napoleão na Catedral de Notre-Dame, presente durante a cerimônia de coroação, reforçava a ideia imposta de que Bonaparte era o herdeiro de uma longa tradição de liderança forte e ordenada, similar à organização social das abelhas, que é hierárquica, eficiente e produtiva. Essas representações reforçam a ideia de que o poder imperial não era apenas político, mas também natural e social, apoiado pela ordem natural, tanto que estava presente até mesmo no manto utilizado naquela ocasião, esse, posteriormente, foi emprestado, através da análise de uma carta (demonstrada a seguir), para ser usado como referência na pintura da coroação (hoje, presente no Museu do Louvre), ampliando os locais de influência do símbolo utilizado.

Figura 7: (a) Carta de proveniência datada de dezembro de 1814, escrita por David a Talleyrad, pedindo emprestado os mantos imperiais de Notre-Dame para usar como referência em sua pintura da coroação. (b) Transcrição da carta da imagem (a), onde lê-se 1 Um ornamento do Manto Real Imperial de 2 Napoleão Bonaparte [ilegível]. Ele foi coroado Imperador da 3 [da Guarda?] pelo Papa Pio VII na Igreja de Notre-Dame 4 e [ilegível] pelos superiores daquela Igreja. Também o 5 Manto Real da Imperatriz Maria Luísa. 6 Por Mister Joseph Fournier, dezembro de 1814 7 Dado a mim por Mister Joseph Fournier como testemunho dos Cumprimentos 8 John Wilson 9 Número 7 Boulevard des Italiens 10 Em Paris 11 16 de dezembro de 1814. (Tradução nossa).



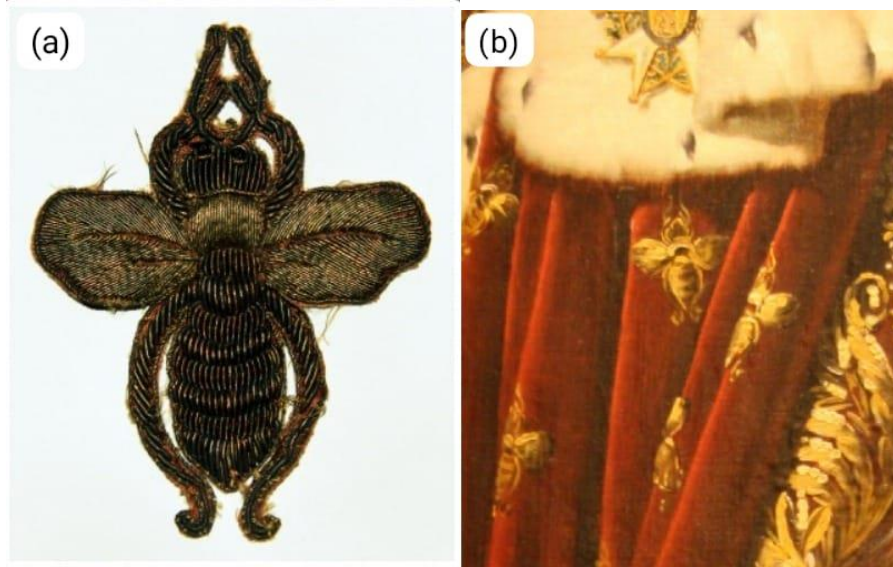
1 An Ornament from the Royal Imperial Robe of  
 2 Napoleon Bonaparte [ilegível]. He was crowned Emperor of  
 3 the [Garde?] by the Pope Pius the 7<sup>th</sup> in the Church of Notre Dame  
 4 and [ilegível] from the superiors of that Church, Also the  
 5 Royal Robe of the Emperess Maria Louisa.  
 6 By Mister Joseph Fournier Dezember 1814  
 7 Given to me by Mister Joseph Fournier as a testimony of the Regards  
 8 John Wilson  
 9 Numéro 7 Boulevard des Italiens  
 10 A Paris  
 11 December 16<sup>th</sup> 1814 (b)

Fonte: (a) A private Napoleonic collection in Sydney, Australia. Disponível em: [https://www.frenchempirecollection.com/napoleon\\_bee.html](https://www.frenchempirecollection.com/napoleon_bee.html). Acesso em: 31 jul. 2025. (b) Transcrição realizada pelo professor André Fabiano Voigt, da Universidade Federal de Uberlândia, para o presente trabalho.

Segundo as informações disponibilizadas pelo Museu do Louvre em seu *site online*<sup>6</sup>, essa peça foi exposta na catedral até a primeira Restauração Bourbon, em abril de 1814, sendo doados por Luís XVIII aos cônegos de Notre-Dame, que por sua vez decidiram vendê-los, separando as partes da roupa e vendendo as abelhas de ouro por peso, “sobrevivendo” apenas uma, na figura a seguir.

<sup>6</sup> Disponível na página de web: <https://collections.louvre.fr/en/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

Figura 8: (a) Abelha bordada em ouro do Grande Manto de Napoleão, usado em sua coroação em 1804. (b) Detalhe das vestes do retrato de Napoleão feito por François Gérard em 1806.



Fonte: (a) *A private Napoleonic collection in Sydney, Australia*. Disponível em: [https://www.frenchempirecollection.com/napoleon\\_bee.html](https://www.frenchempirecollection.com/napoleon_bee.html). Acesso em: 31 jul. 2025. (b) Ficheiro: François Gérard – Napoleon I. Disponível em: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Fran%C3%A7ois\\_G%C3%A9rard\\_-\\_Napoleon\\_I\\_001.JPG](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Fran%C3%A7ois_G%C3%A9rard_-_Napoleon_I_001.JPG). Acesso em: 31 jul. 2025.

Como vem sendo explorado, o tema dialoga com as funções culturais e políticas desses símbolos, que funcionam como elementos de legitimação e de comunicação com o público, transmitindo a ideia de que a liderança napoleônica era natural e reforçada por valores coletivos e históricos. Michel Pastoureau (2008), destaca que na heráldica, símbolos de animais são usados para transmitir mensagens específicas sobre as qualidades e valores de quem os adota, tornando a abelha um emblema adequado para representar a imagem do poder que estava sendo construído. O historiador citado aqui ressalta que esses símbolos são parte de uma linguagem visual que comunica identidades, valores e estruturas de poder, funcionando como um sistema simbólico reconhecido socialmente. Na tradição heráldica, ela não é um mero ornamento, mas carrega um significado conotativo profundo, representando virtudes e legitimando a autoridade de seu portador.

Assim, a escolha das abelhas como símbolo central do Império não apenas substituiu um emblema tradicional como a flor-de-lis, mas instituiu uma nova linguagem política e visual que articulava passado, presente e futuro dentro do projeto napoleônico. Da heráldica aos monumentos, das vestes imperiais às moedas e brasões, elas foram mobilizadas como signos de uma ordem fundada no trabalho, na disciplina e na harmonia — princípios que sustentavam a imagem de Napoleão.

Contudo, para que essa simbologia transcendesse os rituais públicos e os dispositivos oficiais de propaganda, era necessário que ela se infiltrasse também nos espaços do cotidiano das elites que orbitavam o poder. É nesse ponto que o mobiliário desempenha um papel estratégico: por meio de detalhes ornamentais cuidadosamente dispostos, os móveis do estilo Império tornam-se veículos materiais dessa iconografia imperial. Na próxima parte desse capítulo, analisaremos como as abelhas foram incorporadas aos elementos decorativos dos móveis, transformando cadeiras, tronos, tapeçarias e objetos utilitários em dispositivos simbólicos que davam forma concreta à autoridade imperial dentro dos palácios e residências.

### **2.3. A presença das abelhas no estilo Império: a repetição simbólica como instrumento de reforço ideológico**

No interior do vasto programa simbólico do regime napoleônico, o mobiliário emerge como um dos suportes mais eficazes na difusão de uma identidade imperial cuidadosamente construída. Como tratamos no primeiro capítulo, longe de exercer apenas uma função utilitária ou decorativa, os móveis atuam como superfícies privilegiadas de inscrição ideológica, onde formas, ornamentos e materiais articulam uma estética do poder. Nesse contexto, a presença reiterada das abelhas nos detalhes decorativos — entalhadas em madeiras nobres, bordadas em tecidos ou fundidas em bronze dourado, por exemplo — revela-se como uma estratégia de propaganda visual que visa consolidar a autoridade do imperador não apenas nos palácios públicos, mas também nos ambientes domésticos da elite.

A escolha desse símbolo não se restringe a seu valor heráldico ou sua ancestralidade histórica; sua repetição sistemática no mobiliário traduz uma intenção de naturalizar sua associação ao regime e de sedimentar, nos objetos do cotidiano, uma ideia de ordem, estabilidade e legitimidade. Ao ocupar o espaço visual de cadeiras, tronos, cortinas e tapeçarias, as abelhas operam como agentes silenciosos de uma política, moldando percepções e reforçando a presença do poder imperial nos gestos mais ordinários da vida social.

De acordo com a abordagem de Erwin Panofsky (2012)<sup>7</sup>, a repetição de símbolos nos ambientes produz um efeito ideológico de reforço e legitimação do poder, consolidando sua presença e autoridade de forma contínua e ubiqüitária. Ele destaca que a leitura de símbolos

---

<sup>7</sup> Embora não haja uma única obra focada exclusivamente na reprodução de símbolos em ambientes e seu efeito ideológico, uma ideia central em Panofsky é que os símbolos repetidos em uma obra ou ambiente artístico não são apenas elementos decorativos, mas expressam princípios ideológicos, culturais e históricos, desenhando uma "tradição" que molda a interpretação e o sentido da obra no tempo. Tal conceito, presente em seu livro intitulado *Significado nas Artes Visuais*, está sendo adaptado à análise do mobiliário como arte visual.

não é apenas uma apreciação estética, mas pode ter uma análise de seu significado ideológico e social. A repetição sistemática da abelha funciona como uma estratégia de manutenção do *status quo*<sup>8</sup> e de naturalização das ideias de autoridade, poder e ordem desejadas pelo grupo dominante. Em sua análise iconológica, é possível ver que os elementos simbólicos repetidos expressam valores e pensamentos mais amplos, que podem fortalecer uma visão ideológica subjacente. Assim, eles criam uma linguagem visual que, ao se situar em contextos históricos e culturais específicos, consolida significados compartilhados e sustentam um quadro ideológico. Ou seja, a reprodução não é neutra, mas carrega efeitos de legitimação e coagulação de um saber ou visão de mundo. Ao se repetir o motivo da abelha, o espaço se transforma em um palco de comunicação ideológica, onde o cotidiano passa a transmitir valores, identidades e hierarquias de forma subliminar, invisível a um olhar superficial, mas evidente na sua persistência e ubiquidade.

Isso tudo cria uma atmosfera de normalização do poder, fazendo com que a presença do Estado ou de determinado líder pareça natural, inevitável e parte integrante da ordem social e da vida privada. Este efeito ideológico reforça a coesão social em torno de determinados valores e reforça a autoridade, promovendo uma sensação de unidade e continuidade que sustenta a legitimidade do sistema político napoleônico.

Ainda discutindo em cima das ideias de Panofsky, a relação entre as abelhas no mobiliário e no discurso imperial, as mesmas são compreendidas aqui como uma forma de comunicação visual que reforça e perpetua a ideologia do poder imperial. Panofsky sugere que essa relação desempenha um papel fundamental na expressão do discurso ideológico do poder, funcionando como uma linguagem simbólica que transmite mensagens de grandeza, estabilidade, continuidade e supremacia do império. As abelhas não são apenas adornos, mas veículos de um discurso que busca naturalizar e glorificar a autoridade imperial. Além disso, serve para criar um ambiente que reflete e reforça a esfera de poder do imperador ou do Estado, transformando espaços públicos e privados em palcos de exibição de poder, ela atua na

---

<sup>8</sup> *Status quo* é uma expressão latina que significa "o estado atual" ou "a condição existente". Ela refere-se à situação, às condições ou ao sistema que prevalece em um determinado momento, especialmente no que diz respeito a aspectos sociais, políticos, econômicos ou culturais. Na prática, o termo é utilizado para descrever a manutenção das condições existentes, muitas vezes com a conotação de resistência a mudanças ou reformas. Assim, quando alguém defende o *status quo*, geralmente está apoiando a permanência das estruturas e práticas atuais, enquanto quem busca alterá-lo deseja promover mudanças ou transformações no sistema vigente. Por exemplo, no contexto político, o *status quo* pode representar o conjunto de leis, políticas e relações de poder que permanecem inalteradas ao longo do tempo. Em debates sociais, pode se referir às normas e costumes que consolidam determinada organização social ou cultural. Ou seja, o *status quo* é o estado de coisas que predomina em um momento dado, e sua preservação ou mudança é frequentemente objeto de discussão e conflito social.

conformação da percepção social do império, contribuindo para a construção de uma identidade coletiva que valoriza os ideais imperiais de Napoleão.

Portanto, as abelhas são muito mais do que um acabamento estético, elas funcionam como um suporte visual do discurso de autoridade imperial, convertendo símbolos e motivos em instrumentos de comunicação política que reforçam a legitimidade e a onipresença do poder imperial na vida cotidiana e na representação simbólica do Estado.

Como podemos ver, o uso reiterado da iconografia da abelha aliada ao mobiliário do estilo Império, não apenas decorava os ambientes de poder, mas constituía um meio estratégico de inscrição e disseminação de uma ideologia imperial centralizada, ordenada e legitimada pela repetição. A articulação entre forma, função e significação transforma esses objetos em veículos de um discurso político silencioso, que ensinava, reforçava e naturalizava uma determinada visão de mundo.

Dessa forma, torna-se relevante observar como tais símbolos não estavam restritos a abstrações teóricas ou apenas ao espaço monumental, mas materializavam-se em peças concretas e tangíveis, que faziam parte do cotidiano da elite napoleônica. A presença recorrente das abelhas em tronos, tapeçarias, cadeiras, lareiras e cofres não apenas reforçava visualmente a autoridade do regime, mas também marcava uma estética da repetição como instrumento de naturalização do poder. A partir disso, na última parte desse capítulo, nos dedicaremos à análise de casos específicos de mobiliário do período napoleônico, nos quais a abelha figura como emblema. Por meio da descrição minuciosa de peças selecionadas e da leitura iconográfica de seus elementos decorativos, será possível compreender com maior profundidade de que modo a cultura material do Império operava como um sistema simbólico de comunicação e legitimação do poder imperial.

## **2.4. Estudo de casos: análise da presença da abelha no mobiliário napoleônico**

Agora, analisaremos como esse processo se manifesta materialmente no mobiliário do período, explorando a maneira como a decoração serviu não apenas à beleza, mas à formação de um imaginário imperial coerente e duradouro. Para isso, foram selecionados quatro exemplos arquitetônicos a serem descritos por nós, como estudo de caso, demonstrando como estava nos ambientes privados das elites de forma discreta, mas poderosa.

### 2.4.1. Trono de Napoleão Bonaparte, projetado para o castelo de Saint-Cloud

O primeiro móvel que analisaremos aqui é o Trono de Napoleão, projetado para o castelo de Saint-Cloud<sup>9</sup>, feito pelo marceneiro e fabricante de móveis parisiense François-Honoré-Georges Jacob, presente na coleção do Departamento de Objetos de Arte da Era Moderna, da Renascença e dos Tempos Modernos do Museu do Louvre<sup>10</sup>. Este trono é uma peça emblemática do mobiliário do estilo Império, caracterizado por sua grandiosidade formal, ornamentação simbólica e forte influência da Antiguidade clássica. A estrutura é feita em madeira dourada, com acabamento entalhado e esculpido, transmitindo luxo e autoridade. A composição geral é simétrica, sólida e frontal, reforçando o caráter cerimonial e régio da peça.

Figura 9: Trono de Napoleão, projetado para o castelo de Saint-Cloud.



Fonte: Museu do Louvre / Département des Objets d'art du Moyen Age, de la Renaissance et des temps modernes, 2012.

Na figura acima é possível percebermos que a poltrona possui um espaldar redondo, emoldurado por uma estrutura circular dourada, sendo recoberto por tecido de veludo azul escuro, bordado com abelhas douradas dispostas de forma ordenada. A escolha do azul profundo remete à tradição régia francesa, enquanto as abelhas, símbolo pessoal de Napoleão Bonaparte,

<sup>9</sup> Traduzido do francês: “Fauteuil du trône de Napoléon Ier prévu pour le château de Saint-Cloud”. (Tradução nossa).

<sup>10</sup> Site disponível em: <https://collections.louvre.fr/en/recherche?collection%5B0%5D=7>. Acesso em: 31 jul. 2025.

reforçam a autoridade imperial e a legitimidade baseada no trabalho, na ordem e na continuidade histórica (BERNARD, 1991).

Os braços do trono são retos, encimados por esferas douradas, com apoios em forma de cabeças de leão esculpidas — uma alusão à força e à vigilância — elementos que evocam o imaginário heráldico e mitológico. As laterais apresentam entalhes finos, com relevos clássicos e inscrições. A base do assento é decorada com franja dourada de tecido, conferindo leveza e imponência ao mesmo tempo. Os pés dianteiros, robustos e esculpidos em forma de patas de leão, acrescentam estabilidade visual e remetem ao bestiário simbólico do poder, enquanto os pés traseiros são discretos e retos, priorizando o equilíbrio estrutural. A almofada para apoio dos pés, em veludo azul com abelhas douradas bordadas, repete o padrão decorativo do assento, reforçando a linguagem visual da repetição simbólica.

Esse trono sintetiza a lógica simbólica e estética do Império Napoleônico: através da decoração meticulosamente planejada, transmite-se uma identidade imperial baseada na ordem, no controle e na legitimidade construída pela herança cultural. A presença contínua das abelhas costuradas no tecido têxtil é mais do que ornamental — é um exercício deliberado de propaganda visual.

#### **2.4.2. Lareira de mármore de Siena**

A segunda escolha realizada foi uma lareira de mármore de Siena, de 1820, com elaborados detalhes no friso e nas ombreiras. As colunas caneladas são encimadas por capitéis coríntios que sustentam uma prateleira. Na abertura, encontram-se os interiores originais em ferro fundido com o emblema napoleônico das abelhas. Este objeto é parte, originalmente da embaixada francesa em Buenos Aires, Argentina.

Figura 10: Lareira de mármore de Siena, de 1820.



Fonte: Thornhill Galleries. Disponível em: <https://www.thornhillgalleries.co.uk/item/stock-number-2886/>. Acesso em: 31 jul. 2025.

A lareira apresentada é um exemplar refinado, marcado por sua imponência, simetria e ornamentação clássica. Confeccionada em mármore de tonalidade âmbar, sua estrutura retangular repousa sobre uma base sólida, encimada por uma cornija proeminente com frisos decorativos em relevo. O frontão é decorado por uma série de motivos vegetais e florais entalhados em baixo-relevo dourado, formando um friso contínuo que percorre toda a parte superior da peça. Essa decoração vegetalista faz alusão direta à antiguidade greco-romana, reforçando o ideal clássico de ordem, estabilidade e harmonia tão valorizado na estética imperial napoleônica.

As colunas laterais, em mármore canelado com capitéis coríntios dourados, sustentam visualmente a estrutura e evocam os templos da Antiguidade, conferindo à peça um ar solene e monumental. Os capitéis ricamente ornamentados com folhas de acanto reforçam a conexão com o repertório clássico, típico do Império. O interior da lareira é forrado com um painel negro recoberto por padrões repetitivos de abelhas que aparecem de forma sistemática, criando uma superfície ritmada e simbólica. A repetição desses elementos em série ecoa a linguagem visual do poder, estabelecendo uma ligação direta entre decoração, identidade imperial e propaganda política.

A presença das abelhas dentro do vão da lareira, um local de calor e centralidade no espaço doméstico, confere ao objeto um caráter ideológico sutil, mas insistente: mesmo nos espaços mais íntimos e cotidianos, o símbolo do imperador se impõe. Essa integração entre decoração e política revela como o mobiliário pode ser utilizado como ferramenta de reforço da autoridade e da imagem do poder napoleônico.

### 2.4.3. Trono do Senado de Napoleão Bonaparte

O Trono do Senado de Napoleão apresenta um espaldar reto, com moldura entalhada em madeira dourada, que transmite imponência e solenidade. O assento e o encosto são revestidos com veludo vermelho escuro, ricamente bordado com fios dourados, incluindo arabescos, folhas de louro e múltiplas representações de abelhas. No centro do espaldar, destaca-se a letra “N”, monograma imperial de Napoleão Bonaparte, ladeada por elementos florais e simbólicos de triunfo. Os apoios de braço são compostos por esfinges aladas, também douradas, com cabeças femininas em expressão serena, cabelos trançados e seios nus — representações típicas da iconografia clássica greco-romana, tão valorizada no estilo Império. Esses elementos fundem força e elegância, simbolizando o domínio e a sabedoria do imperador.

Figura 11: Trono do Senado de Napoleão Bonaparte.



Fonte: Etons of Bath. Disponível em: <https://www.etonsofbath.com/inspiration-from-history/empire-style-in-regency-interiors/>. Acesso em: 31 jul. 2025.

As proporções monumentais, o dourado abundante e a utilização de símbolos heráldicos e clássicos — como a esfinge, o louro e a abelha — fazem deste trono um exemplo paradigmático do estilo Império: um mobiliário que não apenas decora, mas comunica o poder, a legitimidade e a teatralidade do governo napoleônico.

#### **2.4.4. Caixa de correio pessoal de mogno de Paulina Bonaparte (Princesa Borghese)**

A caixa de correio pessoal de mogno de Paulina Bonaparte (irmã de Napoleão Bonaparte) apresenta uma estrutura prismática de base retangular e tampa piramidal truncada, refletindo os princípios do estilo Império em sua forma compacta, austera e simétrica. Confeccionado em madeira nobre escura, o móvel é decorado com ricos apliques em bronze dourado, que servem tanto como ornamento quanto como marcadores simbólicos de autoridade e grandeza. As faces laterais são adornadas com figuras clássicas femininas em relevo, trajadas com túnicas longas e elmos, representações de divindades ou alegorias da justiça e da sabedoria, remetendo à iconografia greco-romana — recorrente no mobiliário do Império. Abaixo dessas figuras, escudos octogonais emolduram coroas imperiais, reforçando a função propagandística do objeto.

Figura 12: Caixa de correio pessoal de mogno de Paulina Bonaparte (Princesa Borghese).



Fonte: Associação Britânica de Antiquários. Disponível em: <https://www.bada.org/object/paulina-bonapartes-princess-borghese-personal-mahogany-letterbox>. Acesso em: 31 jul. 2025.

Ao centro da face frontal, destaca-se uma águia imperial de asas abertas, símbolo direto do poder napoleônico, cercada por motivos florais e uma pequena guirlanda, evocando triunfo e glória. Nas bordas superiores, a decoração em bronze é composta por padrões florais, palmetas e estrelas de cinco pontas cercadas por abelhas, organizados de forma sequencial, o que reforça a repetição como recurso ideológico.

A tampa facetada recebe entalhes delicados em bronze dourado nas bordas e um friso decorativo que percorre seu perímetro superior, criando contraste entre a superfície de madeira lisa e os elementos metálicos ornamentais. O uso da estrela, elemento simbólico comum no repertório napoleônico, contribui para a construção de uma identidade visual unificada e imponente. Com base reta e pés pequenos em forma de esferas, o móvel mantém uma estabilidade sólida e monumental, revelando que, mesmo em peças menores, o estilo Império se manifesta com linguagem arquitetônica marcada e altamente simbólica. O conjunto exprime claramente a fusão entre utilidade prática e propaganda ideológica, reafirmando a função do mobiliário como extensão do discurso do poder imperial no cotidiano doméstico das elites.

Por fim, como demonstrado nos estudos de caso apresentados, o mobiliário do período napoleônico não se limita a sua dimensão funcional ou estética. Cada detalhe — da escolha dos materiais à repetição minuciosa da abelha — atua como vetor de um discurso visual cuidadosamente planejado para legitimar e perpetuar o poder do imperador. Seja no trono cerimonial, na lareira de uma embaixada, na caixa de correio de uma princesa ou em qualquer outro objeto decorativo, a iconografia imperial se inscreve na materialidade dos móveis, transformando-os em agentes de memória, ideologia e identidade política.

Essa constelação simbólica torna-se, portanto, não apenas objeto de análise histórica, mas também uma potente ferramenta didática. Ao reconhecer nos móveis a presença de uma linguagem visual articulada com a lógica do poder, abre-se um campo fértil para o uso dessas peças como fontes históricas no ensino. O próximo capítulo, portanto, explorará como a iconografia napoleônica presente no mobiliário pode ser mobilizada em práticas pedagógicas, permitindo que estudantes compreendam criticamente a relação entre arte, política e memória na construção de discursos de poder.

## **Capítulo 3 – Fontes históricas e pensamento crítico: o uso da iconografia dos móveis napoleônicos no ensino de História**

### **3.1. O ensino de história e o trabalho com fontes: fundamentos teóricos e possibilidades pedagógicas**

O ensino de História, sobretudo em sua vertente escolar, vem sendo desafiado a repensar seus métodos e abordagens frente às transformações do mundo contemporâneo e às exigências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nesse contexto, ganha força a valorização do trabalho com fontes históricas como instrumento de formação do pensamento crítico, da leitura do tempo histórico e da problematização dos discursos de poder. Ao considerar os móveis do período napoleônico como objetos históricos e veículos de representação simbólica, é possível incorporá-los ao campo pedagógico como fontes visuais e materiais que dialogam diretamente com temas estruturantes da disciplina, como cultura política, memória, identidade e representação do Estado.

Ao tratar o mobiliário não apenas como vestígio do passado, mas como narrativa visual impregnada de sentidos ideológicos, mostramos o caminho para que estudantes possam desenvolver habilidades de análise crítica e percepção histórica da cultura material. Desse modo, discutiremos como esses objetos podem ser revalorizados como ferramentas de leitura histórica, permitindo aos alunos compreenderem as formas pelas quais o poder se manifesta no cotidiano e se legitima através das imagens, dos símbolos e da materialidade. Trata-se, portanto, de pensar o ensino de História como um campo fértil para a interpretação do mundo a partir das marcas que ele deixa.

Antes de tratarmos especificamente do mobiliário, vamos analisar como as fontes históricas são essenciais para o processo de construção do conhecimento histórico e para o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes. Elas representam "vestígios deixados pelos homens e sociedades do passado" (CAMPELLO, 2020, p. 363) e são matérias-primas para o historiador compreender os processos históricos, isso reforça a ideia de que o contato direto com fontes permite ao estudante entender a construção da história a partir de evidências palpáveis. O uso de múltiplas fontes promove uma compreensão mais ampla e intersetorial da história, enriquecendo o entendimento do universo cultural, social e político das épocas estudadas, o que promove o desenvolvimento de uma atitude científica, crítica e reflexiva, incentivando o aluno a questionar, interpretar e compreender os vestígios históricos. Sendo

assim, trabalhar com fontes, além de despertar o imaginário e a reflexão, também desenvolve habilidades técnicas de pesquisa (CAMPELLO, 2020).

Há ainda a ênfase de Nilton Mullet Pereira e Fernando Seffner (2008) de que o conceito de "crítica ao documento"<sup>28</sup>, presente na historiografia contemporânea, fundamenta-se na ideia de que as fontes não são meras provas, mas construções históricas que demandam análise crítica. Assim, o uso pedagógico deve promover a compreensão de que as fontes carregam subjetividades, contextos e limitações, o que exige uma leitura cuidadosa e interpretativa. Ademais, o ensino de história deve contribuir para criar uma memória que contenha uma nova concepção de ciência, não apenas transmitir informações. Assim, o uso de fontes deve ajudar os estudantes a compreenderem a complexidade da construção do conhecimento histórico, desafiando afirmações categóricas e incentivando a reflexão crítica.

O trabalho com fontes em sala de aula pode ser bastante produtivo, desde que o objetivo seja a complexidade, não a facilitação. O problema de certos procedimentos didáticos é que eles procuram arrumar formas de tornar o conhecimento histórico cada vez mais “acessível”, submetendo o conhecimento a outros objetivos como, por exemplo, a necessidade de tornar a aula de História mais atraente ou de tornar o distante mais próximo (PEREIRA; SEFFNER, 2008, p. 126).

Porém, vale ressaltar que esse uso não pode limitar-se à função de comprovação ou de evidência de passado, mas deve ser um procedimento pedagógico que estimule a curiosidade, o debate e a compreensão de múltiplas perspectivas (PEREIRA; SEFFNER, 2008). Trabalhar fontes históricas em sala de aula se torna essencial para a aprendizagem histórica a partir do momento em que o processo de ensino-aprendizagem precisa ser mais ativo e participativo (FREIRE, 1981), instigando o estudante compreender que a história não é apenas uma narrativa homogênea, mas uma interpretação fundamentada em vestígios do passado. Entretanto, para utilizarmos as fontes como ferramentas dentro da sala de aula é imprescindível que esteja clara a diferença de usá-la como ilustração ou como objeto de análise.

---

<sup>28</sup> Na historiografia contemporânea, o conceito de crítica ao documento refere-se a uma análise rigorosa e reflexiva dos documentos históricos, confirmando que eles não são meros neutros do passado, mas construções que carregam importantes, contextos e significados específicos. Essa crítica examina as alterações, a origem, o propósito, o conteúdo e as condições de produção dos documentos, buscando compreender como e por que foram produzidos, além de identificar possíveis visões, lacunas e distorções. Diferentemente de uma leitura literal ou ingênua, a crítica contemporânea valoriza a historicidade do documento — ou seja, o documento é entendido dentro de seu processo social de produção e recepção, e não como uma verdade absoluta. Essa abordagem também confirma a pluralidade de interpretações possíveis, estimulando uma leitura contextualizada, multidimensional e questionadora sobre o significado e a confiabilidade das fontes. Assim, a crítica ao documento na historiografia contemporânea é uma ferramenta fundamental para a construção de um conhecimento histórico mais consciente, ético e complexo, que dialoga com as múltiplas dimensões do passado e os desafios do presente (COGGIOLA, 2021).

Neste caso deste tipo de uso, as fontes seriam utilizadas como ilustração apenas para complementar o conteúdo já abordado pelo docente. Elas funcionariam como exemplos visuais ou documentais que reforçam uma narrativa ou uma explicação, muitas vezes sem exercer um papel crítico ou questionador diretamente sobre o conteúdo. Essa abordagem tende a reforçar a ideia de que os documentos servem para dar uma sensação de realidade ou confirmação daquilo que está sendo ensinado, como provas finais de uma verdade já estabelecida. Todavia, quando tratadas como objeto de análise, as fontes são colocadas como elementos centrais para investigar, questionar, e compreender o processo de construção do conhecimento histórico. Nesse método, os discentes aprendem a desconfiar das fontes, a entender seus contextos, a identificar possíveis interesses de seus criadores, e a interpretar suas mensagens. O objetivo é desenvolver uma leitura crítica que permita perceber a complexidade do relato histórico, suas interpretações e ressignificações ao longo do tempo. Assim, as fontes deixam de ser meramente exemplos para se tornarem objetos de leitura e debate, promovendo um entendimento mais profundo e reflexivo sobre o passado (PEREIRA; SEFFNER, 2008).

Por consequência, ao utilizá-las como objetos de análise, o contato com fontes históricas articula com a formação do pensamento crítico, já que possibilita a aproximação direta com os vestígios do passado, transformando os estudantes em protagonistas de seus próprios processos de ensino-aprendizagem (FREIRE, 1981). Ao compreenderem que as fontes são representações construídas por indivíduos e sociedades, e que carregam múltiplas interpretações e significados, os estudantes aprendem a questionar, identificar diferentes pontos de vista e reconhecer as relações de poder, ideologia e contexto social presentes nas evidências do passado. Essa prática estimula a autonomia intelectual, o senso crítico e a capacidade de avaliar criticamente as informações, levando à percepção de uma história dinâmica e contestada, sempre em construção. Portanto, contribui para a formação de indivíduos aptos a compreender a complexidade do mundo e a atuar de maneira mais ética e informada (PEREIRA, 2008).

Desconfiar da fonte não quer dizer atestar sua falsidade, mas olhá-la como um monumento que as sucessivas gerações classificaram, ordenaram e ressignificaram. Desse modo, o uso de fontes em sala de aula é profícuo, na medida em que apresenta às novas gerações a complexidade da construção do conhecimento histórico e tira do documento o caráter de prova, desloca o estudante da noção de verdade que utiliza no cotidiano e, sobretudo, permite abordar o relato histórico como uma interpretação (PEREIRA; SEFFNER, 2008, p. 127).

Como estamos discutindo até aqui, ao trabalhar com fontes, os estudantes aprendem a identificar os diferentes sentidos de um documento, a reconhecer suas origens, interesses e

limitações, e a relacionar as informações nele contidas com contextos históricos mais amplos (PEREIRA; SEFFNER, 2008). Essa abordagem estimula o pensamento crítico pois desafia a ideia de uma história unitária e inquestionável, promovendo uma leitura consciente das múltiplas interpretações do passado. Assim, as fontes ajudam a desenvolver habilidades como a observação, a análise, a interpretação e a avaliação de evidências, fundamentais para o exercício do pensamento crítico. Além disso, o uso reflexivo de fontes encoraja os alunos a reconhecerem a construção social e cultural do conhecimento histórico, contribuindo para uma percepção mais madura e autônoma sobre o mundo e suas representações. Dessa forma, as fontes são instrumentos essenciais na formação de estudantes capazes de pensar criticamente sobre a história, suas representações e suas implicações na compreensão do presente (PEREIRA; SEFFNER, 2008).

Diante de tais possibilidades, torna-se evidente que o uso de fontes históricas — quando compreendido em sua dimensão crítica e interpretativa — permite não apenas o desenvolvimento de habilidades técnicas e cognitivas, mas também o cultivo de uma postura investigativa diante do conhecimento histórico. Os estudantes deixam de ser meros receptores de informações para se tornarem agentes ativos na construção de sentidos, capazes de dialogar com diferentes registros do passado e de compreender a História como um campo plural, dinâmico e disputado.

No entanto, para que essa abordagem alcance seu pleno potencial formativo, é indispensável considerar o papel do professor como mediador entre o estudante e a fonte, e não detentor de um conhecimento a ser transmitido de forma passiva. Cabe ao docente criar condições para que o contato com os vestígios do passado se converta em experiência de ensino-aprendizagem significativa — tarefa que exige intencionalidade pedagógica, domínio teórico e sensibilidade para interpretar o diálogo entre imagem, objeto e narrativa histórica. Na sequência, discutiremos os desafios e as possibilidades dessa mediação docente no ensino de História.

### **3.2. O professor como mediador entre fonte e estudante: reflexões sobre a prática docente**

A mediação do professor no ensino de História é um elemento central para que o trabalho com fontes transcenda o plano abstrato e se constitua como prática formativa. Ao lidar

com objetos históricos, o docente<sup>29</sup> assume a função de guia no processo de leitura e interpretação das fontes, estimulando os estudantes a construírem significados próprios e a desenvolverem habilidades críticas de análise. A figura do mediador, nesse contexto, não pode, de forma alguma, se limitar a fornecer respostas prontas ou conteúdos cristalizados. Sua ação consiste em criar situações pedagógicas que favoreçam o contato ativo com o passado — um passado que se revela através de vestígios visuais e materiais carregados de intencionalidades políticas, estéticas e culturais. Para isso, é fundamental que o educador compreenda os significados históricos e simbólicos das fontes utilizadas, bem como as múltiplas camadas de leitura que elas oferecem. Assim sendo, através de estratégias que valorizam a escuta, como a problematização e a contextualização, o docente é capaz de transformar objetos aparentemente distantes em pontes entre passado e presente.

A partir da leitura de Paulo Freire (1981), é possível perceber a crucial importância da docência no aprendizado. Já que os processos de ensinar e aprender são indissociáveis, não existindo ensinar sem aprender, onde o educador estimula o estudante a produzir conhecimento e aprende com sua curiosidade. Tal possibilidade necessita de uma humildade, colocando o aluno como sujeito da transformação, ensinando de modo dialógico e não autoritário, tornando-o um estudioso crítico da sociedade. Ao estimular o pensamento, o estudante não se retém no absorver mecanicamente, como uma tigela vazia esperando ser preenchida por informações, predominando o copiar, fixar e memorizar, como sugere a educação bancária<sup>30</sup>, onde sobressaem as narrativas alienadas e alienantes, educando em vista da submissão. O sujeito não

---

<sup>29</sup> Os conceitos de discência e docência adotados aqui referem-se aos utilizados por Paulo Freire e explicados no *Dicionário Paulo Freire* (2018), como conceitos que refletem a relação dialógica e interativa entre ensinar e aprender, reconhecendo que esses processos acontecem concomitantemente e de forma interdependente. Freire utiliza esses termos de maneira biunívoca para enfatizar que ensino e aprendizagem não são atividades separadas ou hierárquicas, mas práticas que se entrelaçam e se reconstróem mutuamente durante o processo educativo. A discência refere-se à postura de questionamento, reflexão crítica e abertura ao desconhecido, na qual o educador e o educando são sujeitos ativos na construção do conhecimento. Docência, por sua vez, não pressupõe uma transmissão unilateral de conteúdos, mas uma ação responsável, ética e dialógica que envolve a presença do educador como mediador, convidando ao diálogo e à reflexão com o estudante. Assim, ensinar e aprender acontecem simultaneamente, de modo que o educador também aprende com o processo de ensino, e o estudante participa ativamente na produção do conhecimento. Freire destaca que essa relação exige de ambos uma postura de humildade, responsabilidade e abertura ao crescimento mútuo, onde o papel do professor libertador é atuar com responsabilidade na condução do processo, sem exercer uma autoridade autoritária, mas promovendo um ambiente em que educadores e educandos convivam como sujeitos reflexivos, críticos e transformadores.

<sup>30</sup> A educação bancária, conforme apresentada por Jerônimo Sartori no *Dicionário Paulo Freire* (2018), é um modelo de ensino em que o educador atua como depositário de conhecimentos, e o educando é um receptor passivo dessas informações. Nesse formato, o conhecimento é transmitido de forma mecânica e acrítica, sem reflexão ou diálogo, reproduzindo uma relação de dominação e submissão. Freire critica esse método por anestesiar a criatividade e a capacidade de reflexão dos estudantes, mantendo o status quo e a sociedade opressora. Ele contrapõe essa abordagem à educação libertadora, que busca formar sujeitos conscientes e capazes de transformar a realidade por meio do diálogo e da práxis.

é uma folha em branco aguardando que alguém coloque algo pronto ali, seu contexto social e experiências vividas afetam sua leitura do mundo<sup>31</sup>.

Esse uso das fontes elimina a distância entre teoria e prática, utilizando de um método com critérios de procedimento, nada é aleatório. Esse estreitamento da relação estabelecida entre a interpretação e a realidade da vida resulta na prática dessa compreensão, gerando uma ação transformadora, dita por Freire como a práxis<sup>32</sup>. Além disso, o professor deve estar atento ao condicionamento histórico-sociológico do conteúdo, ajudando o estudante a perceber as relações de poder, ideologia e contexto social que moldam o conhecimento. Assim, a mediação implica também na conscientização do papel social do conteúdo, estimulando uma postura crítica tanto em relação às fontes quanto ao mundo ao seu redor.

Sem contar, é claro, que o ambiente criado pelo docente deve se manter convidativo ao diálogo, no qual os estudantes sintam-se encorajados a questionar, investigar e construir seu próprio entendimento, fortalecendo a autonomia intelectual e crítica. Dessa forma, o professor atua como um mediador ativo, que não apenas transmite conhecimentos, mas que também acompanha e provoca atitudes reflexivas frente ao conteúdo e à realidade (FREIRE, 1981).

[...] tenho de ser radicalmente democrático, responsável e diretivo. Não diretivo dos estudantes, mas diretivo do processo no qual os estudantes estão comigo. Enquanto dirigente do processo, o professor libertador não está fazendo alguma coisa aos estudantes, mas com os estudantes (Freire, 1986, p. 61).

Portanto, agora dialogando com os capítulos anteriores, a análise de móveis na sala de aula pode ser uma via eficaz para questionar ideologia, estética e poder uma vez que o mobiliário não é apenas algo funcional, mas carrega significados simbólicos e sociais que

<sup>31</sup> O conceito de leitura do mundo adotado aqui refere-se ao utilizado por Paulo Freire e explicado no *Dicionário Paulo Freire* (2018), sendo a interpretação e compreensão da realidade social, histórica e cultural que envolve os indivíduos em seus diferentes contextos de vida. Essa leitura é anterior à palavra e à expressão verbal, sendo uma forma de perceber e analisar as manifestações do mundo ao nosso redor, levando em conta as relações de poder, opressões, desigualdades e possibilidades de transformação. Ela implica uma contextualização dos acontecimentos e uma compreensão crítica das estruturas sociais existentes, permitindo que os sujeitos possam situar suas próprias experiências e lutas dentro de um horizonte de transformação social. Essa leitura é fundamental para o processo de conscientização, pois fornece o entendimento necessário para que os oprimidos possam perceber suas condições de vida de forma crítica e, assim, agir de modo emancipador. Além disso, não é uma visão estática ou ingênua, mas uma compreensão dinâmica e ativa, na qual os indivíduos interpretam, questionam, e, por meio de ações transformadoras, redefinem seu papel na sociedade. É uma pré-condição para a ação política e para a participação consciente na construção de uma sociedade mais justa, democrática e livre, promovendo, assim, uma relação dialética entre sujeito e realidade.

<sup>32</sup> A práxis, conforme Ricardo Rossato no *Dicionário Paulo Freire* (2018), é uma atividade que une teoria e prática de forma indissociável, possibilitando uma compreensão transformadora da realidade. Trata-se de uma ação consciente, reflexiva e prática que tem como objetivo modificar as condições sociais, políticas e culturais. Freire redefine a práxis como uma aplicação do método dialético, superando a visão tradicional de Aristóteles de separação entre teoria e prática, além do idealismo de Hegel, ao implicar ação real no mundo. Ela é uma atividade humana e social que transforma a realidade concreta, promovendo a mudança da própria condição humana.

refletem e influenciam as relações de poder e as concepções estéticas vigentes em determinado contexto histórico e cultural. A utilização desses móveis como objetos de estudo promove nos discentes a percepção de que objetos cotidianos são carregados de significados políticos e culturais, estimulando o pensamento crítico, o debate sobre as relações sociais e a historicização do cotidiano.

Diante desse cenário, nós professores, podemos adotar diversas estratégias para facilitar a leitura crítica dos objetos de estudo por parte dos estudantes, promovendo uma compreensão mais aprofundada e refletida sobre os documentos do passado. Segundo Nilton Mullet Pereira e Fernando Seffner (2008), uma das principais ações é incentivar os estudantes a desconfiar e a analisar o documento como uma construção de seu tempo, ou seja, a perceber as possíveis intenções, limitações e contextos que cercam a produção da fonte. Outra estratégia eficiente é promover o trabalho com diferentes tipos de fontes, como leis, mapas, imagens, crônicas, músicas, poemas e tratados, orientando os estudantes a compararem as perspectivas variadas que esses documentos oferecem sobre um mesmo acontecimento ou tema. Isso ajuda a mostrar a complexidade e a multiplicidade de interpretações possíveis, rompendo com a visão de uma única verdade absoluta.

Além disso, os professores devem estimular perguntas abertas ao analisar as fontes, considerando aspectos como: quem produziu o documento, em qual contexto ele foi produzido, para qual o propósito e quais interesses podem estar envolvidos na sua elaboração. É importante também trabalhar com atividades de análise contextualizada, ajudando os alunos a relacionar o documento com o período histórico em que foi produzido e a reconhecer as possíveis distorções ou omissões presentes. Além da contextualização das fontes em debates mais amplos, discutindo a relação entre a narrativa do documento e as construções do senso comum, da mídia ou de outras representações sociais. Assim, os estudantes aprendem a identificar diferentes discursos e a refletir sobre a formação de uma memória coletiva criticamente construída (PEREIRA, 2008).

Toda essa reflexão nos faz questionar, como profissionais da educação, como realizar a avaliação desse método na prática? A avaliação da aprendizagem a partir da análise de fontes, como o mobiliário, pode ser realizada por meio de critérios que verifiquem a compreensão dos estudantes sobre o contexto histórico, social e cultural do objeto, bem como sua capacidade de interpretar sinais e informações presentes nele.

Segundo Pereira (2008), é importante que o docente observe se o discente consegue estabelecer conexões entre a fonte e o período em que foi produzido, identificando elementos que indiquem a função, o estilo, as condições de vida ou as transformações sociais daquela época. Uma abordagem possível é propor atividades de análise crítica, nas quais o estudante explica, por exemplo, o significado de determinado objeto, sua origem, o uso pretendido e como ele reflete a cultura material de uma sociedade. A avaliação, nesse caso, contempla tanto a capacidade de observação detalhada quanto a interpretação contextualizada do objeto. Outra forma de avaliação é solicitar que o estudante relacione o objeto com textos, imagens ou outras fontes históricas, demonstrando a compreensão de sua relevância na construção da história social e na dimensão cotidiana das pessoas do passado. Assim, o professor pode avaliar o nível de relação que o aluno estabelece entre o objeto e os conceitos de história, memória e cultura.

Além disso, é possível observar se o estudante consegue identificar as mudanças ao longo do tempo e refletir sobre as razões dessas transformações – como avanços tecnológicos, mudanças nos gostos, influência de intercâmbios culturais ou alterações nas condições de vida. Dessa forma, a avaliação é centrada na compreensão das dinâmicas sociais e culturais que o objeto evidencia. É importante ressaltar que a avaliação deve também considerar aspectos qualitativos, como a capacidade do estudante de desenvolver uma análise crítica, de formular hipóteses acerca do objeto e de argumentar de forma fundamentada, promovendo uma compreensão mais ampla da relação entre objetos materiais e história social (PEREIRA, 2008).

Nesse sentido, ao compreender o papel do professor como mediador entre as fontes e os estudantes, reconhecemos que o êxito do trabalho com objetos históricos depende tanto da seleção cuidadosa do material quanto da intencionalidade pedagógica com que ele é mobilizado. A iconografia dos móveis napoleônicos, carregada de símbolos de poder, legitimidade e ideologia, oferece ao ensino de História uma oportunidade de dialogar com o presente por meio da cultura material do passado. Cabe, portanto, avançar na discussão sobre como esses objetos podem ser inseridos no currículo escolar de maneira articulada às competências previstas na BNCC e aos objetivos formativos da disciplina.

A seguir, propomos justamente a reflexão sobre as possibilidades de utilizar o mobiliário como fonte visual e histórica no planejamento pedagógico, favorecendo práticas que estimulem a leitura crítica das imagens, o desenvolvimento da análise contextual e a formação de sujeitos historicamente conscientes.

### **3.3. Mobiliário e análise iconográfica dentro da sala de aula: abordagens com a Base Nacional Comum Curricular**

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe um ensino de História voltado para a construção do pensamento crítico, da leitura contextualizada de diferentes linguagens e da formação de sujeitos capazes de compreender e transformar a realidade em que vivem<sup>33</sup>. Dentro desse horizonte, o uso de fontes visuais e materiais, como o mobiliário do período napoleônico, desponta como uma possibilidade potente de articulação entre cultura material, representação do poder e análise histórica. Mais do que objetos decorativos, os móveis analisados carregam marcas simbólicas do contexto político e cultural em que foram produzidos, podendo ser incorporados ao currículo escolar como ferramentas de leitura do passado. Ao promover o contato dos estudantes com essas fontes, o professor abre espaço para desenvolver habilidades como a análise iconográfica, a contextualização histórica, a construção de argumentos e a identificação de discursos ideológicos veiculados por imagens e formas. Essa abordagem favorece o ensino por investigação, incentiva o protagonismo discente e contribui para a ressignificação do cotidiano como espaço de aprendizado histórico.

Partindo da leitura da BNCC (BRASIL, 2018) na área de história, os móveis, enquanto fontes históricas, podem ser incorporados ao currículo de Ensino Fundamental de forma a estimular o pensamento crítico e a leitura de imagens ao serem utilizados como registros materiais que carregam as experiências, práticas culturais e dinâmicas sociais do passado. Segundo o documento, objetos materiais como móveis auxiliam o professor e os alunos a questionar o significado das coisas do mundo, promovendo a produção do conhecimento histórico.

A utilização de objetos materiais pode auxiliar o professor e os alunos a colocar em questão o significado das coisas do mundo, estimulando a produção do conhecimento histórico em âmbito escolar. Por meio dessa prática, docentes e discentes poderão desempenhar o papel de agentes do processo de ensino e aprendizagem, assumindo, ambos, uma “atitude historiadora” diante dos

---

<sup>33</sup> A BNCC propõe um ensino de História voltado para a construção do pensamento crítico, da leitura contextualizada de diferentes linguagens e da formação de assuntos capazes de compreender e transformar a realidade em que vivem por meio da Competência Geral 2, denominado Pensamento Científico, Crítico e Criativo. Esse eixo enfatiza que o aluno deve ser estimulado a experimentar a curiosidade intelectual, recorrendo a abordagens próprias das Ciências, para fazer investigação, reflexão e análise crítica. A leitura contextualizada, que vai além do texto escrito para incluir imagens, gráficos, mapas e outras linguagens, é fundamental para que o estudante compreenda o conteúdo dentro de seus múltiplos sentidos e relações históricas. No campo da História, isso significa trabalhar com fontes diversas, considerá-las em seus contextos e dialogar com diferentes visões e interpretações históricas, desenvolvendo a capacidade do aluno de interpretar, questionar e posicionar-se frente ao passado e ao presente, com vistas a uma atuação cidadã transformadora. Essa proposta se encontra articulada em toda a BNCC, mas concentra-se especialmente nas competências gerais e nos direitos de aprendizagem estabelecidos para a Educação Básica, incluindo o ensino de História, que deve ser interdisciplinar, crítico e contextualizado (BRASIL, 2018).

conteúdos propostos, no âmbito de um processo adequado ao Ensino Fundamental. Os processos de identificação, comparação, contextualização, interpretação e análise de um objeto estimulam o pensamento (BRASIL, 2018, p. 398).

Por meio da análise, os estudantes podem refletir sobre perguntas como: de que material são feitos os móveis? Como foram produzidos? Para que serviam? Quem os utilizou? Como seu significado se alterou ao longo do tempo e do espaço? Essas perguntas incentivam a comparação, a contextualização e a interpretação, desenvolvendo habilidades de leitura de imagens e de análise crítica, pois os móveis, sendo registros visuais e táteis, representam vestígios das experiências humanas que contribuíram para a compreensão de diversas culturas e sociedades (BRASIL, 2018). Dessa forma, ao trabalhar com móveis no ambiente escolar, os alunos atuam como agentes reflexivos, aprendendo a interpretar símbolos materiais, a questionar suas funções e significados históricos, e a relacioná-los às transformações sociais, promovendo uma compreensão mais crítica e visual do passado

Porém, essa análise somente focada na disciplina de História se restringe ao Ensino Fundamental, uma vez que após a reforma do Ensino Médio no Brasil<sup>34</sup>, foi substituída na BNCC por *Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas*. Dentro disso, os móveis podem ser incorporados como fontes históricas ao explorar suas funções culturais, sociais e identitárias. A partir dessa abordagem, os estudantes podem analisar como os objetos refletem características de tempos e contextos específicos, promovendo o pensamento crítico e a leitura de imagens. Segundo a BNCC (BRASIL, 2018, p. 549), a investigação de objetos como móveis envolve práticas de análise e interpretação que estimulam a compreensão das ações humanas e suas manifestações culturais. O mobiliário pode ser utilizado, por exemplo, para discutir questões de identidade, costumes, mudanças sociais e transformações urbanas ou domésticas, ajudando os estudantes a desenvolverem uma leitura crítica das imagens e objetos presentes na sua realidade e na história.

---

<sup>34</sup> A reforma do ensino médio no Brasil, iniciada pela Lei nº 13.415 de 2017, visou flexibilizar o currículo para tornar a educação mais atrativa, alinhada aos interesses dos alunos e suas trajetórias pessoais e profissionais. Ela aumentou a carga horária mínima anual de 800 para 1.000 horas, dividiu o currículo em componentes obrigatórios e áreas de escolha (itinerários formativos) para permitir aprofundamento em áreas de interesse como linguagens, ciências humanas, ciências da natureza, matemática e ensino técnico, com 40% do tempo dedicado a esses itinerários (FERRETTI, 2018). A partir de 2025, uma nova etapa dessa reforma entrou em vigor com a Lei nº 14.945/2024, que elevou a carga horária total do ensino médio para 3.000 horas ao longo dos três anos (mil horas por ano), com 2.400 horas para a Formação Geral Básica (disciplinas comuns e obrigatórias) e no mínimo 600 horas para itinerários formativos escolhidos pelos estudantes, podendo chegar até 1.200 horas para quem cursa ensino técnico. O novo modelo prioriza o ensino presencial e prevê uma implementação gradual entre 2025 e 2027 para as três séries do ensino médio. Essa reforma busca modernizar o ensino médio brasileiro, tornando-o mais dinâmico, flexível e conectado às necessidades dos jovens e do mercado, apesar de ainda ter pontos debatidos e desafios a serem superados na prática educativa (JORGE, 2024).

A leitura de imagens perceberá detalhes como materiais, estilos, símbolos e funcionalidades, relacionando esses elementos ao contexto histórico e social em que foram produzidos. Essa abordagem também favorece a autonomia do estudante para questionar e propor hipóteses, promovendo uma compreensão mais profunda das categorias de tempo, espaço e cultura. Além disso, a utilização de móveis como fontes leva em conta as práticas de pesquisa de campo, como entrevistas, observações e consultas a acervos históricos, fortalecendo o protagonismo estudantil e a análise crítica das fontes.

(EM13LP29) Realizar pesquisas de diferentes tipos (bibliográfica, de campo, experimento científico, levantamento de dados etc.), usando fontes abertas e confiáveis, registrando o processo e comunicando os resultados, tendo em vista os objetivos colocados e demais elementos do contexto de produção, como forma de compreender como o conhecimento científico é produzido e apropriar-se dos procedimentos e dos gêneros textuais envolvidos na realização de pesquisas (BRASIL, 2018, p. 508).

Ainda com essa análise iconográfica, mediante as diretrizes da BNCC, é possível desenvolver diversas competências essenciais tanto na área de História, para o entendimento do passado e a formação de uma leitura crítica de imagens, quanto na das Ciências Humanas, com a compreensão cultural, histórica e social das expressões materiais. Com base nisso, segue um quadro explicativo montado por nós, a fim de relacionar as competências de forma mais clara.

Quadro 3: Demonstrativo das habilidades e competências presentes na BNCC que se encaixam na análise iconográfica de fontes históricas nas aulas de História.

| <b>Séries escolares direcionadas</b> | <b>Competências e Habilidades</b>                                                                                                                                                                                                                                                             |
|--------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 2º ano do E.F. I                     | (EF02HI04): Selecionar e compreender o significado de objetos e documentos pessoais como fontes de memórias e histórias nos âmbitos pessoal, familiar, escolar e comunitário.                                                                                                                 |
| 3º ano do E.F. I                     | (EF03HI02): Selecionar, por meio da consulta de fontes de diferentes naturezas, e registrar acontecimentos ocorridos ao longo do tempo na cidade ou região em que vive.                                                                                                                       |
| 5º ano do E.F. I                     | (EF05HI02): Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.                                                                                                                                 |
| 5º ano do E.F. I                     | (EF05HI03) Analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos.                                                                                                                                                                                         |
| Ensino Médio                         | (EM13CHS106): Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e de diferentes gêneros textuais e as tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, |

|              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|--------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|              | acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.                                                                                                                                                                                                                                           |
| Ensino Médio | (EM13CHS102): Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais da emergência de matrizes conceituais hegemônicas (etnocentrismo, evolução, modernidade etc.), comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.                                                               |
| Ensino Médio | (EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de natureza qualitativa e quantitativa (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos, gráficos, mapas, tabelas etc.) |

Fonte: Quadro autoral com base nas informações de BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: [https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 02 ago. 2025.

Mediante tudo que foi trazido até aqui, é possível perceber que essa abordagem iconográfica em sala de aula favorece uma leitura integrada para as crianças mais jovens, onde fontes visuais e objetos são tratados como protagonistas na construção de narrativas culturais, manifestações de poder e memórias coletivas. Ela possibilita compreender de forma crítica como esses elementos interagem e reforçam identidades e desigualdades sociais, fomentando uma compreensão mais ampla e reflexiva da história e da cultura. Enquanto para os adolescentes, integra conhecimentos de história, cultura e política, promovendo a compreensão crítica de como os objetos materiais não apenas refletem o seu tempo, mas também operam como símbolos de poder e memória, contribuindo para a formação de uma visão mais ampla e crítica sobre as sociedades passadas e presentes (BRASIL, 2018). Dessa forma, a abordagem que utiliza móveis como fontes históricas integra as dimensões de cultura material, poder e memória ao oferecer uma perspectiva multidimensional que revela como objetos cotidianos carregam significados sociais, políticos e identitários, enriquecendo o entendimento histórico dos estudantes e estimulando uma leitura crítica dessas referências visuais e materiais.

Ainda assim, para propor uma leitura crítica de objetos antigos em sala de aula, é importante incentivar os estudantes a contextualizá-los historicamente, analisando suas representações de poder e valores sociais, e questionar as narrativas por trás deles. Para isso, seria importante utilizarmos perguntas que promovam interpretações diversas e atividades práticas de investigação, como análise de materiais e técnicas de fabricação. Além disso, é importante fomentar debates dialógicos, conexões interdisciplinares e reflexões sobre

memórias culturais, promovendo uma compreensão aprofundada e crítica do objeto como fonte histórica.

De modo a facilitar a realização de tal dinâmica, seguem dois quadros informativos propondo, de forma mais direta, como mediar uma leitura crítica de objetos antigos, como os móveis, em sala de aula.

Quadro 4: proposta de mediação para leitura crítica de objetos antigos direcionada ao Ensino Fundamental.

| <b>Ação proposta</b>                                  | <b>Como realizar a ação proposta</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|-------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Incentivar a observação detalhada.                    | Estimule os estudantes a examinarem minuciosamente os objetos por diferentes atributos (material, técnica de produção, estado de conservação, símbolos presentes, forma, tamanho). Perguntas como “De que material é feito?”, “Para que pode ter sido usado?”, “O que o objeto nos revela sobre a época em que foi produzido?” ajudam a desenvolver uma percepção mais apurada. |
| Contextualizar historicamente.                        | Reforce a importância de inserir o objeto em seu contexto social, cultural, econômico e político. Pergunte: “Em que momento histórico esse objeto foi produzido?”, “Quem produziu e quem o utilizava?”, “Quais valores ou crenças ele pode expressar?” Essa análise contextualiza a origem e o significado do objeto.                                                           |
| Estimular a reflexão sobre diferentes interpretações. | Apresente múltiplas leituras possíveis e incentive os estudantes a debates sobre elas. Pergunte: “Como diferentes grupos sociais podem perceber esse objeto?”, “Que mensagens ele transmite sobre os valores e as relações de poder daquela época?” Isso promove uma leitura plural e crítica.                                                                                  |
| Relacionar com o presente.                            | Proponha questionamentos sobre o significado do objeto hoje: “Qual o valor ou uso que damos a esse objeto atualmente?”, “Ele pode representar algo diferente para diferentes pessoas?” Essa reflexão ajuda os alunos a compreenderem a construção de memórias e identidades ao longo do tempo.                                                                                  |
| Buscar múltiplas fontes e comparações.                | Estimule os estudantes a confrontar o objeto com outros registros, imagens, textos ou objetos similares de diferentes épocas ou                                                                                                                                                                                                                                                 |

|                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|--------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                            | culturas. Essa comparação enriquece a compreensão e revela mudanças de significado e uso ao longo do tempo.                                                                                                                                                     |
| Questionar a relação entre objeto e poder. | Levante discussões sobre como objetos podem simbolizar relações de poder, status social ou dominação. “Quem produziu ou possuía esse objeto?”, “Ele simboliza alguma autoridade ou hierarquia?” Essas perguntas ajudam a perceber a dimensão social das coisas. |
| Utilizar metodologias ativas.              | Organize atividades práticas como visitas a museus, atividades de coleta de objetos, rodas de discussão, elaboração de debates ou produções de textos críticos. Essas ações envolvem os estudantes na experiência de leitura e interpretação.                   |

Fonte: Quadro autoral com base nas informações de BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: [https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 02 ago. 2025.

Desse modo, é possível observar que a proposta de leitura crítica de objetos antigos, para o ensino fundamental, deve estimular a observação, o questionamento e a contextualização, promovendo uma compreensão multifacetada das fontes materiais e de suas múltiplas leituras possíveis, sempre relacionando o passado com o presente e as diferentes perspectivas sociais. É importante estimular a observação detalhada, inserir o objeto em seu contexto histórico e promover debates sobre diferentes interpretações, confrontá-lo com outras fontes e discutir suas associações com relações de poder.

Quadro 5: proposta de mediação para leitura crítica de objetos antigos direcionada ao Ensino Médio.

| <b>Ação proposta</b>                   | <b>Como realizar a ação proposta</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|----------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Contextualização Histórica e Cultural. | Orientar os estudantes a pesquisarem o período histórico, social e cultural em que o objeto foi produzido, considerando fatores econômicos, políticos e sociais que influenciaram sua fabricação e uso. Isso possibilita compreender o objeto como um produto de uma determinada época, refletindo valores, crenças e relações de poder daquele tempo. |
| Análise Iconográfica e Simbólica.      | Incentivar a observação detalhada dos elementos visuais do objeto, interpretando símbolos, inscrições, formatos e materiais                                                                                                                                                                                                                            |

|                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|---------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                   | utilizados. Isso ajuda a entender as mensagens que o objeto transmite, suas funções sociais e seus possíveis vínculos com representações de poder, memória ou identidade.                                                                                                                                                             |
| Questionamento Crítico.                           | Propor perguntas que desafiem os estudantes a refletirem sobre aspectos como: Para quem esse objeto foi feito? Que valores ou ideias ele busca transmitir? Quais grupos sociais ele privilegia ou marginaliza? Como ele representa relações de poder ou memória? Essa abordagem fomenta uma postura crítica e ativa frente ao objeto. |
| Comparação com Outros Objetos e Contextos.        | Incentivar a comparação entre objetos de diferentes épocas, culturas ou contextos, identificando semelhanças, diferenças e relações de continuidade ou transformação. Essa prática amplia a compreensão sobre as mudanças culturais e a diversidade de representações sociais.                                                        |
| Utilização de Recursos Multimídia e Tecnológicos. | Incorporar imagens, vídeos, textos e plataformas digitais que apresentem objetos em diferentes configurações, além de promover debates, produções de textos ou projetos de pesquisa que envolvam a análise desses objetos.                                                                                                            |
| Reflexão sobre a Preservação e Uso Contemporâneo. | Discutir o papel atual desses objetos na memória social, museus ou na cultura popular, refletindo sobre o que esses objetos representam hoje e sua importância na construção da identidade coletiva.                                                                                                                                  |

Fonte: Quadro autoral com base nas informações de BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: [https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 02 ago. 2025.

Como também é possível observar no quadro direcionado ao Ensino Médio, propõe-se uma leitura que vá além da descrição superficial, envolvendo crítica, contextualização e diálogo com diferentes saberes para compreender o objeto como um mediador de valores, poder e memória na sociedade, adaptando as abordagens com as idades dos discentes. Portanto, com base no que acreditamos ter conseguido debater até aqui, as práticas pedagógicas, usando a análise iconográfica de móveis históricos, incluem observar detalhes simbólicos e técnicos, investigar seu contexto de produção, comparar estilos de diferentes épocas, interpretar simbolismos sociais, usar recursos tecnológicos, criar representações visuais e relacionar os

móveis com outras fontes históricas. Essas ações ajudam os educandos a entenderem esses objetos como testemunhos culturais e promover uma leitura crítica da história (BRASIL, 2018).

Com base em todo esse percurso teórico e metodológico, torna-se evidente que a análise de objetos como o mobiliário napoleônico é uma ferramenta pedagógica potente para promover a leitura crítica de imagens e a compreensão histórica das materialidades. Ao propor uma mediação cuidadosa, que valorize a observação, a contextualização e o questionamento, o professor pode transformar esses objetos em instrumentos significativos de ensino, aproximando os estudantes das experiências e representações de diferentes épocas.

A construção de uma prática pedagógica voltada para a cultura material exige planejamento intencional, objetivos bem definidos e estratégias que dialoguem com as competências estabelecidas pela BNCC, sem perder de vista a formação de sujeitos críticos, reflexivos e engajados com seu tempo. Nesse sentido, no próximo tópico dessa monografia, nos dedicaremos a apresentar uma proposta concreta de plano de aula, acompanhado de um produto didático desenvolvido por nós, que articula os fundamentos aqui discutidos com a prática docente, demonstrando como o mobiliário do período napoleônico pode ser efetivamente incorporado ao cotidiano escolar como fonte histórica e recurso de ensino-aprendizagem.

### 3.4. Plano de aula – O Mistério dos Símbolos do Palácio: investigando cultura material e poder no Império Napoleônico

Quadro 6: Plano de aula modelo para aplicação do material didático proposto no presente trabalho.

| Plano de Aula                                                                                                           |        |               |              |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------|---------------|--------------|
| <b>Disciplina:</b>                                                                                                      |        | História      |              |
| <b>Ano (série):</b>                                                                                                     | 2º ano | <b>Nível:</b> | Ensino Médio |
| <b>Horário da aula/tempo de duração da aula:</b>                                                                        |        |               |              |
| 100 minutos (2h aula).                                                                                                  |        |               |              |
| <b>Tema</b>                                                                                                             |        |               |              |
| Símbolos do poder e cultura material no período napoleônico: uma abordagem investigativa por meio de fontes históricas. |        |               |              |
| <b>Objeto(s) de Conhecimento previsto(s) na BNCC</b>                                                                    |        |               |              |

| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Cultura, identidade e patrimônio;</li> <li>• Práticas de investigação histórica: uso e análise de fontes;</li> <li>• Representações e discursos de poder.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Objetivos                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Objetivo geral:</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | Promover a investigação, por meio da análise de fontes históricas visuais, textuais e materiais, como símbolos e objetos foram utilizados na construção do poder político no período napoleônico, estimulando o pensamento crítico e a compreensão do papel da cultura material na história.                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Objetivos específicos:</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar elementos simbólicos presentes em móveis e objetos do período napoleônico;</li> <li>• Relacionar os símbolos aos discursos de poder e identidade política do Império;</li> <li>• Utilizar fontes históricas para produzir uma narrativa coerente e argumentativa;</li> <li>• Desenvolver habilidades de análise, inferência e interpretação crítica de fontes;</li> <li>• Compreender como a cultura material atua na construção da memória e da autoridade.</li> </ul> |
| Habilidades Previstas na BNCC (com código)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• (EM13CHS106): Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e de diferentes gêneros textuais e as tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.</li> <li>• (EM13CHS102): Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais da emergência de matrizes conceituais hegemônicas (etnocentrismo, evolução, modernidade etc.), comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.</li> <li>• (EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos</li> </ul> |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de natureza qualitativa e quantitativa (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos, gráficos, mapas, tabelas etc.)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Conteúdo</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Cultura material e história: móveis e objetos como fontes;</li> <li>• Símbolos políticos no período napoleônico: águias, abelhas, coroas de louro, colunas;</li> <li>• Estilo Império e construção de identidade imperial;</li> <li>• Prática da investigação histórica: análise de fontes visuais, textuais e historiográficas.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Metodologia</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <p>Aula estruturada em forma de RPG didático com narrativa investigativa e divisão de papéis, permitindo aos alunos atuarem como “historiadores” de campo. (É preciso que os estudantes tenham conhecimento prévio sobre o contexto do governo napoleônico).</p> <p><b>Introdução narrativa do mistério histórico (5 minutos) - recursos: voz e ficha de abertura do RPG</b></p> <p>Apresentação do mistério do palácio e do desafio investigativo (ficha de abertura do RPG disponível no presente documento).</p> <p><b>Explicação sobre análise de fontes e divisão dos grupos (10 minutos) - recursos: roteiros de análise iconográfica e voz</b></p> <p>Sortear os papéis ou organizar a turma por afinidade/interesse e explicar o breve roteiro de análise iconográfica do mobiliário disponibilizado no material, demonstrando ser apenas norteador, não delimitador de análise.</p> <p><b>Distribuição de fichas e pistas (5 minutos) – recursos: fichas dos personagens e pistas impressas ou projetadas (encontradas no apêndice do presente trabalho de conclusão de curso)</b></p> <p>Assim que todos dispostos em grupos, entregar as fichas de personagens e das pistas, explicação dos papéis de cada personagem e da análise iconográfica que se espera.</p> |

**Análise das pistas em grupo e formulação das hipóteses (25 minutos) – recursos: voz**

Deixar que os grupos debatam entre si sobre as hipóteses e realizem pesquisas para complementação, enquanto isso, circular por entre eles e fazer perguntas instigadoras. Anotar as falas também, para que possam ser usadas em um futuro debate em turma.

**Rotação dos grupos para checagem cruzada (10 minutos) – recursos: voz**

Abrir espaço para que os grupos compartilhem as informações internas entre si, promovendo um debate entre todos da turma.

**Síntese final por grupo com produção de narrativa e evidências (20 minutos) – recursos: voz**

Deixar um tempo para os grupos se reorganizem em suas hipóteses, após debate, e montem painéis para apresentação das conclusões.

**Apresentação das conclusões ao “museu” da turma (20 minutos) – recursos: voz, papel, cola e canetas**

Pedir para que cada grupo apresente suas conclusões para serem incorporadas ao museu da turma. Promover perguntas reflexivas para o debate em sala de aula, formando uma teoria coerente e bem explicada sobre o que foi descoberto.

**Avaliação final (5 minutos) – recursos: voz e *ticket* de saída**

Avaliação formativa individual: entregar os *tickets* de saída presentes no material para que os alunos coloquem suas reflexões pessoais, podendo deixar para serem entregues em uma próxima aula.

**Total:** 100 minutos.

**Recursos didáticos**

- Projetor para apresentação de *slides* com os móveis e símbolos;
- Dispositivos que possibilitem pesquisas *online*;
- Fichas dos grupos (papéis e missões) – impressas;
- Fichas de pistas (fontes visuais, textuais e historiográficas) – impressas;
- Cartolina ou quadro para síntese coletiva;

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ficha de “Ticket de Saída” para avaliação final</li> <li>• Quadro e pincel para possíveis anotações de debate;</li> <li>• Jogo de RPG desenvolvido por nós;</li> <li>• Canetas, marcadores, cola (caso desejem montar painéis).</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Avaliação</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <p>Formativa e processual: Observação da participação e envolvimento dos alunos nas discussões e reflexões durante a aula; engajamento na investigação e cooperação em grupo; capacidade de descrever, contextualizar e inferir a partir das pistas; relação entre hipóteses e evidências coletadas; clareza, coerência e criatividade na apresentação da história dos objetos; capacidade de avaliar as fontes e compreender o papel dos símbolos no poder político.</p> <p>Avaliação escrita: descrição de quais evidências foram mais importantes para suas conclusões e por quê.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Referências</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <p>BRASIL. Ministério da Educação. <b>Base Nacional Comum Curricular</b>. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <a href="https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf">https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf</a>. Acesso em: 02 ago. 2025.</p> <p>CAMPELLO, Lorena de Oliveira Souza; CRUZ, Talyson Raony Santos; SANTOS, Lilia dos. <b>Uso de fontes históricas em sala de aula e a construção do conhecimento histórico</b>. Anais da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT) do IFS, v. 2, n. 1, p. 363-367, 2020. Disponível em: <a href="https://periodicos.ifs.edu.br/periodicos/SNCT/article/view/989">https://periodicos.ifs.edu.br/periodicos/SNCT/article/view/989</a>. Acesso em: 24 jun. 2025.</p> <p>CUNHA, Rodrigo Moraes. Utilizando RPG em sala de aula. <b>Revista Científica Semana Acadêmica</b>. Disponível em: <a href="https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/utlizandorpgemsaladeaula.pdf">https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/utlizandorpgemsaladeaula.pdf</a>. Acesso em: 01 ago. 2025.</p> <p>FILHO, Neurivaldo José de Guzzi; BELLO, Maria Elvira do Rego Barros; SANTOS, Fabiana Sena dos; SANTOS, Laura Sued Brandão; PEIXOTO, Carine Alves dos Santos. <b>Roleplaying Game (RPG): Um material potencialmente significativo para</b></p> |

**aprendizagem de conceitos em Ciências.** XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC – 3 a 6 de julho de 2017. Disponível em: <https://abrapec.com/enpec/xi-enpec/anais/resumos/R0921-1.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2025.

FREIRE, Paulo. **Considerações em torno do ato de estudar.** In: Ação Cultural para a Liberdade, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 5 Ed., 1981.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com a própria história.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1968.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.

IONTA, Marilda. Aprender e ensinar história: os jogos de rpg na sala de aula. **Revista Ponto de Vista**, v. 6, n. 1, p. 23-29, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RPV/article/view/9168>. Acesso em: 01 ago. 2025.

MOREIRA, M.A.; CABALLERO, M.C.; RODRIGUEZ, M.L. (orgs.). **Actas del Encuentro Internacional sobre el Aprendizaje Significativo.** Burgos, Espanha. pp. 19-44, 1997.

PACHECO, Soênia Maria; AMARAL, Ricardo Ribeiro do. **Experimentando o RPG pedagógico: a interdisciplinaridade na sala de aula.** VIII Congresso Internacional de Tecnologia na Educação. Disponível em: [https://www.rpgnaescola.com.br/gallery/69368a572dd675e7da23be2f640088a3\\_PLINARI DADE-NA-SALA-DE-AULA.pdf](https://www.rpgnaescola.com.br/gallery/69368a572dd675e7da23be2f640088a3_PLINARI DADE-NA-SALA-DE-AULA.pdf). Acesso em: 01 ago. 2025.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. **O que pode o ensino de História? Sobre o uso de fontes na sala de aula.** Lume: Repositório digital da UFRGS, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 113-128, dez. 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31560/000697736.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 ago. 2025.

XAVIER, Raphael. RPG e o ensino de História: diálogos e perspectivas. **Revista Encontros de Vida**, v. 7, n. 1, p. 86-93, 2011. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/encontrosdevista/article/view/4447>. Acesso em: 01 ago. 2025.

**Anexos**

O Mistério Dos Símbolos Do Palácio (Material Didático Do TCC De Heloisa Ayumi Nishimaru De Lima - História/UFU). 2025. Disponível em: [https://www.academia.edu/143539568/O\\_Mist%C3%A9rio\\_dos\\_S%C3%ADmbolos\\_do\\_Pal%C3%A1cio\\_Material\\_did%C3%A1tico\\_do\\_TCC\\_de\\_Heloisa\\_Ayumi\\_Nishimaru\\_de\\_Lima\\_Hist%C3%B3ria\\_UFU\\_](https://www.academia.edu/143539568/O_Mist%C3%A9rio_dos_S%C3%ADmbolos_do_Pal%C3%A1cio_Material_did%C3%A1tico_do_TCC_de_Heloisa_Ayumi_Nishimaru_de_Lima_Hist%C3%B3ria_UFU_).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscamos compreender de que maneira o simbolismo das abelhas no mobiliário do período napoleônico contribuiu para a construção e legitimação do discurso de poder imperial, especialmente nos espaços privados das elites francesas. Partindo da compreensão de que os objetos materiais não são neutros, mas carregam significados simbólicos, políticos e sociais, analisamos como o design dos móveis do estilo Império incorporou deliberadamente elementos que transmitiam a autoridade e a continuidade do regime de Napoleão Bonaparte.

A escolha da abelha como símbolo central dessa estética não apenas remonta a tradições antigas, como a dinastia merovíngia, mas também evidencia a intenção política de construir uma nova identidade imperial baseada no neoclássico – transmitindo ordem, trabalho e continuidade –, afastando-se dos símbolos da monarquia bourbonista. A abelha, nesse contexto, opera como um dispositivo visual que comunica valores como trabalho, ordem, fertilidade e unidade (PRENDERGAST, 2022), sendo amplamente utilizada em tronos, tapeçarias e objetos de decoração como forma de impregnar os ambientes com a presença simbólica do poder. A partir da análise iconográfica de peças do mobiliário, foi possível perceber como esses objetos funcionavam como suportes de uma linguagem política, atuando na disseminação e naturalização da autoridade napoleônica mesmo no cotidiano das elites. Essa dimensão privada da propaganda estética revela-se como uma poderosa ferramenta de subjetivação, promovendo a internalização da ordem imperial por meio da cultura material, capazes de reforçar hierarquias e valores imperiais por meio da forma, dos ornamentos e da repetição de padrões visuais (HOBSBAWN, 1984).

Além disso, este trabalho refletiu sobre a relevância dessas fontes para o ensino de História, apresentando possibilidades de articulação entre cultura material, análise iconográfica e formação do pensamento crítico nas escolas. Ao defender o uso do mobiliário como fonte histórica em sala de aula, especialmente a partir da BNCC, buscamos contribuir com práticas pedagógicas que incentivem o protagonismo discente e o diálogo entre o passado e o presente, por meio da leitura crítica de imagens e objetos. Disponibilizando, também, uma proposta de plano de aula e um produto didático fundamentado na análise do mobiliário napoleônico visa oferecer aos docentes uma ferramenta concreta para incorporar a cultura material ao currículo, explorando não apenas o conteúdo histórico, mas também habilidades de análise, argumentação e interpretação crítica. Assim, espera-se que este trabalho não apenas contribua para os estudos sobre o Império Napoleônico e sua política simbólica, mas também para a ampliação das formas

de ensinar e aprender História, valorizando fontes plurais e a construção ativa do conhecimento histórico.

Por fim, ao longo da pesquisa, argumentamos que os móveis do período napoleônico — com sua estética carregada de significados — constituem não apenas documentos históricos relevantes para a compreensão da cultura política do Império, mas também recursos pedagógicos valiosos para o ensino de História crítica e sensível à pluralidade de fontes.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Emiliano Rivello. **Pierre Bourdieu: a distinção de um legado de práticas e valores culturais**. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922008000100009>. Acesso em: 02 mar. 2025.

AZEVEDO, Valmir José Pacheco Dayubre de. **As abelhas e a arte contemporânea: Experimentações criativas pela lente de uma câmera fotográfica**. Memorial descritivo apresentando ao Curso de Artes Visuais, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira – BA, 2017. Disponível em: [https://www2.ufrb.edu.br/artesvisuais/images/TCCs\\_-\\_Trabalhos\\_de\\_Conclus%C3%A3o\\_de\\_Curso/TCC\\_2017/TCC\\_VALMIR\\_JOSE%CC%81\\_PACHECO\\_DAYUBBE\\_DE\\_AZEVEDO\\_AS\\_ABELHAS\\_E\\_A\\_ARTE\\_CONTEMPORA%C%82NEA\\_-\\_EXPERIMENTAC%CC%A7O%CC%83ES\\_CRIATIVAS\\_PELA\\_LENTE\\_DE\\_UMA\\_CA%CC%82MERA\\_FOTOGRA%CC%81FICA\\_2017.pdf](https://www2.ufrb.edu.br/artesvisuais/images/TCCs_-_Trabalhos_de_Conclus%C3%A3o_de_Curso/TCC_2017/TCC_VALMIR_JOSE%CC%81_PACHECO_DAYUBBE_DE_AZEVEDO_AS_ABELHAS_E_A_ARTE_CONTEMPORA%C%82NEA_-_EXPERIMENTAC%CC%A7O%CC%83ES_CRIATIVAS_PELA_LENTE_DE_UMA_CA%CC%82MERA_FOTOGRA%CC%81FICA_2017.pdf). Acesso em: 30 jul. 2025.

BARRIE, James Matthew. **Peter Pan**. Tradução de Julia Romeu, Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

BAXTER, Paula A. **Estilos Império e Regência**. New York: The New York Public Library, 2004. Disponível em: <https://www.nypl.org/node/5649>. Acesso em: 02 mar. 2025.

BERNARD, Jean; BAUMANN, Claude; DAUDE, Bernard; LAFARGE, Marc; MARTINA, Hervé. **De L'Antiquité a nos Jours – Arts Styles & Mobilier**. Paris: Editora Massin Editeur, 1991, p. 65-73.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução: Daniela Kern e Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Edusp, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: [https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 02 ago. 2025.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.

CAMPELLO, Lorena de Oliveira Souza; CRUZ, Talyson Raony Santos; SANTOS, Lilia dos. **Uso de fontes históricas em sala de aula e a construção do conhecimento histórico.** Anais da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT) do IFS, v. 2, n. 1, p. 363-367, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ifs.edu.br/periodicos/SNCT/article/view/989>. Acesso em: 24 jun. 2025.

CARVALHO, Daniel Gomes de. **Revolução Francesa.** São Paulo: Editora Contexto, 2022.

CAVICCHIOLI, Marina Regis. **A guerra, a paz e o sexo: os discursos por trás das escavações de Pompéia.** ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206369\\_71ae7d49b6e5e157b4fc647e44de2b2a.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206369_71ae7d49b6e5e157b4fc647e44de2b2a.pdf). Acesso em: 14 jul. 2025.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações.** Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988. 244 p. (Col. "Memória e Sociedade", coord. p/Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto. v. 1).

COGGIOLA, Osvaldo. A Historiografia entre modernidade e contemporaneidade. **Intelligere: Revista de História Intelectual**, n. 12, p. 1-15, dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revistaintelligere/article/view/195131>. Acesso em: 02 ago. 2025.

CUNHA, Rodrigo Moraes. Utilizando RPG em sala de aula. **Revista Científica Semana Acadêmica.** Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/utilizandorpgemsaladeaula.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2025.

ELIAS, Alice. **Revolução Francesa: Robespierre e a maior parte dos jacobinos são executados na guilhotina.** Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), jul. 2022. Disponível em: <https://www.fflch.usp.br/34666>. Acesso em: 07 jun. 2025.

ESTILOS de Mobiliário. **O Grande livro da decoração.** Lisboa: Selecções do Reader's Digest, 1976.

FAWTIER, Robert. **The Capetian Kings of France: Monarchy and Nation 987-1328.** Londres: Editora Palgrave Macmillan, 1969.

FERREIRINHA, Isabella Maria Nunes; RAITZ, Tânia Regina. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, abr. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-76122010000200008>. Acesso em: 26 jun. 2025.

FERRETTI, Celso João. **A reforma do Ensino Médio e sua questionável concepção de qualidade da educação**. Estudos Avançados: Ensino de Humanidades, mai.-ago. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/0103-4014.20180028>. Acesso em: 03 ago. 2025.

FILHO, Neurivaldo José de Guzzi; BELLO, Maria Elvira do Rego Barros; SANTOS, Fabiana Sena dos; SANTOS, Laura Sued Brandão; PEIXOTO, Carine Alves dos Santos. **Roleplaying Game (RPG): Um material potencialmente significativo para aprendizagem de conceitos em Ciências**. XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC – 3 a 6 de julho de 2017. Disponível em: <https://abrapec.com/enpec/xi-enpec/anais/resumos/R0921-1.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2025.

FREITAS, Beatriz. **Referências do Médio Oriente Antigo e do Egito no mobiliário oitocentista**. Repositório da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/111973>. Acesso em: 05 jan. 2025.

FREIRE, Paulo. **Considerações em torno do ato de estudar**. In: Ação Cultural para a Liberdade, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 5 Ed., 1981.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com a própria história**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1968.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.

FUINI, Pedro. **Napoleão Bonaparte é coroado Imperador**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), jul. 2022. Disponível em: <https://www.fflch.usp.br/41855>. Acesso em: 07 jun. 2025.

FURET, François. **Pensar a Revolução Francesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIRARDI, Liráucio. Pierre Bourdieu: mercados linguísticos e poder simbólico. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 24, n. 03, set.-dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2017.3.25978>. Acesso em: 24 jun. 2025.

HOBBSAWM, Eric. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HONOUR, Hugh. **Neoclassicism**. Londres: Penguin Books, 1968.

IONTA, Marilda. Aprender e ensinar história: os jogos de rpg na sala de aula. **Revista Ponto de Vista**, v. 6, n. 1, p. 23-29, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RPV/article/view/9168>. Acesso em: 01 ago. 2025.

JORGE, Marcos do Amaral. Reforma do Novo Ensino Médio abre caminho para corrigir distorções, mas deixa pontos importantes em aberto. **Jornal da UNESP**, ago. 2024. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2024/08/23/reforma-do-novo-ensino-medio-abre-caminho-para-corrigir-distorcoes-mas-deixa-pontos-importantes-em-aberto/>. Acesso em: 03 ago. 2025.

KENNEDY, Paul. **Ascensão e Queda das Grandes Potências**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989.

LIMA, Tania Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. **Revista Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi de Ciências Humanas**, Belém, v. 06, n. 01, p. 11-23, jan.-abr. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1981-81222011000100002>. Acesso em: 27 jun. 2025.

MERRICK, Jffrey. **Abelhas Reais: A Política de Gênero da Colmeia na Europa Moderna**. Estudos sobre a Cultura do Século XVIII, vol. 18, n. 1, p. 7-37, 1989. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/789027>. Acesso em: 20 mar. 2025.

MONTENEGRO, Riccardo. **Guia de História do Mobiliário: Os Estilos de Mobiliário do Renascimento aos anos 50**. Lisboa: Editora Editorial Presença, p. 106-113, 1995.

MOREIRA, M.A.; CABALLERO, M.C.; RODRIGUEZ, M.L. (orgs.). **Actas del Encuentro Internacional sobre el Aprendizaje Significativo**. Burgos, Espanha. pp. 19-44, 1997.

NOUVEL-KAMMERER, Odile. **Symbols of Power: Napoleon and the Art of the Empire Style, 1800-1815**. New York: Harry N. Abrams, in assoc. with the American Federation of Arts and Les Arts Déwcoratifs, Paris, p. 193-194, 2007.

OLIVEIRA, Carla Mary S. Aloïs Riegl, o conceito de Kunstwollen e o Barroco: algumas considerações da arte. **Revista de História**, João Pessoa, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/18186/10279>. Acesso em: 02 mar. 2025.

PACHECO, Soênia Maria; AMARAL, Ricardo Ribeiro do. **Experimentando o RPG pedagógico: a interdisciplinaridade na sala de aula**. VIII Congresso Internacional de Tecnologia na Educação. Disponível em:

[https://www.rpgnaescola.com.br/gallery/69368a572dd675e7da23be2f640088a3\\_PLINARIDA-DE-NA-SALA-DE-AULA.pdf](https://www.rpgnaescola.com.br/gallery/69368a572dd675e7da23be2f640088a3_PLINARIDA-DE-NA-SALA-DE-AULA.pdf). Acesso em: 01 ago. 2025.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

PANOFSKY, Erwin. **Estudos em iconologia: temas humanísticos na arte do Renascimento**. São Paulo: Perspectiva, 2021.

PASTOUREAU, Michel. **Les emblèmes de la France**. Paris: Éditions Bonneton, 2008.

PAZ, Daniel Juracy Mellado. **Da importância do pormenor: Alois Riegl e a cultura alemã**. In: V Encontro Internacional sobre Preservação do Patrimônio Edificado - Arquimemória, 2017, Salvador. Anais do V Encontro Internacional sobre Preservação do Patrimônio Edificado - Arquimemória. Salvador: Departamento da Bahia do Instituto de Arquitetos do Brasil, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32969>. Acesso em: 03 jun. 2025.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. **O que pode o ensino de História? Sobre o uso de fontes na sala de aula**. Lume: Repositório digital da UFRGS, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 113-128, dez. 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31560/000697736.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 ago. 2025.

PERROT, Michelle. HUNT, Lynn. HALL, Catherine. **Ergue-se a cortina**. In: História da Vida Privada: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Editora Companhia de Bolso, p. 13-47, 2009. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/80111.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2025.

PRENDERGAST, Kit S. GARCIA, Jair E. HOWARD, Scarlett R. REN, Zong-Xin. MCFARLANE, Stuart J. DYER, Adrian G. Bee Representations in Human Art and Culture through the Ages. **Jornal Art & Perception**, v. 10, p. 01-62, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1163/22134913-bja10031>. Acesso em: 05 jan. 2025.

ROSA, Tiago Barros. O poder em Bourdieu e Foucault: considerações sobre o poder simbólico e o poder disciplinar. **Revista Sem Aspas**, Araraquara, v. 6, n. 1, p. 3–12, 2017. DOI: 10.29373/semaspas.v19n1.2017.9933. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/view/9933>. Acesso em: 27 jun. 2025.

SILVA, Gerson. **Significado simbólico da abelha**. UNESA - Universidade Estácio de Sá, 2011. Disponível em:

[https://www.academia.edu/93026666/SIGNIFICADO\\_SIMB%C3%93LICO\\_DA\\_ABELHA](https://www.academia.edu/93026666/SIGNIFICADO_SIMB%C3%93LICO_DA_ABELHA).

Acesso em: 30 jul. 2025.

SOBOUL, Albert. **A Revolução Francesa**. Rio de Janeiro: Difel, 1980.

SOUZA, Sylvio Capanema de. O Código Napoleão e sua Influência no Direito Brasileiro. **Revista da EMERJ**, v. 07, n. 26, p. 36-51, 2004. Disponível em: [https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj\\_online/edicoes/revista26/revista26\\_36.pdf](https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj_online/edicoes/revista26/revista26_36.pdf). Acesso em: 28 jun. 2025.

STOIANI, Raquel. **Da espada à águia: construção simbólica do poder e legitimação política de Napoleão Bonaparte**. Biblioteca Digital USP, Dissertação de Mestrado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, mai. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.8.2002.tde-11062006-221202>. Acesso em: 02 mar. 2025.

STOIANI, Raquel; GARRAFFONI, Renata Senna. **Escavar o passado, (re)construir o presente: os usos simbólicos da Antiguidade Clássica por Napoleão Bonaparte**. Revista Unicamp, Campinas, Napoleão e a Arqueologia, p. 69-82. Disponível em: <https://unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%206%20-%20artigo%206.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2025.

STOIANI, Raquel. **O ninho da águia. Napoleão e sua política de lugares: Paris como centro do mundo**. Revista de História da USP, p. 175-222, mai. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i146p175-222>. Acesso em: 02 mar. 2025.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018.

WACQUANT, Loïc. **Poder simbólico e fabricação de grupos: Como Bourdieu reformula a questão das classes**. Tradução: Sérgio Lamarão. Revista Novos Estudos, CEBRAP, n. 96, p. 87-103, jul. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002013000200007>. Acesso em: 30 jun. 2025.

XAVIER, Raphael. RPG e o ensino de História: diálogos e perspectivas. **Revista Encontros de Vida**, v. 7, n. 1, p. 86-93, 2011. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/encontrosdevista/article/view/4447>. Acesso em: 01 ago. 2025.

## APÊNDICE

### Apêndice 1



Material didático produzido como parte do Trabalho de Conclusão de Curso, de autoria de Heloisa Ayumi Nishimaru de Lima, apresentado no ano de 2025 no curso de História da Universidade Federal de Uberlândia (Licenciatura).

Ensino Médio: livro do professor

# O Mistério dos Símbolos do Palácio

Investigando cultura material e poder no  
Império Napoleônico

## **Sumário**

|                                                                                                     |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| A análise iconográfica na Base Nacional Comum Curricular: proposta de atividade com mobiliário..... | 2  |
| Do jogo ao aprendizado: a teoria por trás da brincadeira.....                                       | 4  |
| Colocando o RPG em prática: variações e o inesperado.....                                           | 6  |
| Como avaliar o aprendizado.....                                                                     | 7  |
| Plano de aula: uma proposta de como utilizar o presente RPG.....                                    | 9  |
| Fichas do jogo.....                                                                                 | 15 |

## **A análise iconográfica na Base Nacional Comum Curricular: proposta de atividade com mobiliário**

Você já imaginou transformar seus alunos em investigadores do tempo, desvendando mistérios escondidos em móveis antigos? Neste RPG didático, sua turma se tornará uma equipe de especialistas encarregada de descobrir a história por trás de símbolos intrigantes encontrados em uma sala secreta do Palácio de Napoleão Bonaparte. A proposta combina narrativa envolvente, análise de fontes históricas reais e cultura material, promovendo o pensamento crítico e o protagonismo estudantil.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe um ensino de História voltado para a construção do pensamento crítico, da leitura contextualizada de diferentes linguagens e da formação de sujeitos capazes de compreender e transformar a realidade em que vivem<sup>35</sup>. Dentro desse horizonte, o uso de fontes visuais e materiais, como o mobiliário do período napoleônico, desponta como uma possibilidade potente de articulação entre cultura material, representação do poder e análise histórica. Mais do que objetos decorativos, os móveis analisados carregam marcas simbólicas do contexto político e cultural em que foram produzidos, podendo ser incorporados ao currículo escolar como ferramentas de leitura do passado. Ao promover o contato dos estudantes com essas fontes, o professor abre espaço para desenvolver habilidades como a análise iconográfica, a contextualização histórica, a construção de argumentos e a identificação de discursos ideológicos veiculados por imagens e formas. Essa abordagem favorece o ensino por investigação, incentiva o protagonismo discente e contribui para a ressignificação do cotidiano como espaço de aprendizado histórico.

---

<sup>35</sup> A BNCC propõe um ensino de História voltado para a construção do pensamento crítico, da leitura contextualizada de diferentes linguagens e da formação de assuntos capazes de compreender e transformar a realidade em que vivem por meio da Competência Geral 2, denominado Pensamento Científico, Crítico e Criativo. Esse eixo enfatiza que o aluno deve ser estimulado a experimentar a curiosidade intelectual, recorrendo a abordagens próprias das Ciências, para fazer investigação, reflexão e análise crítica. A leitura contextualizada, que vai além do texto escrito para incluir imagens, gráficos, mapas e outras linguagens, é fundamental para que o estudante compreenda o conteúdo dentro de seus múltiplos sentidos e relações históricas. No campo da História, isso significa trabalhar com fontes diversas, considerá-las em seus contextos e dialogar com diferentes visões e interpretações históricas, desenvolvendo a capacidade do aluno de interpretar, questionar e posicionar-se frente ao passado e ao presente, com vistas a uma atuação transformadora. Essa proposta se encontra articulada em toda a BNCC, mas concentra-se especialmente nas competências gerais e nos direitos de aprendizagem estabelecidos para a Educação Básica, incluindo o ensino de História, que deve ser interdisciplinar, crítico e contextualizado (BRASIL, 2018).

Dentro da Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, na BNCC do Ensino Médio, os móveis podem ser incorporados como fontes históricas ao explorar suas funções culturais, sociais e identitárias. A partir dessa abordagem, os estudantes podem analisar como os objetos refletem características de tempos e contextos específicos, promovendo o pensamento crítico e a leitura de imagens. Segundo a BNCC, a investigação de objetos como móveis envolve práticas de análise e interpretação que estimulam a compreensão das ações humanas e suas manifestações culturais. O mobiliário pode ser utilizado, por exemplo, para discutir questões de identidade, costumes, mudanças sociais e transformações urbanas ou domésticas, ajudando os estudantes a desenvolver uma leitura crítica das imagens e objetos presentes na sua realidade e na história.

A construção de uma prática pedagógica voltada para a cultura material exige planejamento intencional, objetivos bem definidos e estratégias que dialoguem com as competências estabelecidas pela BNCC, sem perder de vista a formação de sujeitos críticos, reflexivos e engajados com seu tempo. Nesse sentido, aqui nos dedicaremos a apresentar uma proposta concreta de plano de aula que articula os fundamentos aqui discutidos com a prática docente, demonstrando como o mobiliário do período napoleônico pode ser efetivamente incorporado ao cotidiano escolar como fonte histórica e recurso de ensino-aprendizagem.

Nesse contexto, ao tomarmos o mobiliário napoleônico como fonte histórica no ensino de História, reconhecemos seu potencial não apenas como vestígio do passado, mas como instrumento de investigação crítica, análise simbólica e reflexão sobre as relações de poder inscritas na cultura material. A articulação entre objeto, imagem e discurso abre múltiplas possibilidades pedagógicas que vão além da exposição de conteúdos, promovendo práticas investigativas e dialógicas em sala de aula.

No entanto, para que essa abordagem seja significativa, é necessário que ela se manifeste de forma concreta e engajadora no cotidiano escolar — e é nesse ponto que os métodos lúdicos e narrativos ganham destaque. Entre essas possibilidades, o uso do RPG (*Role-Playing Game*) surge como uma estratégia inovadora capaz de mobilizar a imaginação histórica, o pensamento crítico e o protagonismo discente. A seguir, exploraremos como essa metodologia pode ser incorporada ao ensino de História, com ênfase na análise iconográfica e na construção de narrativas que têm o mobiliário como ponto de partida para a vivência e interpretação do passado.

## **Do jogo ao aprendizado: a teoria por trás da brincadeira**

O contexto educacional atual é caracterizado por uma série de desafios, incluindo a dificuldade de engajamento dos alunos, a monotonia do ensino tradicional, o avanço rápido das tecnologias de informação e comunicação, e uma crise no interesse pelo saber nas escolas. Além disso, há uma necessidade de desenvolver habilidades diversas, como criatividade, pensamento crítico e cooperação, que muitas vezes não são totalmente atendidas pelos métodos tradicionais de ensino.

Buscar abordagens inovadoras torna-se fundamental nesse cenário porque elas podem revitalizar o processo de aprendizagem, tornando-o mais motivador, participativo e relevante para os estudantes do século XXI. Essas estratégias, como o uso de jogos de RPG, promovem a interdisciplinaridade, incentivam a criatividade, aproximam a linguagem escolar da experiência juvenil e podem favorecer o desenvolvimento de uma postura ética-política, além de estimular o interesse pelo conhecimento de forma lúdica e contextualizada. Assim, as abordagens inovadoras buscam não apenas transmitir conteúdo, mas também formar estudantes mais autônomos, críticos e criativos, aptos a lidar com o complexo mundo contemporâneo (IONTA, 2010).

O RPG (*Role-Playing Game*) é um jogo de interpretação de papéis em que os jogadores criam e atuam como personagens dentro de uma história guiada por um narrador ou mestre de jogo. Eles descrevem ações, tomam decisões e usam dados para determinar resultados, explorando cenários imaginários ou históricos. Na educação, ele ajuda a motivar os alunos, estimular a criatividade, promover discussões e facilitar a aprendizagem de forma participativa e divertida.

Ao aplicar esse jogo em contextos educativos, funciona como uma metodologia ativa que estimula a participação direta dos estudantes. Eles criam personagens, tomam decisões, resolvem problemas e trabalham em grupo para alcançar objetivos, desenvolvendo habilidades cognitivas e socioemocionais. Isso gera maior engajamento e compreensão aprofundada dos conteúdos, como apontam pesquisas em Educação. Os conhecimentos prévios dos alunos são mobilizados para enfrentar situações imaginárias, o que é fundamental para a aprendizagem significativa: o novo saber ligar-se ao que o aluno já conhece, promovendo sentido e retenção de longo prazo (FILHO, 2017).

Lev Vygotsky defende que o aprendizado ocorre pela mediação social. Instrumentos culturais e a interação com outros (professor, colegas) são essenciais para construir conhecimento. As atividades lúdicas, como o RPG, criam oportunidades de mediação na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)—região entre o que a criança já sabe fazer sozinha e o que pode aprender com ajuda—favorecendo a internalização dos conceitos e a aprendizagem significativa, sendo assim, o RPG, por promoção, discussão e negociação de papéis, torna-se um ambiente rico para essa mediação (MOREIRA, 1997). Já para Jean Piaget, o brincar permite que a criança atue livremente, experimente papéis, assimile e acomode informações. O jogo não é só entretenimento; contribui direta e ativamente para o desenvolvimento intelectual, social e moral dela. Ou seja, o RPG, como brincadeira estruturada, facilita a internalização de regras e a compreensão de papéis sociais, ao mesmo tempo em que estimula o pensamento simbólico e a resolução criativa de problemas. Ou seja, esse jogo encarna o princípio de “aprender brincando” ao tornar o processo de aprendizagem mais prazeroso, ativo e eficaz, promovendo o desenvolvimento integral do indivíduo (MOREIRA, 1997).

Agora incorporando isso diretamente na área de história, seu uso pedagógico na disciplina promove uma aprendizagem ativa e envolvente, permitindo aos estudantes vivenciar o passado como um processo dinâmico, em lugar de uma memória estática ou simplesmente memorizações de fatos. Ao interpretar personagens e tomar decisões em narrativas históricas, os alunos desenvolvem o pensamento crítico ao analisar diferentes perspectivas, causas e consequências desses eventos, estimulando uma reflexão mais profunda e contextualizada (IONTA, 2010).

Além disso, segundo Marilda Ionta (2010), o RPG favorece a empatia ao colocar os estudantes na pele de personagens históricos ou representantes de diferentes grupos sociais, ajudando-os a compreender emoções, motivações e conflitos enfrentados por esses atores em seu tempo. Essa experiência sensibiliza para as complexidades das ações humanas e para a diversidade de pontos de vista. O uso de fontes históricas é facilitado pelo RPG, pois os alunos precisam interpretar documentos, costumes e ambientes históricos para criar narrativas realistas, estimulando a pesquisa, a análise e a contextualização. Por exemplo, podem simular uma assembleia pública na Roma Antiga, um conflito de fronteira na Idade Média, uma expedição de exploradores ou um julgamento na Inquisição, tudo com base em fontes reais ou imaginadas, o que reforça a

compreensão do funcionamento das instituições, valores e relações sociais em diferentes períodos históricos.

Assim, o RPG ajuda a transformar o aprendizado em uma vivência, na qual o estudante compreende o passado não como uma memória fixa, mas como um processo contínuo de ações, escolhas e intercâmbios, favorecendo uma compreensão mais significativa e crítica da História (IONTA, 2010).

## **Colocando o RPG em prática: variações e o inesperado**

Ao preparar um RPG didático, o professor assume o papel de “mestre do jogo” — o guia da experiência. Para isso, é importante reunir alguns recursos que tornem a atividade envolvente, mas sem complicar, não é preciso um castelo para viver uma aventura histórica em sala de aula. Se tem algo que você pode esperar ao aplicar um RPG didático... é o inesperado. E tudo bem! Diferente de uma aula expositiva, o RPG coloca os alunos em posição de protagonistas, e isso significa que decisões imprevisíveis, ideias criativas (ou caóticas), confusões e até silêncios fazem parte da jornada.

Por exemplo, quando um grupo sair do “roteiro esperado” ou interpretar algo de maneira “criativa demais”, se pergunte se isso ainda está dentro do tema história, se as pistas estão sendo usadas de forma coerente e até se a hipótese pode gerar debate com os outros grupos, se forem respostas positivas, siga em frente. A História é feita de interpretações e seu papel como docente, e mediador no jogo, é guiar com coerência e não rigidez. Nesses casos, é possível preparar rotas alternativas, reorientando para o foco sem frustrar a criatividade dos discentes. Além, é claro, de se manter atento às falas dos grupos, às vezes, uma frase solta que for, pode virar gancho para aprofundar o conteúdo programado, o que até mesmo fortalece o processo de ensino-aprendizagem.

Mas e se o jogo se dispersar completamente? É preciso reconduzir ao objetivo, para isso utilize perguntas-chave, evitando interromper bruscamente. Recentre a turma com pequenas instigações, como perguntar o que as fontes mostraram até agora, se a explicação faz sentido para o contexto da época ou o que o grupo do passado ganharia ou perderia com determinada decisão. É normal que nem todos os grupos terminem sua missão, que sobre tempo ou falte tempo, ou que uma ideia leve a um debate mais longo do que o esperado. Não encare isso como falha. A flexibilidade faz parte do sucesso de um

RPG didático. Ao final, o que mais importará é se os estudantes pensaram historicamente, interpretaram as fontes e fizeram perguntas.

## Como avaliar o aprendizado

Uma das maiores dúvidas dos professores ao usar RPG em sala de aula é como avaliar isso. É natural pensar que jogos e brincadeiras não combinam com avaliação — mas na verdade, combinam muito. O segredo está em avaliar o processo de aprendizagem histórica, e não o desempenho teatral, a velocidade ou o acerto das “respostas”. Aqui desenvolveremos algumas formas para que você consiga realizar uma avaliação processual ao aplicar nosso material.

O foco do RPG é provocar o aluno a pensar como um historiador. Por isso, você pode observar e valorizar a construção do pensamento histórico, considerando a forma como o grupo interpreta as fontes, a capacidade de levantar hipóteses coerentes com o contexto, a articulação entre diferentes tipos de fonte (textual, visual, material) e a qualidade da argumentação durante a apresentação ou debate. Uma dica é criar rubricas simples, com critérios como compreensão do contexto, uso de fontes, organização da narrativa e cooperação em grupo. Você também pode encerrar a aula com um *ticket de saída*<sup>36</sup>, onde haverá uma pergunta escrita rápida que cada aluno responderá individualmente, mas pode ser incrementado com quaisquer perguntas que achar pertinentes, como qual fontes foi mais importante durante a investigação e por quê, o que foi aprendido sobre o uso de símbolos no passado ou se ele pudesse voltar no tempo, o que perguntaria aos personagens da história estudada.

Dentro isso, como o foco está no processo e não no resultado, nem todo grupo terminará a missão, portanto é importante observar quem contribuiu ativamente com o grupo, quem levantou hipóteses relevantes, quem fez perguntas que ajudaram a avançar e quem mostrou curiosidade e “espírito investigativo”. Porém, isso pode ser complementado com a proposta de uma atividade posterior de sistematização, pedindo aos educandos que produzam um pequeno relatório com base nas pistas e conclusões; escrevam uma carta “do personagem”, utilizando o que aprenderam; criando um mapa mental sobre os símbolos e seus significados políticos; comparem um símbolo do jogo com

---

<sup>36</sup> Encontrado no presente material.

um símbolo atual como uma bandeira governamental. As possibilidades são infinitas, quanto mais criatividade no produto final, melhor.

Ao avaliar o RPG, não se mede se os estudantes “jogaram bem”, mas se pensaram como sujeitos históricos. A avaliação, nesse caso, é uma forma de enxergar a profundidade das conexões, realizadas por eles, com o passado, é também uma oportunidade para você perceber o que funcionou e o que pode melhorar na próxima aventura.

## Plano de aula: uma proposta de como utilizar o presente RPG

| Plano de Aula                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |               |              |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------|--------------|
| <b>Disciplina:</b>                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | História      |              |
| <b>Ano (série):</b>                                                                                                                                                                                           | 2º ano                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | <b>Nível:</b> | Ensino Médio |
| <b>Horário da aula/tempo de duração da aula:</b>                                                                                                                                                              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |               |              |
| 100 minutos (2h aula).                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |               |              |
| <b>Tema</b>                                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |               |              |
| Símbolos do poder e cultura material no período napoleônico: uma abordagem investigativa por meio de fontes históricas.                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |               |              |
| <b>Objeto(s) de Conhecimento previsto(s) na BNCC</b>                                                                                                                                                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |               |              |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Cultura, identidade e patrimônio;</li> <li>• Práticas de investigação histórica: uso e análise de fontes;</li> <li>• Representações e discursos de poder.</li> </ul> |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |               |              |
| <b>Objetivos</b>                                                                                                                                                                                              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |               |              |
| <b>Objetivo geral:</b>                                                                                                                                                                                        | Promover a investigação, por meio da análise de fontes históricas visuais, textuais e materiais, como símbolos e objetos foram utilizados na construção do poder político no período napoleônico, estimulando o pensamento crítico e a compreensão do papel da cultura material na história.                                                                                                  |               |              |
| <b>Objetivos específicos:</b>                                                                                                                                                                                 | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar elementos simbólicos presentes em móveis e objetos do período napoleônico;</li> <li>• Relacionar os símbolos aos discursos de poder e identidade política do Império;</li> <li>• Utilizar fontes históricas para produzir uma narrativa coerente e argumentativa;</li> <li>• Desenvolver habilidades de análise, inferência e</li> </ul> |               |              |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | <p>interpretação crítica de fontes;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender como a cultura material atua na construção da memória e da autoridade.</li> </ul> |
| <b>Habilidades Previstas na BNCC (com código)</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                                                                                                                                                                                |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• (EM13CHS106): Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e de diferentes gêneros textuais e as tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.</li> <li>• (EM13CHS102): Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais da emergência de matrizes conceituais hegemônicas (etnocentrismo, evolução, modernidade etc.), comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.</li> <li>• (EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de natureza qualitativa e quantitativa (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos, gráficos, mapas, tabelas etc.)</li> </ul> |                                                                                                                                                                                |
| <b>Conteúdo</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Cultura material e história: móveis e objetos como fontes;</li> <li>• Símbolos políticos no período napoleônico: águias, abelhas, coroas de louro, colunas;</li> <li>• Estilo Império e construção de identidade imperial;</li> <li>• Prática da investigação histórica: análise de fontes visuais, textuais e historiográficas.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                |
| <b>Metodologia</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |                                                                                                                                                                                |
| <p>Aula estruturada em forma de RPG didático com narrativa investigativa e divisão de papéis, permitindo aos alunos atuarem como “historiadores” de campo. (É preciso que os estudantes tenham conhecimento prévio sobre o contexto do governo napoleônico).</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                |

**Introdução narrativa do mistério histórico (5 minutos) - recursos: voz e ficha de abertura do RPG**

Apresentação do mistério do palácio e do desafio investigativo (ficha de abertura do RPG disponível no presente documento).

**Explicação sobre análise de fontes e divisão dos grupos (10 minutos) - recursos: roteiros de análise iconográfica e voz**

Sortear os papéis ou organizar a turma por afinidade/interesse e explicar o breve roteiro de análise iconográfica do mobiliário disponibilizado no material, demonstrando ser apenas norteador, não delimitador de análise.

**Distribuição de fichas e pistas (5 minutos) – recursos: fichas dos personagens e pistas impressas ou projetadas**

Assim que todos dispostos em grupos, entregar as fichas de personagens e das pistas, explicação dos papéis de cada personagem e da análise iconográfica que se espera.

**Análise das pistas em grupo e formulação das hipóteses (25 minutos) – recursos: voz**

Deixar que os grupos debatam entre si sobre as hipóteses e realizem pesquisas para complementação, enquanto isso, circular por entre eles e fazer perguntas instigadoras. Anotar as falas também, para que possam ser usadas em um futuro debate em turma.

**Rotação dos grupos para checagem cruzada (10 minutos) – recursos: voz**

Abrir espaço para que os grupos compartilhem as informações internas entre si, promovendo um debate entre todos da turma.

**Síntese final por grupo com produção de narrativa e evidências (20 minutos) – recursos: voz**

Deixar um tempo para os grupos se reorganizem em suas hipóteses, após debate, e montem painéis para apresentação das conclusões.

**Apresentação das conclusões ao “museu” da turma (20 minutos) – recursos: voz, papel, cola e canetas**

Pedir para que cada grupo apresente suas conclusões para serem incorporadas ao museu da turma. Promover perguntas reflexivas para o debate em sala de aula, formando uma teoria coerente e bem explicada sobre o que foi descoberto.

**Avaliação final (5 minutos) – recursos: voz e *ticket* de saída**

Avaliação formativa individual: entregar os *tickets* de saída presentes no material para que os alunos coloquem suas reflexões pessoais, podendo deixar para serem entregues em uma próxima aula.

**Total:** 100 minutos.

**Recursos didáticos**

- Projetor para apresentação de *slides* com os móveis e símbolos;
- Dispositivos que possibilitem pesquisas *online*;
- Fichas dos grupos (papéis e missões) – impressas;
- Fichas de pistas (fontes visuais, textuais e historiográficas) – impressas;
- Cartolina ou quadro para síntese coletiva;
- Ficha de “Ticket de Saída” para avaliação final
- Quadro e pincel para possíveis anotações de debate;
- Jogo de RPG desenvolvido por nós;
- Canetas, marcadores, cola (caso desejem montar painéis).

**Avaliação**

Formativa e processual: Observação da participação e envolvimento dos alunos nas discussões e reflexões durante a aula; engajamento na investigação e cooperação em grupo; capacidade de descrever, contextualizar e inferir a partir das pistas; relação entre hipóteses e evidências coletadas; clareza, coerência e criatividade na apresentação da história dos objetos; capacidade de avaliar as fontes e compreender o papel dos símbolos no poder político.

Avaliação escrita: descrição de quais evidências foram mais importantes para suas

conclusões e por quê.

### Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em:

[https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC EI EF 110518 versao final site.pdf](https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 02 ago. 2025.

CAMPELLO, Lorena de Oliveira Souza; CRUZ, Talyson Raony Santos; SANTOS, Lilia dos. **Uso de fontes históricas em sala de aula e a construção do conhecimento histórico**. Anais da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT) do IFS, v. 2, n. 1, p. 363-367, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ifs.edu.br/periodicos/SNCT/article/view/989>. Acesso em: 24 jun. 2025.

CUNHA, Rodrigo Moraes. Utilizando RPG em sala de aula. **Revista Científica Semana Acadêmica**. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/utlizandorpgemsaladeaula.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2025.

FILHO, Neurivaldo José de Guzzi; BELLO, Maria Elvira do Rego Barros; SANTOS, Fabiana Sena dos; SANTOS, Laura Sued Brandão; PEIXOTO, Carine Alves dos Santos. **Roleplaying Game (RPG): Um material potencialmente significativo para aprendizagem de conceitos em Ciências**. XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC – 3 a 6 de julho de 2017. Disponível em: <https://abrapec.com/enpec/xi-enpec/anais/resumos/R0921-1.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2025.

FREIRE, Paulo. **Considerações em torno do ato de estudar**. In: Ação Cultural para a Liberdade, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 5 Ed., 1981.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com a própria história**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1968.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.

IONTA, Marilda. Aprender e ensinar história: os jogos de rpg na sala de aula. **Revista Ponto de Vista**, v. 6, n. 1, p. 23-29, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RPV/article/view/9168>. Acesso em: 01 ago. 2025.

MOREIRA, M.A.; CABALLERO, M.C.; RODRIGUEZ, M.L. (orgs.). **Actas del Encuentro Internacional sobre el Aprendizaje Significativo**. Burgos, Espanha. pp. 19-44, 1997.

PACHECO, Soênia Maria; AMARAL, Ricardo Ribeiro do. **Experimentando o RPG pedagógico: a interdisciplinaridade na sala de aula**. VIII Congresso Internacional de Tecnologia na Educação. Disponível em: [https://www.rpgnaescola.com.br/gallery/69368a572dd675e7da23be2f640088a3\\_P\\_LINARIDADE-NA-SALA-DE-AULA.pdf](https://www.rpgnaescola.com.br/gallery/69368a572dd675e7da23be2f640088a3_P_LINARIDADE-NA-SALA-DE-AULA.pdf). Acesso em: 01 ago. 2025.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. **O que pode o ensino de História? Sobre o uso de fontes na sala de aula**. Lume: Repositório digital da UFRGS, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 113-128, dez. 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31560/000697736.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 ago. 2025.

XAVIER, Raphael. RPG e o ensino de História: diálogos e perspectivas. **Revista Encontros de Vida**, v. 7, n. 1, p. 86-93, 2011. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/encontrosdevista/article/view/4447>. Acesso em: 01 ago. 2025.

## Fichas do jogo

A seguir estarão todas as fichas necessárias ao jogo, prontas para serem impressas. Elas encontram-se na seguinte ordem:

1. Ficha de abertura do RPG: é uma ficha introdutória que contém um texto a ser lido no início do jogo, garantindo uma ambientação e entendimento da missão dos estudantes durante a aula.
2. Roteiro de análise iconográfica do mobiliário: ficha norteadora com questões a serem analisadas no mobiliário apresentado, imitando uma carta do museu aos grupos, ela deve apenas direcionar e não restringir as observações.
3. *Ticket* de saída: atividade escrita com a pergunta: “Se você pudesse deixar um bilhete escondido dentro do palácio para ser encontrado no futuro, o que ele diria sobre os símbolos, objetos e intenções de quem viveu ali?”. Esse questionamento convida o estudante a síntese, imaginação histórica e perspectiva crítica, incentivando a pensar sobre legado, memória e narrativa histórica – todos os pontos centrais do RPG.
4. Fichas de personagens: fichas que descrevem o objetivo de cada grupo com a coleção do museu, elas devem nortear os resultados a serem apresentados ao museu da turma por cada equipe. Possuem também espaço para as anotações das discussões durante a aula.
5. Imagens a serem analisadas iconograficamente: imagens selecionadas para serem analisadas pelos estudantes, podendo ser acrescentadas pelo professor que irá aplicar a atividade

# BEE NEWSS

## FICHA DE ABERTURA

FIQUE SABENDO DE TUDO QUE ACONTECE POR AQUI! SEMPRE ZUNINDO AS MELHORES NOVIDADES!

UMA MISSÃO PARA  
QUEM TEM OLHAR DE  
INVESTIGADOR

## O MISTÉRIO DOS SÍMBOLOS DO PALÁCIO

TODOS  
QUEREMOS  
SABER!

### O MISTÉRIO DO PALÁCIO DOS IMPERADORES

Por que esses  
objetos  
estavam  
escondidos?

Quem os  
mandou fazer?

**D**urante uma reforma no antigo Palácio dos Imperadores, uma sala secreta foi descoberta. Escondida atrás de tapeçarias empoeiradas, ela guardava móveis antigos, tapeçarias suntuosas e objetos enigmáticos: tronos com abelhas douradas, cômodas com colunas esculpidas, tecidos com águias e co-

roas de louro.

Tudo parecia cuidadosamente preservado... mas também misteriosamente esquecido.

Para desvendar esse mistério, quatro grupos foram contratados para analisar as peças encontradas: os Arquivistas do Tempo, os Curadores de Artefatos, os Intérpretes dos Símbolos Perdidos e os Cronistas da Memória.

O que  
significavam  
esses  
símbolos que  
se repetem  
por toda  
parte?

O que eles  
queriam  
comunicar à  
sociedade da  
época?

## SUA MISSÃO

### Sua equipe de investigadores do tempo

*Junte-se com seu grupo para a missão*

Você faz parte de uma equipe de investigadores do tempo: um grupo de especialistas encarregado de decifrar os segredos dessa sala esquecida. Para isso, você precisará observar os detalhes dos objetos, analisar os símbolos visuais, ler documentos antigos e reunir tudo em uma narrativa histórica coerente.

### Como jogar?

*Com ajuda tudo ficará mais fácil!*

Você fará parte de um grupo com uma função especial, para isso, receberão pistas que devem ser analisadas com atenção. Ao final, cada grupo apresentará ao museu sua reconstrução da história!

Os portões já estão abertos...

As pistas estão por toda parte...

O passado está esperando para ser desvendado.



**Análise iconográfica  
no mobiliário**

# *Roteiro de estudo*

**Querido pesquisador,**

Sabemos que as vezes pode ser difícil analisar novas fontes para o museu, pensando nisso, fizemos um pequeno roteirinho para te ajudar! Mas não se prenda a ele para sua análise, hein! Contamos com sua criatividade.

**Passos para análise histórica de móveis:**

1. Identificação do período e estilo: análise dos tipos de madeiras, acabamentos, formas, símbolos...
2. Análise da construção e técnicas: observar as técnicas de montagem, detalhes decorativos, pinturas, materiais...
3. Investigação do fabricante e contexto: procurar por marcas e assinaturas, reputação do fabricante e contexto social, econômico e tecnológico da época que foi fabricado.
4. Estado de conservação: pontuar danos e desgastes, também possíveis restaurações já realizadas.
5. Influências culturais: explorar como o móvel se encaixava nos estilos de vida e ambientes da época

**Lembre-se: móveis refletem mudanças nos hábitos e costumes!**

**Desejamos sorte!  
Equipe do Museu dos  
Imperadores**

# TICKET DE SAÍDA

SE VOCÊ PUDESSE DEIXAR UM BILHETE ESCONDIDO DENTRO  
DO PALÁCIO PARA SER ENCONTRADO NO FUTURO, O QUE ELE  
DIRIA SOBRE OS SÍMBOLOS, OBJETOS E INTENÇÕES DE QUEM  
VIVEU ALI?

VOCÊ FOI INCRÍVEL! NÃO TERÍAMOS CONSEGUIDO SEM SUA AJUDA!

TICKET N° 0123-4



**JÁ ESTAMOS COM SAUDADES DA SUA  
VISITA!**

Museu dos Imperadores

# ARQUIVISTAS DO TEMPO

Guardam as palavras do passado  
para revelar seus significados  
escondidos

**Função: conectar objetos encontrados às intenções de quem os encomendou**

**Perguntas-chave: quem encomendou essas peças? Em que contexto: o que eles revelam sobre os símbolos e suas funções?**

[illegible]

**Esperamos ansiosos suas anotações!**

Museo los  
Imperadores

# CURADORES DE ARTEFATOS

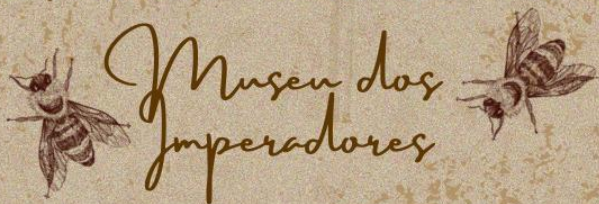
**Especialistas em cultura material, identificam estilos, materiais e padrões nos objetos**

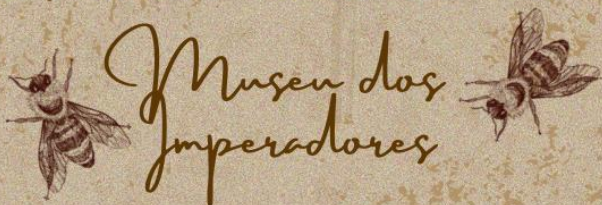
**Função: revelar o que a aparência dos objetos diz sobre seu uso e prestígio.**

**Perguntas-chave: que história esses objetos contam sem dizer uma palavra?**

[illegible]

**Esperamos ansiosos suas anotações!**





# CRONISTAS DA MEMÓRIA

## Transformam pistas em narrativa: são os bardos da História

**Função: apresentar uma teoria coerente e bem explicada sobre o que foi descoberto, analisando os locais de circulação das peças coletadas**

**Perguntas-chave: o que o acesso a essas peças contava sobre a hierarquia social da época? Como isso demonstrava o poder de algumas classes?**

This image shows a single sheet of cream-colored paper with horizontal blue or grey ruling lines. The paper has a slightly textured appearance. In the background, there is a very faint, large-scale illustration of a plant, possibly a lily or a similar flower, which is barely visible through the paper's texture. The overall tone is warm and aged.

**Esperamos ansiosos suas anotações!**

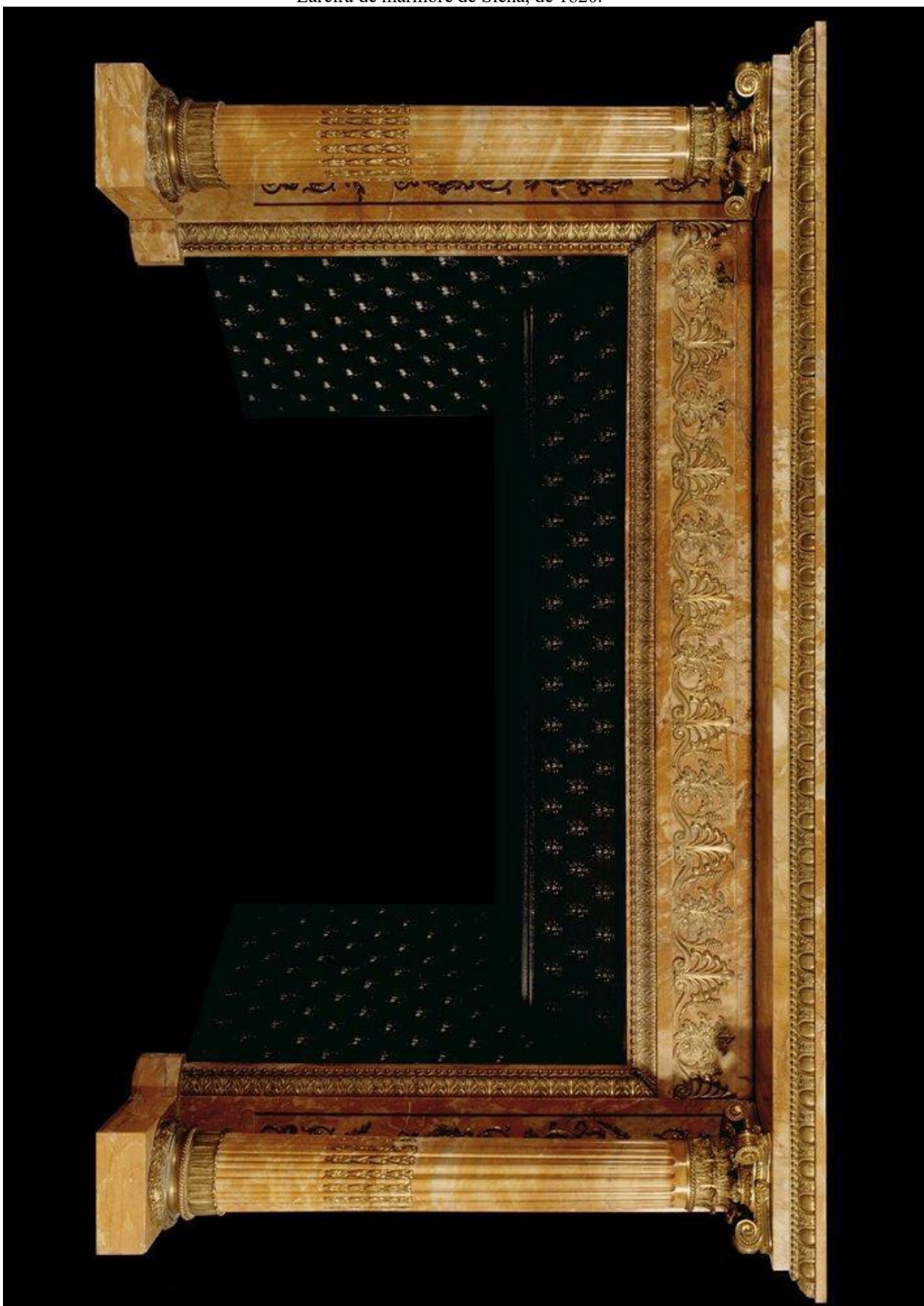
Museo los  
Imperadores

Trono de Napoleão, projetado para o castelo de Saint-Cloud.



Fonte: Museu do Louvre / Département des Objets d'art du Moyen Age, de la Renaissance et des temps modernes, 2012.

Lareira de mármore de Siena, de 1820.



Fonte: Thornhill Galleries. Disponível em: <https://www.thornhillgalleries.co.uk/item/stock-number-2886/>.  
Acesso em: 31 jul. 2025.

Trono do Senado de Napoleão Bonaparte.



Fonte: Etons of Bath. Disponível em: <https://www.etonsofbath.com/inspiration-from-history/empire-style-in-regency-interiors/>. Acesso em: 31 jul. 2025.

Caixa de correio pessoal de mogno de Paulina Bonaparte (Princesa Borghese).



Fonte: Associação Britânica de Antiquários. Disponível em: <https://www.bada.org/object/paulina-bonapartes-princess-borghese-personal-mahogany-letterbox>. Acesso em: 31 jul. 2025.



## *Um RPG investigativo sobre poder, símbolos e cultura material no Império Napoleônico*

Durante uma reforma no antigo Palácio dos Imperadores, operários descobrem uma sala secreta, escondida atrás de tapeçarias pesadas. No interior, uma coleção de móveis luxuosos, tapeçarias bordadas e objetos misteriosos: tronos com abelhas douradas, cômodas com colunas e águias esculpidas, símbolos repetidos em cada detalhe.

**O tempo passou, mas a dúvida ficou: Quem mandou fazer esses objetos? O que esses símbolos queriam comunicar? E por que estavam escondidos?**

Agora, um grupo de investigadores do tempo — seus discentes — recebe a missão de resolver esse enigma histórico. Divididos em equipes, eles devem analisar objetos, decifrar símbolos, ler cartas antigas e cruzar pistas para reconstruir a história por trás da decoração imperial de Napoleão Bonaparte.

Embarque com sua turma nessa aventura onde o passado se revela nos detalhes e onde a história é escrita por quem ousa investigar.

